

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado em Educação



Dissertação

**Tramando sonhos:
infâncias e representações**

Tatiani Müller Kohls

Pelotas, 2018.

TATIANI MÜLLER KOHLS

**TRAMANDO SONHOS:
INFÂNCIAS E REPRESENTAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de mestrado em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Denise Marcos Bussoletti

Pelotas, 2018.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

K79t Kohls, Tatiani Müller

Tramando sonhos : infâncias e representações / Tatiani Müller Kohls ; Denise Marcos Bussoletti, orientadora. — Pelotas, 2018.

133 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Infâncias. 2. Sonhos. 3. Representações. I. Bussoletti, Denise Marcos, orient. II. Título.

CDD : 370

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

Banca examinadora:

Professora Dr.^a Denise Marcos Bussoletti
Orientadora
Universidade Federal de Pelotas – PPGE

Professora Dr.^a Lourdes Frison
Banca Examinadora
Universidade Federal de Pelotas – PPGE

Professora Dr.^a Aline Accorssi
Banca Examinadora
Universidade Federal de Pelotas – PPGE

Professora Dr.^a Helene Gomes Sacco
Banca Examinadora
Universidade Federal de Pelotas – Centro de Artes

*Dedico às crianças, que sonham e resistem e que, na voz de Helena me
conduziram até o país dos sonhos...*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Zilma e meu pai Eldomar, pela vida.

Às minhas irmãs Daiane e Andressa, pelo companheirismo e amor.

Aos meus sobrinhos, Gabriel e Sophia por me ensinarem a cuidar e a amar de forma incondicional.

À minha orientadora Denise Bussoletti, por ter acreditado nesse projeto e por ter me incentivado no caminho da pesquisa e por me permitir voar por lugares inimagináveis.

Aos colegas e amigos/as do GIPNALS, pelas trocas e pelo carinho. Em especial, agradeço à Angelita Ribeiro, ao Ariel Roja, ao Cleber Sadoll, ao Leandro Haerter, à Eliana Braz e ao Hécio Fernandes.

Ao Felipe Martins, pelo companheirismo e amizade que se consolidou nos caminhos da pesquisa e da vida.

À Bruna Borges, querida Mariposa, pela inspiração, pela poética e pela parceria nessa trajetória.

Ao Ewerton Mello, e demais amigos que se consolidaram através do PET Fronteiras: Saberes e Práticas Populares.

À amizade de sempre do Carlos Guilherme Madeira.

Ao Eduardo Saraçol, companheiro de todas as horas, pelo amor, pelo incentivo e pela calma.

Aos demais amigos e amigas, colegas e professores/as que se fizeram presentes nessa trajetória.

À CAPES pelo incentivo à pesquisa.

RESUMO

KOHL, Tatiani Müller. **Tramando sonhos: infâncias e representações**. 2018. 133f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Esta dissertação busca acessar e permitir a reflexão sobre as representações oníricas infantis e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo. Possui como objetivos: ampliar nossos conhecimentos sobre o universo de significados e representações infantis, focando-se nos sonhos e no princípio de esperança; dialogar com os estudos culturais críticos, visando o lugar de infância enquanto uma crítica da cultura; e por fim, pensar a escrita de pesquisa nas infâncias enquanto um exercício de alteridade. O sonho é compreendido enquanto sonho acordado e crítica da cultura a partir das contribuições de Walter Benjamin (2006), como esperança baseada em Ernst Bloch (2005), e ainda, como devaneio de acordo com Gaston Bachelard (1985). Por meio das contribuições da sociologia da infância (SARMENTO 2005), evidencio a criança como produtora de conhecimentos e de cultura, e assumo a poética como eixo de tradução das culturas das infâncias (BUSSOLETTI, 2007). Parto de uma abordagem de pesquisa através dos pressupostos da etnografia surrealista (CLIFFORD, 2008), possuindo o filtro dos sonhos como elemento de aproximação do universo infantil. A partir de uma escrita em fragmentos (BENJAMIN, 2006), penso a montagem como um desvio possível, que me permite transitar por uma escrita e experiência poética das infâncias. Tomando as infâncias e os sonhos enquanto um momento de reflexividade, as representações se revelam como testemunhos de uma cultura, despertam e evidenciam o mal-estar cultural em que vivemos.

Palavras-chaves: infâncias; sonhos; representações.

ABSTRACT

KOHL, Tatiani Müller. **Trancing dreams: childhoods and representations**. 2018. 133f. Dissertation (Master's degree in Educacion) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

This dissertation seeks to access and allow reflection on the childhood dream representations and the multiple ways children have of seeing and understanding the world. It aims to expand our knowledge about the universe of meanings and representations of children, focusing on dreams and the principle of hope; dialogue with critical cultural studies, aiming at the place of childhood as a critique of culture; and finally, to think of research writing in childhood as an exercise of otherness. The dream is understood as a waking and critical dream of culture as the contributions of Walter Benjamin (2006), as a hope based on Ernst Bloch (2005), and as a daydream according to Gaston Bachelard (1985). Through the contributions of the childhood sociology (SARMENTO 2005), I understand the child as a producer of knowledge and culture, and I take poetry as the axis of translation cultures childhood (BUSSOLETTI, 2007). I take an approach through the assumptions of surrealist ethnography (CLIFFORD, 2008), possessing the dream catcher as an element of access to the childhood universe. From a writing in fragments (BENJAMIN, 2006), I think of the montage as a possible deviation, which allows me to go through a writing and poetic experience of childhood. Taking childhoods and dreams as a moment of reflexivity, the representations are revealed as testimonies of culture that awaken and evidence the cultural malaise in which we live.

Keywords: childhoods; dreams; representations.

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FaE	Faculdade de Educação
GIPNALS	Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade
NALS	Núcleo de Arte Linguagem e Subjetividade
PET	Programa de Educação Tutorial
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
UFPEl	Universidade Federal de Pelotas

Sumário

Primeiro Nó	09
Não há mais sonhos	21
Pelos Nós da Trama.....	35
Encontrando os sonhos	48
Desvios – percursos metodológicos	56
Viagem ao país dos sonhos	67
Os sonhos de Helena – os sonhos da princesa	78
O país dos sonhos – onde Helena solta seus sonhos pelo ar	84
Nisso ninguém mexe!	93
Era uma vez uma outra vez.....	97
O último Nó é só mais um Nó.....	112
Referências	115
Apêndices	123

Primeiro Nó

“Que história as infâncias podem nos contar através dos sonhos?” A partir dessa questão norteadora, esta dissertação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa: Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS), busca pensar as representações infantis¹ do sonho, compreendido como “despertar”, a partir de uma perspectiva benjaminiana, e articulado com o princípio da esperança² (BLOCH, 2005). Busca, também, uma aproximação com a perspectiva da sociologia da infância (SARMENTO, 2005) e considera a poética como um dos eixos das gramáticas das culturas da infância e esta como crítica da cultura (JOBIM E SOUZA, 2009; BUSSOLETTI, 2007).

Dessa forma, essa pesquisa buscou acessar e permitir a reflexão sobre as representações oníricas infantis e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo. Ampliando assim, nossos conhecimentos sobre o universo de significados e representações infantis, focando-se nos sonhos e no princípio de esperança; dialogando com os estudos culturais críticos, visando o lugar de infância enquanto uma crítica da cultura; e por fim, buscou-se pensar a escrita de pesquisa nas infâncias enquanto um exercício de alteridade.

¹ O conceito de representações infantis será abordado posteriormente a partir das contribuições de Moscovici (2003).

² O princípio da esperança elaborado por Bloch, discorre sobre os sonhos diurnos, sobre o que esperamos e o que nos espera. O autor fala sobre os sonhos de uma vida melhor. “Certa vez, alguém foi para bem longe para aprender a temer. No passado próximo, conseguia-se isso com mais facilidade e proximidade; essa arte de temer era dominada de forma assustadora. Agora, porém, deixando de lado os artesões do medo, é o momento para um sentimento mais condizente conosco” (BLOCH, 2005, p. 13). Esse sentimento do qual Bloch fala é a esperança. Essa questão será abordada nos próximos fragmentos.

Como forma de aproximação do universo infantil, foram realizadas oficinas de filtro dos sonhos³, que podem ser pensadas também como uma proposição artística, visando a troca de histórias e experiências acerca dos sonhos, enquanto crítica da cultura (BENJAMIN, 2006; 2013b; JOBIM E SOUZA, 2009), na qual as crianças puderam expor as suas próprias realidades.

Dizendo do que se trata esse texto, gostaria de apresentar a forma que foi pensada e organizada a estrutura dessa escrita. Confesso que gostaria de iniciar esse texto pelo fragmento que vem a seguir. Se pudesse deixaria como aviso: “Este não é o começo! Pulem para a próxima seção”. A próxima seção também não é o começo, mas gostaria que a/o⁴ leitora/or se deixasse levar e se descobrir pela leitura dessa dissertação sem um determinado roteiro de como foi escrita.

O que posso dizer é: não sigam pela linha reta! Pois não há como narrar essa história pelo início. Há vários fatos, encontros e caminhos que se cruzam para que essa história aconteça. E essa narrativa se trata de uma grande trama, da qual não há um tempo recorrente. Assim também se dá minha escrita, às vezes em 1ª pessoa do singular e em outros momentos, em 3ª pessoa do plural. Considero que isto faz parte do processo de constituição da autoria e de busca por um estilo de escrita acadêmica que por estas referências se constrói e articula.

Nesse sentido, para que a compreensão do que quero dizer fique um pouco mais clara, imagino metaforicamente, uma teia de aranha, na qual cada ponto é um novo encontro, um novo acontecimento, uma nova história. Não há como olharmos para um fragmento dessa teia e deduzirmos o ponto de início, nem mesmo o tempo em que se apresenta. Assim, o passado, o presente e o futuro oscilam, vou e volto no tempo... e a escrita se mostra como se através de fragmentos.

A ideia de fragmentos parte de uma perspectiva benjaminiana como parte do método de escrita...

³ A forma que foram conduzidas as oficinas será apresentado nos próximos fragmentos.

⁴ Ressalto que utilizarei nesse texto a linguagem inclusiva. Entendo que a língua portuguesa carrega em si marcas de opressões, quando, por exemplo, utilizamos de uma abordagem masculina para nos referirmos ao plural ou ao universal. Nesse sentido, a linguagem assume um caráter discriminatório e sexista. Assim, opto pela utilização de “a/o” nas palavras que se referem tanto ao feminino como ao masculino, bem como a escrita das palavras no gênero feminino e masculino quando necessária.

Método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas, nem me apropriarei de formulações espirituosas. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os (BENJAMIN, 2006, p. 502 [N 1a,8]).

Benjamin (2006) no seu projeto das Passagens mostra como era vivenciada a Paris do início do século XX, a partir de fragmentos textuais e citações suas e de outros autores. Assim, ao falar de Paris, Benjamin fala também de outras metrópoles, tomando os resíduos, os farrapos, os restos como ponto de partida. Inspirada por esta perspectiva, penso a montagem como um desvio possível que me permite transitar por essa escrita e experiência poética das infâncias.

Indo além, na perspectiva metafórica, posso ainda dizer é que a escrita desse texto é como um filtro dos sonhos⁵, e irá se desvendando aos poucos, nos títulos, nas linhas e entrelinhas e neste processo cada nó me levará ao próximo nó, buscando conquistar uma nova trama ao final.

O filtro dos sonhos, também chamado de apanhador de sonhos, teia dos sonhos ou *dream catcher*, é um artefato de origem indígena norte-americana. Segundo a sabedoria popular, acredita-se que esse artefato pode separar as boas e más energias que circulam pela noite, fazendo com que somente os sonhos bons, carregados de mensagens importantes, passem pela teia. Neste universo de compreensão, é no ar que os pensamentos e energias circulam, e é pela pena, como elemento místico, que nossos sonhos e desejos são transmitidos ao “Grande Espírito do Mundo”.

As lendas contadas sobre o filtro dos sonhos dizem que ele foi ensinado pelo espírito de uma aranha, chamada *Iktomi*, aos nativos norte-americanos. A aranha enquanto tecia, ensinou, assim, sobre os ciclos da vida, mostrando que tudo está

⁵ Diversas são as lendas em torno do filtro – ou apanhador – de sonhos. Mais informações consultar: BELOTTI, Adília. O que é um filtro de sonhos?. In: **Todos somos um**. Disponível em: <<http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/c.asp?id=05394>>; Acesso em: 15 ago. 2016. MINILUA. A lenda do filtro de sonhos. In: **Minilua**. Disponível em: <<https://minilua.com/misticismo-filtro-sonhos/>>; Acesso em: 16 jan. 2017. DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS. Filtro dos sonhos. In: **Dicionário de Símbolos**. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/filtro-sonhos/>>; Acesso em: 16 jan. 2017. IRMANDADE NATUREZA DIVINA. O filtro dos sonhos. In: **Irmandade Natureza Divina**. Disponível em: <<http://naturezadivina.org.br/textos/cultura-indigena/o-filtro-dos-sonhos/>>; Acesso em: 16 jan. 2017.

interligado e atribuindo ao filtro dos sonhos o poder de ajudar ao povo a ter mais clareza sobre as mensagens enviadas através dos sonhos.

A imagem da aranha aparece ainda em outras mitologias, como símbolo de criatividade, escrita e invenção de histórias. Na mitologia grega a aranha se mostra como *Aracne*, uma artesã que desafia Atena, deusa da sabedoria e das artes, para ver qual seria a mais habilidosa na arte de bordar. Atena, ao ver o trabalho realizado por *Aracne*, se enfurece e a transforma em aranha. Na mitologia africana a aranha aparece como *Ananse*, um homem considerado em algumas lendas como o criador do mundo e em outras como alguém trapaceiro, que muda sua aparência. Em uma época em que não haviam histórias no mundo, *Ananse*, depois de uma longa jornada, consegue ter acesso às histórias guardadas por *Nyame*, deus do céu que possuía todas as histórias, e as espalha pela terra (MACHADO, 2003).

Para além destas ressalvas é necessário dizer que o filtro dos sonhos tem me acompanhado não somente na pesquisa, mas também na vida. Foi no ano de 2013 que fiz meu primeiro filtro dos sonhos. Fiz o objeto a partir de um tutorial apreendido pela internet, e o dei para minha irmã. Depois do primeiro, fiz outros filtros dos sonhos e fui presenteando aos poucos e cada vez mais familiares, amigas e amigos. Logo, as pessoas começaram a fazer pedidos e assim, surgiram eventos e exposições dos quais pude mostrar o meu trabalho. Trabalho que ao longo do tempo também se tornou uma forma de renda extra, para dar conta de concluir a graduação em Ciências Sociais⁶ e posteriormente o mestrado em Antropologia⁷ e agora em Educação.

O filtro dos sonhos remete, ainda, a minha relação com o campo. Venho de uma família de agricultores da zona rural de Pelotas, e é lá que coleteo os materiais base para a confecção desse objeto. Assim, materiais como cipós⁸ de árvores, penas de aves, o cordão, e demais acessórios que desejo colocar no filtro dos sonhos, como pedras e sementes, fazem parte da minha memória, dos meus

⁶ Universidade Federal de Pelotas, concluído em 2014.

⁷ Universidade Federal de Pelotas (PPGAnt) concluído em 2016.

⁸ Planta trepadeira. É o material base utilizado para a construção do filtro dos sonhos.

lugares de infância, do meu passado, e acabam por se constituir como o suporte para a criação, para o novo, no presente e para o futuro.

Assim, ao ter esses objetos descritos acima, basta dar o primeiro nó no cipó e a partir daí começar a tramar o filtro dos sonhos. Mas não há uma regra sobre como tramar. Pode-se começar os nós pela direita, ou pela esquerda, pode-se ir e voltar na trama, pode-se dar vários nós no mesmo lugar. Nesse sentido, a trama e o Nó⁹ se relacionam neste texto não somente com o fio que é tramado em volta do cipó na construção do filtro dos sonhos, entendendo a trama como o entrecruzamento das histórias, das experiências, dos múltiplos sentidos e significados pelo qual vou tecendo essa narrativa. Desse modo, o conceito de trama é compreendido a partir de Canal (2011), que a representa como um conhecimento que parte de intercâmbios e trocas que se entrelaçam a partir das experiências e de estímulos emocionais, afetivos, sociais, teóricos, etc.

Nessa narrativa, tentarei possibilitar seu fluxo através de um conjunto de escolhas aliadas ao processo criativo da escrita, que pedem para serem lidos como Nó. Fragmento que ocupa um lugar de destaque nesta composição e que tanto o que virá a seguir, como os outros subsequentes, de agora em diante aparecerão no texto através do alinhamento do parágrafo à direita e da inclinação e diminuição do tamanho da fonte.

Queria também construir sonhos e distribuí-los, assim como a menina que distribuí estrelas.

No centro urbano de uma grande cidade, encontrei uma menina, de vestido azul e cabelos castanhos, que retirava de seus bolsos estrelas.

As estrelas possuíam cheiros e sabores diferentes, e ela as distribuía a aqueles que estavam dispostos a experimentá-las.

Queria também distribuir, não estrelas, mas sonhos. Queria reascender a chama da esperança e distribuir ao menos a esperança de sonhar.

Vi muitos sonhos jogados e esquecidos pelos cantos da cidade. Outros haviam sido perdidos. Assim, penso que muitos aceitaram o desafio de experimentar ou ter algum sonho, mas nem todos conseguiram carregá-los e sonhá-los.

Onde se encontram nossos sonhos? Estacionados? Perdidos? Ou voando por aí?

⁹ Utilizo Nó em maiúsculo me referindo ao processo de criação de escrita que compõe este texto.

Que sonhos temos sonhado?

*Construí então o meu primeiro sonho. Peguei o cipó, como disse a aranha,
e tramei a linha que conduz a narrativa da vida.*

O sonho tramado não me pertencia. O dei para minha irmã.

Assim distribuí o meu primeiro sonho.¹⁰

Alerto que esta ideia e o conjunto das outras que compõem a apresentação textual surgiram embasadas na convicção de que estes diferentes recursos poderiam me permitir mais mostrar acerca do meu movimento de busca de autoria e estilo para esta escrita de pesquisa.

Por escrita de pesquisa compreendo o processo de alteridade, que defende que a produção e construção de conhecimento só se dá a partir do encontro com um outro (AMORIM, 2004). Através de Marília Amorim posso dizer, ainda, que esses Nós se resumem também na busca de uma escrita polifônica, “[...] onde o objeto que está sendo tratado em um texto de pesquisa é ao mesmo tempo objeto já falado, objeto a ser falado e objeto falante” (AMORIM, 2004, p. 19). Assim, nesse trabalho de procura de uma escrita polifônica, surgem reflexões que partem das minhas experiências, que dialogam com as reflexões teóricas e metodológicas e que apresentam, junto a isso, as falas das crianças.

Ressalto, também, que as falas das crianças, que se expressarão através da criação de uma personagem, Helena, que se constitui na tentativa de uma escrita polifônica, que transita pela poética, e serão apresentadas nos próximos fragmentos, em recurso tipográfico do itálico, no corpo do texto, como forma de diferenciá-las das minhas reflexões. Em algumas narrativas, poderão aparecer frases ou perguntas minhas, que estarão identificadas. Na montagem do texto que segue, utilizarei fotografias realizadas nas oficinas de filtro dos sonhos que se deram como aproximação do universo infantil na busca de suas representações e sonhos¹¹.

¹⁰ Minha autoria, 2015.

¹¹ As fotografias utilizadas no decorrer do texto foram feitas por mim durante as oficinas de inserção e pesquisa desta dissertação, no segundo semestre de 2017, como forma de registro das oficinas. Para o uso de fotografias foram tomados os devidos cuidados éticos, que serão abordados no fragmento “Desvios”. Utilizarei apenas fotografias que não revelem a identidade das crianças.

Apresentarei, ainda, a partir das contribuições de Sontag (2004), as fotografias mescladas ao texto, como uma forma de expressar as reflexões em torno dos sonhos e das infâncias. O objetivo no uso das imagens fotográficas não é ressaltar a qualidade técnica ou interpretações sobre elas, mas sim, usá-las como forma narrativa junto ao texto, como parte do exercício polifônico referido, neste caso, entre texto e imagem. Ressalto ainda que legendas e fontes não serão atribuídas às imagens, visto que todas fazem parte do acervo de oficinas realizadas para esta pesquisa e se encontram armazenadas no Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade (NALS) da Universidade Federal de Pelotas. Em cada foto, busco a expressão de um sonho e de uma esperança. E, entre outras coisas, fotografo as mãos das crianças que tramam incessantemente seu caminho em direção aos sonhos.

Tudo isto faz parte do conceito de método que acompanha este trabalho, e sobre este método, melhor por Benjamin:

Dize sobre o método da composição: como tudo em que estamos pensando durante um trabalho no qual estamos imersos deve ser-lhe incorporado a qualquer preço. Seja pelo fato de que sua intensidade aí se manifesta, seja porque os pensamentos de antemão carregam consigo um telos em relação a esse trabalho. É o caso também deste projeto, que deve caracterizar e preservar os intervalos da reflexão, os espaços entre as partes mais essenciais deste trabalho, voltadas com máxima intensidade para fora (BENJAMIN, 2006: N 1,3:497).

Desta forma e seguindo este método de composição, junto os fragmentos e resíduos, assim como Benjamin propõe, e os transformo em Nós. Cada Nó que se apresentará no decorrer do texto pode ser compreendido também como a “[...] tradução de algo não visto, mas sentido e imaginado” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 380). É aquilo que a literatura de testemunho propõe, que: “[...] remete a algo ‘que de fato ocorreu’. Não é invenção, mas narração – ou mesmo, construção do ‘real’” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 382). Ou como diz Walter Benjamin (1994, p. 201) é de tudo isto que “o narrador retira da experiência o que ele conta”.

Através desse e dos outros Nós, tentarei, assim, expressar as minhas representações dos sonhos e do filtro dos sonhos como um exercício de liberdade e de criação na escrita de pesquisa nos marcos daquilo que buscará se aproximar da escrita poética e da estética surrealista. O surrealismo é um movimento de “revolta

do espírito” e “re-encantamento do mundo”, pelas palavras de Michael Löwy (2002). Esse movimento não parte de modelos ou rótulos pré-estabelecidos, que frequentemente são reduzidos a pinturas, esculturas ou poemas, Löwy vai além, e pensa o surrealismo como um “estado de espírito”.¹²

Sonho com palavras, que vão surgindo aos poucos preenchendo as páginas em branco, e nesse processo de escrita e construção dessa narrativa, me permito criar no devaneio, na liberdade e no pleno direito de sonhar¹³. A ideia de devaneio é pensada a partir de Gaston Bachelard (1985), que sustenta o conceito de imaginário artístico e do devaneio pelo qual os poetas transitam. O autor diz que o ser humano é um artesão, cria tanto na ciência como na arte. E diante do desejo de captar o poético, Bachelard faz do devaneio objeto e método, conquistando “[...] os fundamentos da legitimidade do devaneio, os motivos que tornam o sonho imprescindível à arte e à vida. Conquista o direito de sonhar” (PESSANHA,1985, p. 11).

Nesse sentido, necessito da imaginação, da criação e do devaneio para mergulhar nesses lugares e tentar dizer dessas coisas que as infâncias nos mostram, pois as infâncias não são esses lugares doces e romantizados que alguns contos nos dizem, mas podem ser também lugares de resistência ao empobrecimento da experiência dentro da sociedade capitalista (BENJAMIN,1994), que nos mostram e nos dizem de forma crítica o mal-estar cultural e social em que estamos inseridas/os.

Cabe ainda ressaltar a relevância social deste trabalho, que pode ser observada, primeiramente, através das oficinas realizadas com crianças de zonas periféricas de Pelotas, que para além de buscar as representações das infâncias e de uma proposição artística, visa pensar o lugar de resistência que essas crianças ocupam. Resistência vista e sentida, através de suas narrativas. Uma resistência que se faz pelos desvios possíveis, ou sonhos possíveis, como aborda Paulo Freire (2001). Sonhar, diz Freire (1992, p. 91-92), “faz parte da natureza humana” e “não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança”. Sonhos que se

¹² O processo de uma escrita surrealista é abordado por Bussoletti (2007), por Costa (2014), Duarte (2017) e Martins (2018) e será aprofundado nos próximos fragmentos.

¹³ O direito de sonhar é uma referência a obra de Bachelard (1985) e será posteriormente abordada.

revelam e que serão apresentados nos próximos fragmentos através da voz de Helena. Sonhos, que veem de um lugar geográfico, lugar que pode ser situado no mapa, mas são também sonhos situados no mapa da desigualdade social.

Olhar para esses sonhos, para esta infância, é olhar para um lugar, e esse lugar tem dito que...

Em 2015, estimados 5,9 milhões de crianças morreram antes de atingir 5 anos de idade, em sua maioria de doenças que podem ser prevenidas e tratadas de forma fácil e barata. Outros milhões de crianças ainda têm seu acesso à educação negado simplesmente porque seus pais são pobres ou de um grupo estigmatizado, porque são meninas, ou porque estão crescendo em países afetados por conflitos ou crises crônicas. E ainda que a pobreza esteja diminuindo globalmente, quase metade dos extremamente pobres do mundo são crianças, e muitas outras experimentam múltiplas versões da pobreza em sua vida (UNICEF, 2016, p. 04).

E ainda, especificamente sobre a educação...

A cerca de 124 milhões de crianças é negada a oportunidade de entrar na escola e completar os estudos. Desde 2011, o número global de crianças que não frequentam a escola aumentou. 38% das crianças em escola primária não aprendem a ler, escrever e fazer contas aritméticas simples. Estimados 75 milhões de crianças e adolescentes (de 3 a 18 anos) em 35 países estão em necessidade máxima de educação. Desses, 17 milhões são refugiados, internamente deslocados ou parte de outra população preocupante. Meninas em contextos afetados por conflitos têm 2,5 vezes mais probabilidade de estar fora da escola que meninas em circunstâncias mais pacíficas. Em muitos países de baixa e média renda, as crescentes disparidades em educação entre grupos sociais diferentes já aumentaram a probabilidade de conflito. Cerca de 150 milhões de crianças menores de 14 anos estão envolvidas em trabalho infantil (UNICEF, 2016, p. 06).

Tomar os sonhos e as infâncias como crítica da cultura é também olhar para esses lugares. É pensar que a relevância social desta pesquisa está em ouvir narrativas acerca dos sonhos, da esperança, para que assim, nós, adultos, possamos quem sabe nos sensibilizarmos, ao olhar pelos olhares das infâncias, aquilo que talvez já sabemos, mas que por oras, esquecemos. Olhar para esses lugares é olhar para nós mesmos, nossos reflexos no mundo... um mundo tão desumanizado...

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica etc., que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz (FREIRE, 1992, p. 99).

Freire (2001), na *Pedagogia dos sonhos possíveis*, aponta para uma educação e um mundo mais humanizado, e o compromisso político, ético e democrático, projetando sonhos de mudança, a partir de uma visão crítica da sociedade. Reavivar os sonhos, ou a capacidade de sonhar é uma forma de olharmos para a realidade e o futuro próximo. Freitas (2001, p. 28), no prefácio da obra de Paulo Freire, destaca que: “incluir-se na luta por sonhos possíveis implica assumir um duplo compromisso: o compromisso com a denúncia da realidade excludente e o anúncio de possibilidades de sua democratização [...]”. Meu compromisso, nesse sentido, se encaminha na direção de uma educação e um mundo mais humanizado, e através dos olhares das infâncias, a realidade pouco a pouco se revela, em denúncia, das barbáries existentes, e em anúncio e esperança de outros tempos.

Desse modo, neste primeiro fragmento intitulado *Primeiro Nó*, apresentei alguns elementos que dizem sobre a forma de composição e escrita desta dissertação.

No fragmento *Não há mais sonhos*, transito pelo cenário atual em que vivemos, e desviando das linhas retas, penso sobre a estética e escrita surrealista, que pelas infâncias, possa nos revelar novos olhares sobre a contemporaneidade. Apresento ainda o conceito de representação, as contribuições da sociologia da infância e a poética como eixo das gramáticas das culturas das infâncias.

No fragmento *Pelos Nós da Trama*, discorro sobre os caminhos e movimentos que se fizeram na constituição desta pesquisa, articulando o processo de Educação e as produções científicas no Brasil a respeito dos sonhos e das infâncias.

No fragmento *Encontrando os sonhos*, apresento as contribuições teóricas sobre o conceito de sonho em Walter Benjamin, como despertar e crítica da cultura; em Ernst Bloch, como esperança; e em Gaston Bachelard, como devaneio.

No fragmento *Desvios – percursos metodológicos*, reflito sobre os caminhos metodológicos da pesquisa, que se ancora em pressupostos da etnografia. Exponho ainda o processo de realização das oficinas de filtro dos sonhos e os cuidados éticos nas pesquisas com crianças.

No fragmento *Viagem ao país dos sonhos*, mostro minha inserção no universo mágico das infâncias, e Helena, enquanto personagem, assume a voz das meninas que participaram desta pesquisa.

No fragmento *Os sonhos de Helena – os sonhos da princesa*, apresento os olhares das infâncias que aos poucos se revelam.

No fragmento *O país dos sonhos – onde Helena solta seus sonhos pelo ar*, a imaginação e criação correm soltas, e um lugar outro se torna possível.

No fragmento *Nisso ninguém mexe!*, Helena agarra seus sonhos e espera e acredita que um dia seus sonhos se tornarão reais.

No fragmento *Era uma vez uma outra vez*, proponho a análise das representações, que pelos sonhos das infâncias se revelaram. Transito e reflito sobre as representações, que na voz de Helena se constituíram.

No fragmento *O último Nó é só mais um Nó*, esboço as considerações finais deste trabalho, que se propôs a refletir sobre as formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo, tento como fio narrativo os sonhos.

Apresentando esse breve “roteiro”, sigo pelas tramas e desvios que me conduzirão na busca de uma infância, que através de seus sonhos me revelam um outro olhar sobre o mundo...



Não há mais sonhos

Não há mais sonhos.

Foi abolido nosso direito de sonhar.

Apenas marchem.

Sigam a linha reta.

Desejem e consumam. Apenas.

Os sonhos não fazem mais parte desse repertório.

Não há mais nada.

Não há rosas, não há borboletas, não há caminhos... não há.

Há apenas uma linha reta.

Vivemos em tempos sombrios e somos todos prisioneiros.

Não há sonhos.

Há apenas uma página em branco com letreiros que dizem "marchem".

Marchem.

Não olhem para trás.

Não olhem para o lado.

Não pensem.

Não sintam.

Apenas trabalhem, batam a continência e não questionem.

Sigam a linha reta.

Há apenas uma página em branco com letreiros que dizem marchem. E nela um pingo de tinta azul profano.

Aqueles que se atrevem a desviar o olhar da linha reta encontrarão no pingo de tinta uma iluminação, um lampejo, uma centelha de esperança, um sopro de liberdade.

Há outras páginas em branco que dizem que os sonhos não fazem parte desse repertório.

Mas como são apenas páginas em branco, para mim nada dizem, além do fato de que nelas posso escrever uma outra história.¹⁴

Eu olho também para a página em branco pensando agora em como começar essa escrita. De fato ela já foi iniciada, mas não posso seguir pela linha reta, pois já desviei o olhar, fui contaminada pelo azul da tinta. Um pingo azul de esperança que insiste em resistir nesses dias cinzentos.

Posso dizer que o Nó acima é apenas um ensaio daquilo que ainda pode vir. Onde não há lugar para a revolta e para os sonhos, apenas baixamos a cabeça e seguimos, sentindo apenas as nuvens de desilusão que já pairam pelo ar...

Três homens estão neste momento presos sem que a menor incriminação tenha podido ser formulada contra eles. Só se poderia recriminá-los por sua luta brava contra a ameaça de guerra absurda, pelo advento de uma sociedade que estancará as próprias fontes da guerra (GRUPO SURREALISTA, 1985, p.110).

Que tempos são esses em que inocentes são presos e criminosos estão livres?

Cuidado! A detenção desses três camaradas é apenas um ensaio. Se der certo, vão-se as poucas liberdades que subsistem. A burocracia policial e democrática terá todas as condições para refrear todo pensamento livre, para fazer reinar esse terror cinza no qual começa a deleitar-se sua tirânica mediocridade (GRUPO SURREALISTA, 1985, p.111).

Dentro da atual sociedade brasileira, nunca vimos tantos direitos conquistados ao longo de anos serem ameaçados. Quando digo que não há sonhos é porque esse “terror cinza” se aproxima e a esperança parece não fazer mais parte desse contexto. O que nos sobra? Para mim nada mais do que um desencantamento¹⁵... ou um porto à espera da partida...

¹⁴ Minha autoria. Escrito entre o verão e a primavera de 2017.

¹⁵ A ideia de “desencantamento do mundo” está relacionada ao pessimismo cultural, “um olhar desencantado sobre a modernidade”, diante de uma visão de mundo romântica (LÖWY, 2014, p. 43). O romantismo, neste caso, pode ser compreendido não apenas como uma escola literária do século XIX, mas também como uma “[...] forma de sensibilidade que irriga todos os campos da cultura, uma

Talvez nunca a frase “em que tempos vivemos” tenha sido mais oportuna. Os assuntos de causar indignação correm o risco de ultrapassar a capacidade humana de indignação. Ontem, centenas de homens e mulheres, traídos em suas mais modestas esperanças, vagueavam por um oceano cujos portos todos lhes eram hostis e deveram sua salvação provisória somente a uma iniciativa de última hora (GRUPO SURREALISTA, 1985, p.110).

Dentro desses “tempos em que vivemos”, me pergunto como retomar o sonho, a esperança e o re-encantamento de uma sociedade que parece estar perdida, na qual seu governo golpista e ilegítimo encaminha reformas que cada vez mais se direcionam em um único rumo de uma linha reta, onde as pluralidades e diversidades se veem ameaçadas? Em uma sociedade que marcha em linha reta, como pensar em outras possibilidades? Como falar sobre sonhos e esperanças?

Há apenas signos a brandir. Não há mais sinais a tocar. Não há mais nada a desejar. Não há então mais nada a ver nem esperar. Os brilhos – como se diz, “lampejos de esperança” – desapareceram com a inocência condenada à morte (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 59).

Nesses tempos que se apresentam como um “terror cinza”, Benjamin nos alerta: “O dom de despertar no passado as centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer” (BENJAMIN, 1994, p. 224-225). Esse inimigo se apresenta sorrateiramente e na calada da noite, enquanto todos dormem, lança seu golpe... “nos” recrutam através de discursos “sedutores”, nos fazem marchar para um futuro “promissor”, se reúnem para discutirem e reformar “nossos” direitos, e nas propagandas de televisão vemos uma realidade anunciada que, de forma silenciosa, ganha poder. Decidem, por fim, abolir nosso direito de sonhar, descrito aqui de forma alegórica. Nesse *direito de sonhar* podem ser representados tantos outros direitos que estamos perdendo, como as reformas trabalhistas, congelamento de verbas para saúde e educação, reforma da previdência. O inimigo avança e se farta sobre o suor e trabalho do povo.

visão de mundo que se estende [...] até nossos dias, um cometa cujo ‘núcleo’ incandescente é a revolta contra a civilização capitalista-industrial moderna, em nome de certos valores sociais ou culturais do passado” (LÖWY, 2013, p. 08).

Enquanto o Brasil retorna ao mapa da fome¹⁶, o número de bilionários aumenta¹⁷. E há quem cegamente comemore. São tempos de barbárie.

Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corveia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 1994, p. 225).

É diante desse cenário, que me lanço no desafio de transitar por essa escrita de pesquisa em Educação na qual as infâncias e seus sonhos se apresentam como protagonistas desta história. Mesmo com a inocência se mostrando como se condenada à morte, acredito que as crianças possam ainda nos mostrar lampejos de esperança, nos re-apresentando um novo olhar sobre o mundo.

Como diz Didi-Huberman, e eu repito em pergunta “Os vaga-lumes desapareceram *todos* ou eles sobrevivem *apesar de tudo?*” (2014, p. 07, grifos do autor). Penso e defendo que sobreviver apesar de tudo nesse momento é resistir. É não deixar que a página em branco continue em branco. É não permitir que o céu se encubra de cinza, é, ao invés disso, encontrar caminhos que se desviam pelo azul...

Sobre o branco do espaço da página, contra as cinzas da inércia e do esquecimento, tingidas de verde incidindo sobre o azul. *Lueur glauque* – é a cor desse céu almejado como escrita, contraste da inquietante busca de uma escrita da infância que luta contra as trevas impostas pelo manto da

¹⁶ A fome volta a crescer, no Brasil e no mundo, segundo levantamento da Organização das Nações Unidas (ONU). ONUBR – Nações Unidas no Brasil. ONU: após uma década de queda, fome volta a crescer no mundo. In: **ONUBR – Nações Unidas no Brasil**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-apos-uma-decada-de-queda-fome-volta-a-crescer-no-mundo/>>; Acesso em: 28 jan. 2018.

¹⁷ ROSSI, Marina. 2017: o ano do maior aumento de bilionários da história. In: **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/17/economia/1516220669_272331.html>; Acesso em: 28 jan. 2018.

noite de uma página em branco e segue na procura de imagens que iluminem esse espaço carregado pelo peso do que ao dizer se esvai, e esvaindo-se busca o que ainda resta de luz. (BUSSOLETTI, 2007, p. 36).

Em meio a esse mundo que segue em linha reta, tento pelos desvios e tramas que se tecem contar uma história sobre os sonhos nesse contexto da contemporaneidade. E por entre essa escrita de pesquisa, sigo pela estética surrealista, e cabe apontar que uma escrita de pesquisa nesta perspectiva “[...] se dá como um abandono permissivo, traçado pelos contornos que possibilitem aos poucos deixar as ‘pesadas estabilidades’ acadêmicas” (BUSSOLETTI, 2007, p. 30).

Bussoletti (2007, p. 107) propõe uma escrita surrealista como uma tentativa de “[...] circunscrever uma estética de escrita, pelos horizontes cambiáveis e distintos da ciência e da arte, apostando nas trocas e no fazer emergir de novas possibilidades de ciência e de realidade”. A autora aponta que o surrealismo não compreende formas, rótulos ou modelos, mas sim uma postura por onde transita a liberdade e a poesia.

Para compreendermos melhor o surrealismo, parto da perspectiva de Michael Löwy, que defende que o surrealismo não é somente um movimento, mas também um “estado de espírito”:

O surrealismo não é, nunca foi e nunca será uma escola literária ou um grupo de artistas, mas propriamente um movimento de revolta do espírito e uma tentativa eminente subversiva de *re-encantamento do mundo*, isto é, de reestabelecer, no coração da vida humana, os momentos “encantados” apagados pela civilização burguesa: a poesia, a paixão, o amor-louco, a imaginação, a magia, o mito, o maravilhoso, o sonho, a revolta, a utopia. Ou, se assim o quisermos, um protesto contra a racionalidade limitada, o espírito mercantilista, a lógica mesquinha, o realismo rasteiro de nossa sociedade capitalista-industrial, e a aspiração utópica e revolucionária de “mudar a vida”. É uma aventura ao mesmo tempo intelectual e passional, política e mágica, poética e onírica, que começou em 1924 mas que está bem longe de ter dito suas últimas palavras (LÖWY, 2002, p. 09 – grifos do autor).

Löwy (2002) salienta essa busca de *re-encantamento* do mundo pelo surrealismo e a transformação da sociedade. Nesse sentido, me aventuro pelo surrealismo, transitando pela arte e pela ciência, na tentativa de uma escrita que pela infância se revele como possibilidade desse re-encantamento, nos lançando para novos olhares sobre a contemporaneidade. Faço ainda desta escrita um lugar

de reflexão e de resistência, que foge da linha reta e busca enxergar os lampejos e pingos.

Nessa perspectiva, para se pensar nesses olhares das infâncias e suas representações, tomo como base o conceito de “re-apresentar”, sendo:

Tanto re-apresentação e, portanto, cópia fiel da realidade – como interpretação. É, pois, um misto de pré-ciência, ainda nos estágios de descrição do real, e de teatro, em que atores criam um mundo imaginário, reflexo também do mundo em que vivemos – um exemplo como queria Wittgenstein, do poder da linguagem de criar o mundo (SPINK, 2004, p. 07).

As contribuições das representações sociais são articuladas através do campo da Psicologia Social, cuja conceituação foi proposta por Serge Moscovici (2003), e sistematizada por Denise Jodelet (2005), referindo-se a um conjunto de fenômenos sociais e ressaltando sua importância dizendo que: “Elas nos guiam na maneira de nomear e definir em conjunto os diferentes aspectos de nossa realidade cotidiana, na maneira de interpretá-los, estatui-los e, se for o caso, de tomar uma posição a respeito e defendê-la” (JODELET, 1993, p. 01). Jodelet explica que as representações sociais são saberes e conhecimentos, organizados de diversas formas, que buscam dizer algo sobre a realidade social. Mesmo as representações sociais sendo vistas como um conhecimento não científico, ou de “senso comum”, a autora mostra sua relevância nos estudos de interação social e dos processos cognitivos, e destaca ainda que:

[...] a particularidade do estudo das representações sociais é a de integrar na análise desses processos o pertencimento e a participação sociais e culturais do sujeito. É o que a distingue de uma perspectiva puramente cognitivista ou clínica. De outro lado, pode também se prender a uma atividade mental de um grupo ou de uma coletividade, ou considerar esta atividade como o efeito de processos ideológicos que atravessam o indivíduo (JODELET, 1993, p. 09).

De acordo com Bussoletti, Moscovici elege como foco dentro da teoria das Representações Sociais, o que ele “[...] denomina de ‘sociedade pensante’, que são as pessoas e os grupos como produtores ativos de suas representações, buscando soluções para as questões que elas mesmas se colocam” (BUSSOLETTI, 2007, p.

93). Assim, como exposto por Jodelet (1993), a teoria leva em consideração a produção de conhecimentos e saberes tidos como “não oficiais”, mas que produzem impacto sobre as relações sociais e a possibilidade de apresentar e re-apresentar questões que se efetivam na prática social...

Representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. [...] Consequentemente, o *status* dos fenômenos da representação social é o de um *status* simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhando um significado através de algumas proposições transmissíveis e, no melhor dos casos, sintetizando em um clichê que se torna um emblema (MOSCOVICI, 2003, p. 216-217).

Sobre os objetos nas representações sociais, Jodelet (1993, p. 05) aponta que “[...] representar ou se representar corresponde a um ato de pensamento pelo qual o sujeito relaciona-se com um objeto” e estes objetos podem ser “[...] tanto real quanto imaginário ou mítico, mas sempre requerer um objeto. Não há representação sem objeto”. Neste contexto, o objeto a ser olhado trata-se das infâncias e seus sonhos, transitando por esse misto de realidade e fantasia, buscando vestígios da sociedade e cultura da qual vivemos.

Assim, as representações sociais se tornam importante nesta dissertação, no sentido de pensar as infâncias diante do “conhecimento socialmente partilhado”, como expõe Andrade (2014, p. 150). As crianças, como veremos a seguir, a partir das contribuições da sociologia da infância, são também produtoras de cultura, criam e recriam significados e representações sobre o mundo. Desse modo, Andrade ressalta que:

Ao anunciar crianças sujeitos no contexto de estudos em representações sociais o que se pretende é sensibilizar o olhar de pesquisadores sobre a visibilidade cívica das crianças que, embora apresentem padrões variados de coesão grupal e de partilha de significados, são portadoras de processos simbólicos que as autorizam à produção de sentidos e à reinterpretação da realidade, tanto no âmbito individual, quanto no grupal (ANDRADE, 2014, p. 151-152).

Nessa perspectiva, elejo as infâncias como um lugar reflexivo no sentido de tornar compreensíveis as representações infantis, buscando através de um “exercício de alteridade”, no “Outro”, ou através do “outro”, novas significações ou ressignificações (BUSSOLETTI, 2007; 2011a).

Eleger a infância se coloca, assim, como uma alternativa de pesquisa a um mundo adulto sensorialmente empobrecido. Através de Benjamin, acredito que as crianças são capazes de decifrar o “rosto do mundo das coisas”, dar visibilidade e riqueza a tudo aquilo que, abandonado pelo mundo adulto, nos provoca a meditar sobre esse “canteiro de obras”, sobre esse rótulo de insensato que as “rançosas especulações” acadêmicas têm outorgado às produções infantis, ou que por um reducionismo especulativo qualquer nos impeçam de compreender que “a terra está cheia de objetos” e que a atenção e a ação das crianças sobre estes pode renovar, criar e imprimir novos significados (BUSSOLETTI, GUARESCHI, 2011, p. 307).

As infâncias podem nos apresentar ou re-apresentar um novo olhar sobre as coisas e o mundo, e questionam nossas certezas. Assim, me pergunto que “novo olhar” podemos ainda ter sobre esse “mundo empobrecido” pelos adultos?

As crianças que ainda não se integraram a esse esquema têm uma percepção do mundo inteiramente diferente daquela que é comum aos adultos que se encontram cooptados por um modo de compreender a realidade contemporânea de acordo com as imposições da ideologia dominante (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 22).

Assim, penso que seja através dos olhares das infâncias que poderemos “[...] recuperar o olhar crítico sobre o mal-estar de nossa cultura”, como aponta Jobim e Souza (2000, p.98), pois “a criança, na sua fragilidade, aponta ao adulto verdades que ele não consegue mais ouvir ou enxergar [...]” (JOBIM E SOUZA, 2000, p.97). A autora também relaciona a infância como uma referência alegórica...

[...] que nos aponta um *desvio* para a formulação de uma compreensão outra da experiência de ser criança. Ou seja, a infância tomada, então, como um *caminho indireto* que nos conduz a uma dimensão do conhecimento que não se esgota nos discursos que têm sido, na época moderna, proferidos sobre ela. Portanto, o discurso sobre a criança irá se entrecruzar, neste texto, com o discurso da dimensão filosófica da experiência da infância, permitindo que essas duas formas distintas de narrativas que têm como conteúdo a infância, conduzam à formulação de uma terceira via de pensamento, ampliando, assim, nossas possibilidades de compreensão do homem e de suas relações com o conhecimento, a cultura e os modos de subjetivação da criança e do adulto na

contemporaneidade (PEREIRA, JOBIM E SOUZA, 1998, p. 27 – grifos da autora).

Na visão de Jobim e Souza, a infância pode ser vista alegoricamente como forma de re-encantar ou desencantar o mundo, trazendo e apontando críticas sobre a cultura e a sociedade.

Sigo ainda, pela perspectiva da sociologia da infância, compreendendo a criança enquanto sujeito que também afirma seu lugar na sociedade...

As crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazem-no com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível. É por isso que o lugar da infância é um entre-lugar [...] o espaço intersticial entre dois modos – o que é consagrado pelos adultos e o que é reinventado nos mundos de vida das crianças – e entre dois tempos – o passado e o futuro. É um lugar, um entre-lugar (Bhabha, 1998) socialmente construído, mas existencialmente renovado pela acção colectiva das crianças. Mas um lugar, um entre-lugar, pré-disposto nas suas possibilidades e constrangimentos pela História. É por isso um lugar na História (SARMENTO, 2004, p. 2-3).

A criança pode ser compreendida como aquele que não é dotado de conhecimento, que não pensa, que não participa, que não possui valores e por isso “[...] necessita de encontrar quem o submeta a processos de instrução [...] e carece de ser disciplinado e conduzido moralmente” (SARMENTO, 2005, p. 368). Não entendo as infâncias como um ser *que não*, entendo-as como produtoras de conhecimentos e manifestações críticas sobre a cultura e a sociedade, uma categoria histórica e cultural.

A partir da sociologia da infância (SARMENTO, 2004; 2005), encontro subsídios que compreendem a criança como um ator social, que interroga a sociedade e constrói também a cultura em que está exposta.

As crianças permeiam o mundo dos adultos, e, a partir dessa interação, Sarmento (2005) aponta que podem ser instituídos novos modos de construção e reflexividade. Que lugares as infâncias ocupam na modernidade? Conhecemos e ouvimos “nossas crianças”? Quais as visões de mundo construídas pelas infâncias?

Conhecer as “nossas” crianças é decisivo para a revelação da sociedade, como um todo, nas suas contradições e complexidade. Mas é também a condição necessária para a construção de políticas integradas para a infância, capazes de reforçar e garantir os direitos das crianças e a sua inserção plena na cidadania activa (SARMENTO, 2004, p. 01).

William Corsaro (2011) salienta que as crianças permeiam a sua própria cultura e a dos adultos, trazendo o conceito de cultura de pares. Ao permearem esse mundo dos adultos e se apropriarem de informações, as crianças produzem suas próprias culturas:

As crianças se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para produzir suas próprias culturas de pares. Tal apropriação é criativa no sentido de que estende ou desenvolve a cultura de pares; as crianças transformam as informações do mundo adulto a fim de responder às preocupações de seu mundo. Dessa forma, contribuem simultaneamente para a reprodução da cultura adulta. Assim, as culturas de pares infantis têm uma autonomia que as tornam dignas de documentação e de estudo por si (CORSARO, 2011, p.53).

A intreação entre crianças e adultos é mútua, e nesse processo, as crianças tornam-se também parte da cultura adulta. Para Sarmiento, assim como Cosaro, esse processo, além de reprodutivo é também criativo, dando visibilidade e afirmando que as crianças “[...] têm capacidade de formularem interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia” (SARMENTO, 2005, p. 373). Nessa perspectiva é que a criança pode se tornar também tradutora de uma cultura que o próprio adulto construiu, como afirma Pereira e Jobim e Souza (1998, p. 39): “[...] a criança, na medida em que se constitui em meio a essas experiências, converteu-se na mais eficiente ‘tradutora’ para o adulto de uma linguagem criada por ele, mas que a ele próprio ainda soa desconhecida”.

Junto a esses apontamentos, de como a criança constrói suas culturas e representações, surgem também reflexões do lugar que as infâncias ocupam na contemporaneidade. As crianças carregam também o peso da sociedade deixada pelos adultos. As imagens das infâncias que surgem são tantas... Crianças que tem acesso à riqueza, às melhores escolas, a plano de saúde, à alimentação todos os

dias. Mas há também as crianças que vivem em desigualdade social, em estado de guerra, vítimas de abusos, que passam fome, que não possuem acesso à educação e saúde. Esses são alguns dos legados, entre tantos outros, que nós adultos estamos deixando.

Nesse sentido, em um exercício de tentar mostrar pelos olhares das infâncias a cultura e sociedade em que estamos inseridos, tomando os sonhos como fio condutor dessa trama, busco um movimento que permita acessar o lado “sensível da verdade” (BUSSOLETTI, 2011a, p. 280). Afirmo que é através da poética que encontro a linguagem pela qual transitarei... “A poesia é um dos destinos da palavra” (BACHELARD, 1988, p. 03). Assim, tomo a poética como linguagem essencial para essa discussão.

Bussoletti (2007), a partir das gramáticas das culturas da infância, propostas por Sarmiento (2004), sustenta a tese que concebe a poética (imagem e palavra imagética) como um dos eixos tradutores da cultura das infâncias, sendo eles:

Interatividade: O mundo da crianças é muito heterogêneo, ela está em contato com várias realidades diferentes, das quais vai aprendendo valores e estratégias que contribuem para a formação da sua identidade pessoal e social. Para isso contribuem a sua família, as relações escolares, as relações de pares, as relações comunitárias e as actividades sociais que desempenham, seja na escola ou na participação de tarefas familiares. Esta aprendizagem é eminentemente interactiva; antes de tudo o mais, as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comum.

Ludicidade: A ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis. Brincar não é exclusivo das crianças, é próprio do homem e uma das suas actividades sociais mais significativas. Porém, as crianças brincam, contínua e abnegadamente. Contrariamente aos adultos, entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério.

Fantasia do real: O “mundo do faz de conta” faz parte da construção pela criança da sua visão do mundo e da atribuição do significado às coisas. No entanto, esta expressão “faz de conta” é algo inapropriada para referenciar o modo específico como as crianças transpõem o real imediato e o reconstruem criativamente pelo imaginário, seja importando situações e personagens fantasistas para o seu quotidiano, seja interpretando de modo fantasista os eventos e situações que ocorrem. Na verdade, a dicotomia realidade-fantasia é demasiado frágil para denotar o processo de imbricação entre dois universos de referência, que nas culturas infantis efectivamente se encontram associados.

Reiteração: A não literalidade tem o seu completo na não linearidade temporal. O tempo da criança é um tempo recursivo, continuamente reinvestido de novas possibilidades, um tempo sem medida, capaz de ser

sempre reiniciado e repetido. A criança constrói os seus fluxos de (inter)acção numa cadeia potencialmente infinita, na qual articula continuamente práticas ritualizadas [...], propostas de continuidade [...] ou rupturas que se fazem e são logo suturadas. Nesses fluxos estruturam-se as rotinas de acção, estabelecem-se os protocolos de comunicação, reforçam-se as regras ritualizadas das brincadeiras e jogos, adquire-se a competência da interacção: trocam-se os pequenos segredos, decodificam-se os sinais cifrados da vida em grupo, estabelecem-se os pactos (SARMENTO, 2004, p. 14-15-16-17).

Nessa perspectiva, ao pensar sobre a representação de um espaço poético nas infâncias, a partir de objetos representacionais de testemunhos de uma cultura, Bussoletti aponta que:

Penetrar nas culturas da infância exige aprender a conviver com esse “incômodo” que toda diferença provoca. Ainda mais se essas culturas forem, como serão, lugares sociais de exclusão, lugares de consciente e inconsciente extermínio. Essas culturas das infâncias deverão aparecer em toda a sua irrealidade e a escrita como re-apresentação deve possibilitar que o que aparece como ficção mostre sua face de realidade e vice-versa em movimento de pesquisa. Que nada aos olhos escape, e que a imaginação permita, surrealizar a perspectiva almejada (BUSSOLETTI, 2007, p. 116).

Além de penetrar pelas culturas das infâncias, é preciso também saber olhar e sentir o que elas querem nos dizer, e espiar, nem que seja por breves momentos, as verdades que esquecemos...

A imagem poética tem um dinamismo próprio, foge sempre de qualquer tentativa formalista de interpretação. Ao mesmo tempo que possui um carácter inesperado, suscita um sentimento de adesão, transmitindo por uma comunicabilidade singular. Ao tornar a palavra imprevisível, a poesia exercita no leitor o aprendizado da liberdade. Mas para que a poesia ou a fala da criança possam servir a uma proposta de libertação e integração do homem com os outros e consigo mesmo, é necessário que este desenvolva sua sensibilidade. O homem que não desenvolve sua sensibilidade se fecha diante do mundo. Não consegue captá-lo na sua universalidade, mas apenas de modo unilateral e superficial. O que prevalece é uma visão restrita que fecha o indivíduo no seu individualismo e que acaba, portanto, solidificando nele uma compreensão distorcida da realidade. Ora, é nesse espaço que a concepção de uma educação ético-estética da realidade deve agir; na verdade, ela é uma tentativa de enfrentar a desumanização das relações sócio-afetivas e culturais na sociedade capitalista, e resgatar o reencontro do homem com a sua própria liberdade (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 40-41).

Assim, através da imagem poética busco re-apresentar esses olhares das infâncias, que se apresentarão nos próximos fragmentos.

Cabe ainda continuar a pensar se esses olhares e a cultura que as crianças traduzem fazem ou não parte desse mundo em que não há sonhos? Ou se de uma sociedade em que marcha em linha reta? Ou ainda de um lugar em que o inimigo a persegue e a esperança encontra-se distante... esses movimentos serão desvendados ao final, antes, sigo para o próximo fragmento, mostrando os caminhos que se fizeram necessários na constituição dessa dissertação.



Pelos Nós da Trama

Há uma trama que segue sendo traçada, ou pela própria aranha, ou pelas mãos de uma artesã.

Penso que nossas próprias vidas são tramadas pelas mãos de uma artesã, que tece um filtro dos sonhos.

O início, a vida. O fim, a morte.

Para cada novo ser, um filtro dos sonhos lhe é designado.

Cada nó, uma trajetória, encontro ou des-encontro.

No final da trama, a conclusão do ciclo.

A artesã é uma velha índia, com cabelos longos e grisalhos. Ela se embala em uma cadeira e tece.

Tece nossos ciclos, e não há como fugir.

É Ela o Grande Espírito do Mundo que nos sussurra os sonhos que ainda precisam ser sonhados.



A proposta de pensar os sonhos juntos às infâncias surge de um movimento, tendo como inspiração as obras do professor colombiano Javier Naranjo, “Casa das Estrelas: O universo contado pelas crianças” (2013)¹⁸ e “*Los niños piensan la paz*” (2015). Nessas obras, Naranjo apresenta a forma que as crianças têm de ver e entender o mundo, escutando o que elas tinham a dizer sobre a paz, a guerra, a violência e as situações em que estão expostas.

[...] muitas pessoas e muitos escritores menosprezam o que as crianças escrevem, porque, a seu juízo, nisso não há rigor, nem disciplina, nem um conhecimento da língua medianamente operativo. Os motivos que eles combatem são justamente os que me fazem desfrutar dessas criações infantis e encontrar nelas um alto valor estético. É por seu abandono com as palavras, por sua liberdade de associação, por sua indiferença ao uso justo e normativo da linguagem que as crianças ocasionalmente criam textos plenos de riqueza (NARANJO, 2013, s/p).

É através desse trabalho do professor Naranjo que essa ideia de se pensar as representações infantis começou a me inquietar. E ao pensar nessa experiência poética que as crianças possuem e que muitas vezes nós, adultos, já perdemos, me perguntava e pergunto o que poderíamos encontrar ao adentrar nesse universo?

As crianças estão mais próximas da experiência poética que os adultos, cheios como estamos de deveres que nos negam a contemplação, pois sempre há algo a fazer. Essa proximidade é o que eles nos contam quando escrevem e ainda não lhes impusemos nosso precário saber do mundo. Os adultos menosprezam o que as crianças escrevem, a maioria das vezes nem as veem, ou as consideram idiotas, sacos ranhentos e vazios para encher com toda a “sabedoria dos grandes” (NARANJO, 2013, s/p).

O segundo movimento que me possibilitou pensar os sonhos nas infâncias foi a partir de uma oficina de experimentação de confecção de filtro dos sonhos, realizada em um Instituto de ensino fundamental de Pelotas, que atende meninas provindas de famílias em situação de vulnerabilidade social. O Instituto funciona como uma escola das séries iniciais (primeiro ao quinto ano) e incorpora em suas atividades diversos projetos e oficinas realizadas por parcerias e voluntárias/os no turno inverso ao horário de aula. Essa oficina surge pelo interesse das próprias crianças, que viam em minha mochila um chaveiro de filtro dos sonhos e

¹⁸ Edição do livro acessada em *eBook*, sem numeração de páginas. Assim, citações do livro nesse texto, não conterão a paginação.

perguntavam se eu podia ensiná-las a fazer. A partir desse pedido, minha inserção na escola como voluntária para desenvolver um projeto de extensão vinculado ao PET Fronteiras¹⁹ e ao NALS²⁰, começou a ser dividido entre as oficinas de filtro dos sonhos²¹.

Carregando uma mochila, com poucos utensílios, mas muitos sonhos, fui adentrando a porta daquela escola.

Uma escola somente de meninas. A diretora, uma freira. No primeiro momento, achei estranho. Não havia ainda conhecido uma escola somente de meninas ou de meninos.

Fui até a escola dar uma oficina. Nesse momento, uma Mariposa voava junto a mim. Disse para a Mariposa que precisa ir com calma, não podia me envolver, era só uma oficina.

A diretora perguntou se queríamos assumir a turma como professoras voluntárias da escola, eu e a Mariposa. Sem pensar, respondi que sim. Já havia me contagiado com aquelas meninas.

A Mariposa me acompanhou.

E logo aquelas meninas também começaram a carregar sonhos em suas mochilas.

Assim as encontrei.

Vivemos muitas histórias.

E nossas vidas foram cruzadas por sonhos sonhados.

Talvez um nó já amarrado na trama da vida.

¹⁹ Programa de Educação Tutorial – PET Fronteiras: Saberes e Práticas Populares, vinculado a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. O PET Fronteiras busca em suas ações a troca de conhecimentos entre as comunidades populares e urbanas tematizando os saberes e práticas populares, “sustenta-se por uma proposta de educação voltada à diversidade social e ao respeito aos direitos humanos como princípios nos marcos que os estudos culturais conferem como sendo o de uma Pedagogia da Fronteira”. (PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL - PET FRONTEIRAS, 2012). Nesse sentido o programa atua na “[...] construção de um processo de formação envolvido com possibilidades de pensar e de fazer o ensino, a pesquisa e a extensão de forma crítica e participativa com elevado padrão de qualidade e de excelência” (PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL - PET FRONTEIRAS, 2012).

²⁰ Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade, vinculado a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. O NALS é um núcleo de extensão que busca aliar pesquisa e intervenção utilizando-se da experimentação artística como modo de educar, trilhando os caminhos da diversidade, acreditando na extensão como forma de aproximação entre a universidade e a sociedade, utilizando-se fundamentalmente de ferramentas culturais para promover o exercício da cidadania e a responsabilidade social. Existente desde 2008, o NALS traz consigo dois pressupostos que regem sua atuação; o primeiro é a construção de um conhecimento científico que se afirme de outra maneira, e o segundo é essencialmente metodológico, que caracteriza sua ação como a união de técnicas educativas e experimentos.

²¹ A forma como as oficinas foram realizadas será retomada nos próximos fragmentos.

Essa trama tecida entre o PET Fronteiras e o NALS me possibilitou a produção e articulação de uma pesquisa que procura romper com o tradicionalmente estabelecido para as pesquisas acadêmicas.

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação das diferenças culturais. Esses “entre-lugares” fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 20).

Foi a partir da experimentação, perpassando por caminhos que me possibilitou encontrar algo novo e situandom-se nesse “entre-lugares”, que o diálogo com as diferentes formas de conhecimentos e de troca com as crianças se concretizou. É através de práticas educativas que sejam sensíveis, humanizadoras e que prezem pelo reconhecimento e valorização da diversidade cultural, aproximando o processo educativo à vida, que as histórias e sonhos emergem.

Acreditamos que, quanto mais adentrarmos no âmbito das práticas discursivas que representem a diversidade, mais estaremos nos capacitando para enfrentar as lacunas existentes em termos dessa produção específica. Portanto, ressaltamos que nossas ações representam abordagens diferenciadas das tradicionalmente empregadas, onde as artes se consolidam como nosso campo de atuação, contato e reflexão para estimular grupos sociais, comumente afastados da percepção de sua atuação na sociedade, a perceberem seus potenciais, valores, importância e capacidade de mudança de paradigmas sociais (BUSSOLETTI, VARGAS, 2014, p. 41).

Essa mudança de paradigmas apontada por Bussoletti e Vargas se encaminha na direção de pensarmos pesquisas no campo das Ciências Humanas que enfoque o sujeito contemporâneo, suas histórias e culturas e a valorização da subjetividade, visando a construção do conhecimento que se afirme através do

Outro²², defendido também por Duarte: “Encontrar esses outros conhecimentos exige abrir o espectro de compreensão do mundo e de produção da ciência, reconhecendo que os meios de acesso a estes conhecimentos, também devem ser Outros” (DUARTE, 2017, p. 29). É por esse lugar do Outro, que hora gera desconforto e me leva a transitar por lugares desconhecidos, que tento uma aproximação e diálogo. Mas como traduzir e dizer desses lugares, tão distantes e tão próximos?

[...] reconhecer o Outro/infâncias, que também sou eu mesma, é encontrar em mim, empaticamente, o lugar do Outro que é tão distante e, ao mesmo tempo, tão igual. Outro que se dá de fora e ora, a partir de mim. Outro que se inscreve no processo, escrito com o maiúsculo da singularidade. Outro que, para além de adjetivar-se, se faz sujeito, se faz criança (DUARTE, 2017, p. 31).

Miguel Arroyo (2012) nos ajuda pensar em Outras pedagogias que se afirmam através de Outros sujeitos, como “quilombolas, indígenas, povos da floresta, movimento feminista, negro, de orientação sexual, pró-teto, moradia”, entre outros, (ARROYO, 2012, p. 25-26). Tomo também as infâncias como esses Outros sujeitos que se “[...] afirmam, trazendo experiências sociais, políticas de resistência, de construção de outra cidade, outro campo, outros saberes e identidades” (ARROYO, 2012, p. 25), pois a infâncias são também marginalizadas e esquecidas, e constroem e reafirmam Outras pedagogias e outras formas de se pensar a Educação.

Tomando o sonho e as infâncias como fio condutor dessa pesquisa, reflito ainda em como tem sido a produção científica com crianças, pois não só na História, mas também na produção científica, as crianças são muitas vezes marginalizadas... seres sem voz e vez nesse processo.

Deise Arenhart (2007) aponta que muitas vezes as crianças são marginalizadas, e nas pesquisas sobre as infâncias a informação que obtemos provém do mundo adulto. A partir da sociologia da infância, encontro o aporte para pensar em uma pesquisa científica que aborde o ponto de vista das crianças:

²² O Outro se apresenta como o interlocutor da pesquisa e o utilizo em letra maiúscula em referencia aos Outros sujeitos de Miguel Arroyo (2012).

[...] interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objecto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada (SARMENTO, 2005, p. 361).

Nessa perspectiva, Sarmiento (2005) compreende a criança como um ator social, propondo interrogar a sociedade e a cultura a partir da visão infantil. O autor ainda salienta que a infância é construída a “[...] partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade” (SARMENTO, 2005, p. 365).

Diante desses apontamentos, me pergunto o que tem se produzido nas pesquisas acadêmicas da Pós-Graduação no Brasil a respeito da temática das infâncias e dos sonhos? De que forma essas pesquisas contribuem para se pensar as infâncias pelo próprio olhar das crianças? E quais pesquisas se aproximam das questões pretendidas dessa proposta? Assim, a partir de pesquisas já realizadas, se torna possível a reflexão e o apontamento de novos caminhos a serem seguidos.

Como abarcar todo o universo de pesquisas sobre as infâncias no Brasil não seria factível, opto por buscar ações que corroboram na direção em que esta pesquisa se situa. Desse modo, delimito a categoria de “sonhos”, entrecruzada com “infâncias” no banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e no *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), entre os anos de 2013 e 2017.

Nesta busca, encontrei trabalhos em diversas áreas do conhecimento, nas quais se destacam: Antropologia, Educação e Letras, sendo a categoria de “sonhos” abordada nas mais diferentes perspectivas, entre elas: gênero, questões indígenas, juventude, esportes, cinema, escolarização, educação de jovens e adultos e meio rural (APÊNDICE 1). Estes trabalhos apontam para diversas reflexões sobre os sonhos.

A dissertação de Refatti (2015) aborda os sonhos junto às comunidades indígenas e reserva uma parte de seu texto para pensar os sonhos junto às crianças indígenas. O sonho nesse trabalho é compreendido a partir das relações socioculturais, vivências e narrativas dentro da comunidade pesquisada. A categoria

de sonho é abordada também como atividades xamânicas e enquanto experiência coletiva...

Este estudo se debruça sobre toda a experiência do sonhar para essa população, buscando compreender o contexto em que é produzido, onde é compartilhado e interpretado, e principalmente como a experiência onírica pode ser entendida enquanto fonte de conhecimento, uma vez que a atividade de sonhar para os guarani é algo que se aprende e se ensina, ou seja, a experiência onírica é também um processo importante de transmissão de saberes (REFATTI, 2015, p.10).

A tese de Almeida (2016) também apresenta reflexões sobre os sonhos junto a uma família indígena tupi guarani. Essa etnografia aborda as múltiplas dimensões do sonho, como as relações estabelecidas entre o grupo estudado, dimensão do cosmos, mensagens divinas e “[...] *revelações de nhanderu*, que podem tanto interferir no dia-a-dia das pessoas e em suas decisões pessoais quanto servir de impulso a eventos maiores como, por exemplo, as mudanças nos locais onde constituem suas aldeias” (ALMEIDA, 2016, p. 09). A autora salienta que aquilo que é vivenciado durante o sono, influencia também a vida desperta da comunidade. É através dos sonhos que a comunidade pode receber saberes e conhecimentos que fazem parte de sua cultura.

O sonho com crianças indígenas é refletido por Motta e Lima (2016), em um artigo no qual pensam o sonho e o desejo na infância guarani a partir de desenhos realizados pelas crianças. O texto possui como objetivo:

expor uma iconografia dos desenhos que representam os desejos dos pequenos Guarani que vivem no *Tekoa Pyau*, junto com algumas músicas do povo Guarani e, com isso, mostrar como veem ou como querem o futuro de suas vidas no Jaraguá, evidenciando sua consonância com o imaginário tradicional Guarani e compreendendo a sua continuidade e reprodução, mesmo com tantas dificuldades e, simultaneamente, esboçando sua localização dentro do processo de desenvolvimento da cidade de São Paulo (MOTTA, LIMA, 2016, p.782).

A pesquisa de Gomes (2014) aborda as relações de gênero no meio rural e atividade rendeira como produção de uma atividade econômica sustentável. O sonho nesse contexto aparece como a história de vida dessas mulheres e a cultura da renda, seus sonhos e desejos individuais são tecidos junto às rendas no grupo

denominado “Tecendo Sonhos”. O sonho aqui é apresentado enquanto desejos que se encontram a partir desse contexto, de mulheres que resistem e lutam. O trabalho de Souza (2015) também aborda as relações de gênero, mas agora entre mulheres alunas de turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A categoria de sonho na pesquisa de Souza aparece como expectativa e desejo da conquista e autonomia de mulheres que trilham um caminho na busca do processo de escolarização.

Mendonça (2014), a partir da análise da manifestação alegórica na composição audiovisual da série televisiva Hoje é Dia de Maria, utiliza-se da linguagem poética e do sonho enquanto “[...] entrelaçamento entre realidade e imaginário, no qual o diretor propõe uma viagem ao mundo da infância em que as fronteiras entre o mítico e o mundano se misturam ao ponto de não se discernir os traços delimitadores entre eles” (MENDONÇA, 2014, p. 76).

A dissertação de Nascimento (2016) aborda a vulnerabilidade social de crianças e jovens em conflito com a lei. A abordagem do sonho nesse trabalho não aparece de forma central, visto que o texto salienta as condições e direitos das crianças e adolescentes que vivem em vulnerabilidade social e a implementação de políticas públicas que assegurem os Direitos da criança e adolescente. O trabalho de Alves (2015) reflete sobre o processo identitário de jovens quilombolas e o sonho aparece no sentido de memória e reconhecimento do lugar em que estão inseridos, a partir de projetos individuais e coletivos. Outra pesquisa que aponta para a reflexão de jovens é o de Soares (2016), que reflete sobre a vulnerabilidade social da juventude e sua relação com a educação. A pesquisa de Soares tem como objetivo compreender os anseios, expectativas, sonhos e visão de futuro dos adolescentes inseridos no Programa de Bolsas de Estudo da Instituição Educacional – Colégio Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas.

Appolari (2015) e Carvalho (2014) refletem o sonho a partir dos jogos eletrônicos. O texto de Appolari (2015, p. 17), “[...] orbita na produção artística, na experiência onírica e lúdica do autor, e conseqüentemente aborda questões culturais e psicológicas da imagem técnica gerada pelos videogames”. Já a produção de Carvalho (2015, p. 10) possui como objetivo a análise de “[...] procedimentos narrativos, dramáticos e ludológicos” para assim “obter repertório para escrever o

roteiro de um game em 3D com as mesmas características de estrutura: nexos entre sonho e realidade, com uma tênue separação entre as duas dimensões”.

Lisboa (2016) reflete sobre os sonhos e a propaganda publicitária infantil na Copa do Mundo de 2014. Aponta para as “(re)significações na cultura esportiva das crianças e possíveis implicações para a educação física escolar” (LISBOA, 2016, p. 10). O sonho, nesse sentido, é abordado a partir do desejo de consumo e práticas em relação ao esporte.

Outro artigo que se encaminha para compreendermos em qual perspectiva o sonho tem sido abordado nas pesquisas brasileiras, é o de Gui e Coelho (2013, p. 459), que busca a partir do sonhar social “[...] criado com a finalidade de apreender o significado social dos sonhos”, pensar sobre “[...] sua aplicação no contexto brasileiro e [...] sobre suas potencialidades em processos de intervenção psicológica”. O artigo de Rudge (2016, p. 603), valoriza “[...] o papel dos sonhos como operativos na elaboração dos traumas” dentro do processo psicanalítico. Por fim, outro artigo que apresenta contribuições é o de Parente (2014), que reflete o sonho a partir da psicanálise freudiana e do pensamento de Walter Benjamin a partir do cinema:

A aproximação entre sonhos e cinema na visão dos autores mencionados visa analisar o modo como a subjetividade se constitui na modernidade, apontando tanto para questões da vida psíquica dos sujeitos, como também para uma perspectiva histórico-política mais abrangente (PARENTE, 2014, p. 09).

Sobre o uso do artesanato, da arte e das histórias de vida, o trabalho de Eliane Corrêa (2017) se aproxima desta proposta ao pensar no artesanato como uma forma política, pedagógica e de resistência, articulando pesquisa, educação e criação: “A intenção é pensar o artesanato como um saber que potencializa o desejo de criação, de percepção de si, de subjetividade, de individualidade e de coletividade” (CORRÊA, 2017, p. 20).

O levantamento desses trabalhos nos últimos 5 anos me aponta diversos caminhos e perspectivas pelos quais a categoria *sonho* tem sido abordada, trazendo contribuições relevantes para suas áreas de conhecimentos. Poucos foram os

estudos encontrados na área da Educação ou que enfatizem de fato o olhar das infâncias sob essa categoria, ou ainda, que tomem o sonho enquanto crítica da cultura e da contemporaneidade. Diante desses apontamentos reitero e justifico a importância deste estudo que pretende *acessar e permitir a reflexão sobre as representações oníricas infantis e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo, visando o lugar de infância e os sonhos enquanto uma crítica da cultura.*

Nessa perspectiva, me permito olhar para e com as infâncias, em um processo de alteridade e sensibilidade, refletindo a partir dos sonhos, enquanto crítica da cultura e da realidade em que essas crianças estão inseridas.

Outros trabalhos que se encaminham e se aproximam de questões que serão abordadas nessa dissertação, são dissertações e teses produzidos pelo grupo de pesquisa GIPNALS, da Universidade Federal de Pelotas, ao qual esta dissertação também se vincula. São trabalhos que pensam em um processo de educação e resistência, de estéticas e metodologias que possibilitam pensar e construir conhecimentos que se afirmem de um outro lugar, valorizando as culturas populares e os saberes locais.

Nessa direção, acreditamos ser apropriado mencionar que as discussões presentes no Grupo Interdisciplinar de Pesquisa Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS) vinculado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE/UFPel) tem trabalhado na perspectiva de reconhecer e valorizar saberes locais, marginalizados, não hegemônicos, contrariando perspectivas teóricas de educação canalizadas para investigações na escola como *locus* único onde as pedagogias se acontecem e se materializam. Muitas pesquisas do Grupo demonstram a presença de pedagogias em determinadas experiências e práticas sociais, pedagogias elaboradas na cultura, que permeiam a vida social e não somente a partir de saberes escolares/formais. Tais pesquisas, entre outras questões, levantam o reconhecimento de outras possibilidades de saberes válidos, colocando em cheque aquilo que é hegemônico, dado como universalmente válido e verdadeiro, percebendo que há inúmeros processos de aprender e de ensinar que não se dão, necessariamente, dentro dos muros escolares, mas sim são produzidos pela cultura (HAERTER, 2017, p.113-114).

Entre essas produções, cito a tese de Duarte (2017, p. 05), que através da Educação Desordeira defende a “[...] possibilidade de transformação da educação, tendo a poética das infâncias como perspectiva”. A autora também se utiliza de uma

escrita fragmentada, baseada em Benjamin e na estética surrealista como método e reflexão da pesquisa.

A dissertação de Costa (2014) problematiza a escultura enquanto uma forma narrativa dentro do processo de educação e resistência da cultura, apontando para a construção de Outros Sujeitos e Outras pedagogias possíveis. Esse trabalho visa também caminhos para pensar a escrita surrealista nas pesquisas em Educação, visto que o autor se utiliza dessa perspectiva na montagem de sua escrita.

A dissertação de Martins (2018) aborda as representações da música da Mestreira Griô Sirley Amaro, trazendo elementos que visam, através da oralidade, o processo de educação e resistência que apontam para Outras pedagogias. O autor se utiliza também da estética surrealista e do conceito de trama na montagem de seu texto. Sua escrita é um texto-trama que se tece na busca de uma educação sensível “[...] sobre Outras formas de se aprender e ensinar, calcados nos saberes populares” (MARTINS, 2018, p. 92).

Haerter (2017), ao abordar as narrativas quilombolas, se debruça a pensar em Outras pedagogias que surgem do processo de contação de histórias, que visam a transmissão da cultura, de experiências e saberes “[...] contribuindo para a formação de sujeitos, ensinando jeitos quilombolas de ser e colaborando para a produção desses sujeitos, hoje” (HAERTER, 2017, p. 18). O autor também trabalha com a categoria de sonho, que surge a partir das narrativas quilombolas. O sonho neste contexto se apresenta como “[...] as representações secularizadas que posicionam os sonhos para aqueles sujeitos que sonham e elaboram a narrativa do conteúdo dos próprios sonhos” (HAERTER, 2017, p. 149). Esses sonhos, como aponta Haerter (2017, p. 153), podem trazer “[...] protagonismos que podem contribuir na perspectiva de uma reescrita da história”.

Estes trabalhos realizados pelo Grupo de Pesquisa GIPNALS, apontam para saberes e pedagogias que se constituem e se vinculam em diversos espaços sociais, valorizando os conhecimentos produzidos a partir das manifestações culturais e saberes locais e de sujeitos tidos como “marginalizados” dentro da sociedade. Esses trabalhos afirmam um processo de Educação e produção científica que se afirma com e para o Outro, reconhecendo saberes para além daquele tradicionalmente estabelecido... “Mostram a validade e a beleza de saberes não

hegemônicos, subvertendo espaços e posições dominantes que se colocam como única fonte de conhecimento válido” (HAERTER, 2017, p. 114-115).

Assim, essa trama se tece no Nós, que acreditamos que o processo de pesquisa e Educação esteja alinhavado, permitindo e defendendo a construção de conhecimentos para além dos moldes tradicionais, rompendo com a lógica estabelecida. Reafirmo, ainda, o compromisso político de prozudir uma ciência crítica, que transite pelos caminhos da arte e da experimentação.

Após esse movimento, parada necessária para dizer de alguns caminhos percorridos, sigo pela trama, no encontro aos sonhos...



Encontrando os sonhos

O que mais me chamava atenção, logo na entrada, ao atravessar aquela imensa porta de madeira, eram os sonhos que estavam dependurados ali. Havia vários. Vários tamanhos e cores. Um deles, talvez até maior que eu. Havia sonhos para todos os gostos e loucuras.

Caminhava pelo imenso jardim verde, cheio de flores e árvores das mais variadas. Símbolos da cultura oriental ornamentavam o local. As construções, todas em estilo oriental. Que lugar era esse? Ao sul do sul do Brasil, me sentia como se em uma terra distante.

No caminho, me deparava com uma gama de possibilidades. Qual trajetória seguir? Atravessei a pequena ponte de madeira sobre o riacho. Um lagarto se escondia por entre as folhagens.

“O que faço com meus sonhos”, ressoou uma voz.

Segui caminhando. Mesmo com medo e com o coração batendo forte, decidi por adentrar a mata. Eram poucos os raios de sol que penetravam pelas árvores, tornando o lugar um pouco escuro e com uma leve brisa fresca.

Sentia a terra úmida entre meus pés. Sentia o Grande Espírito da Mãe Terra me envolvendo, e assim, sentia-me parte dela. Estamos todos interligados como uma grande trama.

“Pegue o cipó”, disse outra voz, agora mais próxima.

Não sabia se essa voz emanava do espírito da floresta, ou de minha própria alma.

Um silêncio ensurdecedor pairava no ar. Aos poucos, o barulho da mata ia se reestabelecendo. Os pequenos animais e insetos, o vento que balançava as árvores, os pássaros, tudo estava sincronizado. Creio que até mesmo a minha presença ali estava em harmonia com o ambiente.

Do meu lado esquerdo, avistei uma teia de aranha. Como podia ser tão perfeita? Tão desenhada, tão bem tramada.

Se eu adentrasse mais um pouco na mata, o que eu poderia encontrar? Dei um passo a mais. Ouvia o barulho da água que corria. Me agachei e molhando minhas mãos, senti a temperatura da água, lavei o rosto e senti seu frescor.

Meus ouvidos estavam atentos, procurava por aquela voz. Quem era? O que queria me dizer? Se eu fosse mais além a escutaria de novo? Creio que sim, mas já estava escurecendo, precisava voltar. Nunca fiquei na mata até ao anoitecer. Cresci ouvindo muitas histórias e não sei o que poderia

encontrar se permanecesse lá por mais tempo. Dizem que em noites de lua, os tambores ressoam alto por aqui.

Antes de sair pelo mesmo portão de madeira, do qual havia entrado, me aventurei por uma pequena sala da casa que ficava ao lado direito. Entrei por uma pequena porta, ali haviam muitas ervas, incensos, doces, vinhos, pinturas, esculturas e objetos místicos. No teto, muitos e muitos sonhos pendurados. Como podiam estar ali? Tantas cores, tantos tamanhos. Por que não estavam sendo sonhados? Tanta gente carente de sonho, e tantos sonhos ali parados.

Ao senhor que estava ao meu lado pedi: “Posso ter um?”. Ele me olhou, olhou para os sonhos, talvez procurando algum do qual eu desse conta de sonhar. Então me olhou de novo dizendo: “esse aqui”, e me entregou. Era maior que a palma da minha mão, todo branco, como a teia da aranha que encontrei na mata.

E agora, “o que faço com meu sonho?”.²³

Um grande teórico sobre a questão dos sonhos foi Sigmund Freud, que em sua obra “A Interpretação dos Sonhos” (2016), analisa os sonhos a partir da psicanálise. Freud (2016) trabalha o sonho como uma formação psíquica a partir do sono, apontando que o que sonhamos enquanto dormimos está relacionado com a vida de vigília. Sonhamos com as nossas preocupações, paixões ou desejos diários. “Devemos, pelo menos, considerar conhecimento incontestável que todo o material que compõe o conteúdo onírico provém de alguma forma da experiência e, portanto, que é reproduzido, ou *lembrado*, no sonho” (FREUD, 2016, p. 25 – grifo do autor).

Freud (2016) salienta que os povos antigos não buscavam a fonte de estímulos do sonho, já que este provinha de poderes divinos e sobrenaturais. Já para a ciência, o sonho se tornou objeto de investigação, buscando desvendar suas fontes e estímulos. No entanto, o sonho não será aqui abordado a partir do ponto de vista da psicanálise ou da psicologia, nem do sonho que sonhamos enquanto dormimos. O sonho nesse texto se apresenta a partir de outras contribuições, enquanto sonho acordado e crítica da cultura numa perspectiva benjaminiana, como esperança a partir de Ernst Bloch (2005), e ainda como devaneio a partir de Bachelard (1985).

²³ Nesse Nó de histórias, real e verdadeira, “embora inventada”, como nos diz Clarice Lispector (1998, p.12), perpasso pelos sonhos de Helena em Galeano (2013), pelo espírito da aranha das lendas sobre a origem do filtro dos sonhos, mostrando o caminho que me conduziu ao primeiro contato com esse artefato – o filtro dos sonhos.

Benjamin diz que “sonhar é capturar as aparências (*Erscheinungen*) em seu mais puro sentido” (BENJAMIN, *apud* BRETAS, 2008, p.17). É através das infâncias que busco captar esse sentido puro dos sonhos, desse sonho que sonhamos acordados, um sonho que nos remete ao futuro, aprofundando as reflexões sobre as representações oníricas infantis, e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo.

O tema do sonho em Walter Benjamin é algo central, e fragmentos oníricos podem ser encontrados em sua obra *Rua de mão única*²⁴ e *Haxixe*²⁵. No livro das *Passagens*²⁶, de acordo com Bretas (2008, p. 28), Benjamin insinua que “[...] a própria modernidade seria [...] uma forma onírica do tempo”. Assim, Benjamin desenvolve sua crítica da cultura moderna... “O capitalismo foi um fenômeno natural com o qual um novo sono, repleto de sonhos, recaiu sobre a Europa e, com ele, uma reativação das forças míticas” (BENJAMIN *apud* BRETAS, 2008, p. 47). Benjamin aponta ainda que o capitalismo seria um “sono repleto de sonhos”, do qual seria necessário *despertar* (BRETAS, 2008, p. 131). Assim, a partir de uma perspectiva benjaminiana, o sonho se apresenta como um “despertar” e também como crítica da cultura, compreendido através dos processos sociais, quando a expressão dos desejos, dos sonhos, são negados pela realidade como afirma Rouanet (2008).

O processo onírico torna-se importante para compreendermos o processo histórico do qual estamos inseridas/os. “A história do sonho ainda está por ser escrita e compreendê-la significaria dar um golpe decisivo na superstição do estar-presos à natureza, por meio de uma iluminação histórica” (BENJAMIN, *apud* BRETAS, 2008, p.18). Rouanet (2008 p. 90) aponta que: “Enquanto instrumento de desarticulação e rearticulação da história, o sonho pode ser posto a serviço da crítica da cultura”. O autor ainda explica que assim como possuímos uma consciência individual que sonha, possuímos também uma consciência coletiva que sonha: “Como o sonho individual, o coletivo utiliza elementos arcaicos, que se

²⁴ BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única – Infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b.

²⁵ BENJAMIN, Walter. **Haxixe**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

²⁶ BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

mesclam a elementos contemporâneos – restos diurnos – e apontam para o futuro, na medida que apresentam o desejo como realizado” (ROUANET, 2008 p. 90).

A autora Solange Jobim e Souza nos esclarece de que forma os sonhos podem ser colocados a serviço da crítica da cultura:

Tomando por princípio que a interpretação de um sonho é infinita e que a lógica do sonho é algo capaz de recuperar as coisas, os acontecimentos e a história, Benjamin o percebe como instrumento que pode ser posto a serviço da crítica à cultura. [...] Por ser um instrumento de articulação e desarticulação da história, o sonho – imagem dialética do real – sugere uma forma de nos aproximarmos da realidade social a partir de uma dimensão crítica, que nos conduz ao resgate do *novo no sempre igual* (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 79 – grifos da autora).

O sonho em Benjamin nos “orienta para um despertar futuro”, como afirma a autora. É através dos fragmentos do mundo, da história e da cultura, que habitam nosso inconsciente, que o sonho em Benjamin encontra “sua voz e sua expressão” (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 78). Quando nos propomos a escutar uma criança, temos “[...] uma oportunidade de retomarmos, a partir do ângulo dela, um olhar crítico sobre o mal-estar da nossa cultura” (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 120). Jobim e Souza traça uma crítica sobre esse mal-estar cultural na modernidade e o empobrecimento da experiência, baseada em Benjamin:

Esse autor, ao fazer uma análise fecunda da estreita reação existente entre as transformações técnicas da sociedade e as modificações da percepção estética, elabora uma contribuição extremamente original para uma discussão crítica sobre as múltiplas consequências do capitalismo na vida do homem contemporâneo (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 42).

Jobim e Souza apresenta uma crítica em relação às infâncias e a sociedade capitalista, na qual as crianças produzem e reproduzem seus valores, interiorizando seus princípios. Os sonhos que as crianças têm sonhado fazem parte dessa relação? Essa ideia de que os sonhos são desejos objetivados é expresso pela autora: “Os indivíduos se apropriam dos elementos da cultura, transformam-nos em material da atividade onírica, devolvendo-os novamente à cultura sob forma de desejos objetivados” (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 80). Através do sonho e do olhar

da criança, podemos buscar outra compreensão da realidade e um novo olhar crítico às coisas do mundo, recuperando o olhar crítico sobre o mal-estar de nossa cultura.

As infâncias enquanto esperança também perpassam por essa proposta e encontro em Bloch (2005), o conceito de esperança que tomo como base:

Todo sonho permanece sendo sonho pelo fato de ter tido muito pouco êxito, de ter conseguido levar pouca coisa a termo. Por isso, ele não pode esquecer o que falta, e mantém a porta aberta em relação a todas as coisas. A porta no mínimo entreaberta, quando se dirige para objetos agradáveis, chama-se esperança (BLOCH, 2005, p. 326).

Diante dessa porta entreaberta esperamos. E a criança também aprende a esperar...

Mas também aprendemos a esperar, pois o que uma criança deseja raramente chega imediatamente. Sim, espera-se pelo próprio desejo, até que ele se torne mais claro. Uma criança agarra tudo para encontrar o que tem em mente. Joga tudo fora, está incessantemente curiosa e não sabe pelo quê. Mas o novo já vive aqui, o outro com o qual se sonha (BLOCH, 2005, p. 29).

De acordo com Bloch (2005, p.14), “nenhum ser humano jamais viveu sem sonhos diurnos [...]”. O sonho diurno ou acordado pode ser entendido como os planos futuros, uma visão utópica daquilo que desejamos, constituindo assim, uma consciência esperançosa do futuro (FURTER, 1974). No sonho acordado, a esperança se apresenta como uma expectativa da transformação, do desejo.

Há sonhos diurnos em número suficiente, só não foram satisfatoriamente observados. Mesmo de olhos abertos, no seu íntimo a pessoa pode ver tudo colorido ou em forma de sonho. Se a propensão para melhorar aquilo em que nos tornamos não adormece nem durante o sono, como o poderia durante a vigília? Poucos são os desejos que não estão carregados de sonho, justamente quando eles tomam consciência de si. Mas, então, quem sonha durante o dia é visivelmente diferente de quem sonha durante a noite. Muitas vezes, quem devaneia segue um fogo-fátuo, desvia-se do caminho. Mas ele não dorme e não submerge na névoa (BLOCH, 2005, p. 80).

Nessa perspectiva, ousou problematizar que é a partir do sonho diurno que podemos pensar em uma experiência da esperança, quando o ser humano se lança para o futuro.

O sonho enquanto devaneio também se apresenta aqui como parte dessas reflexões. Através da obra “O direito de sonhar”, de Bachelard (1985), composta por ensaios sobre pintura, gravura, escultura e literatura, podemos compreender, por exemplo, o sonho e o devaneio através da concepção de imaginação criadora.

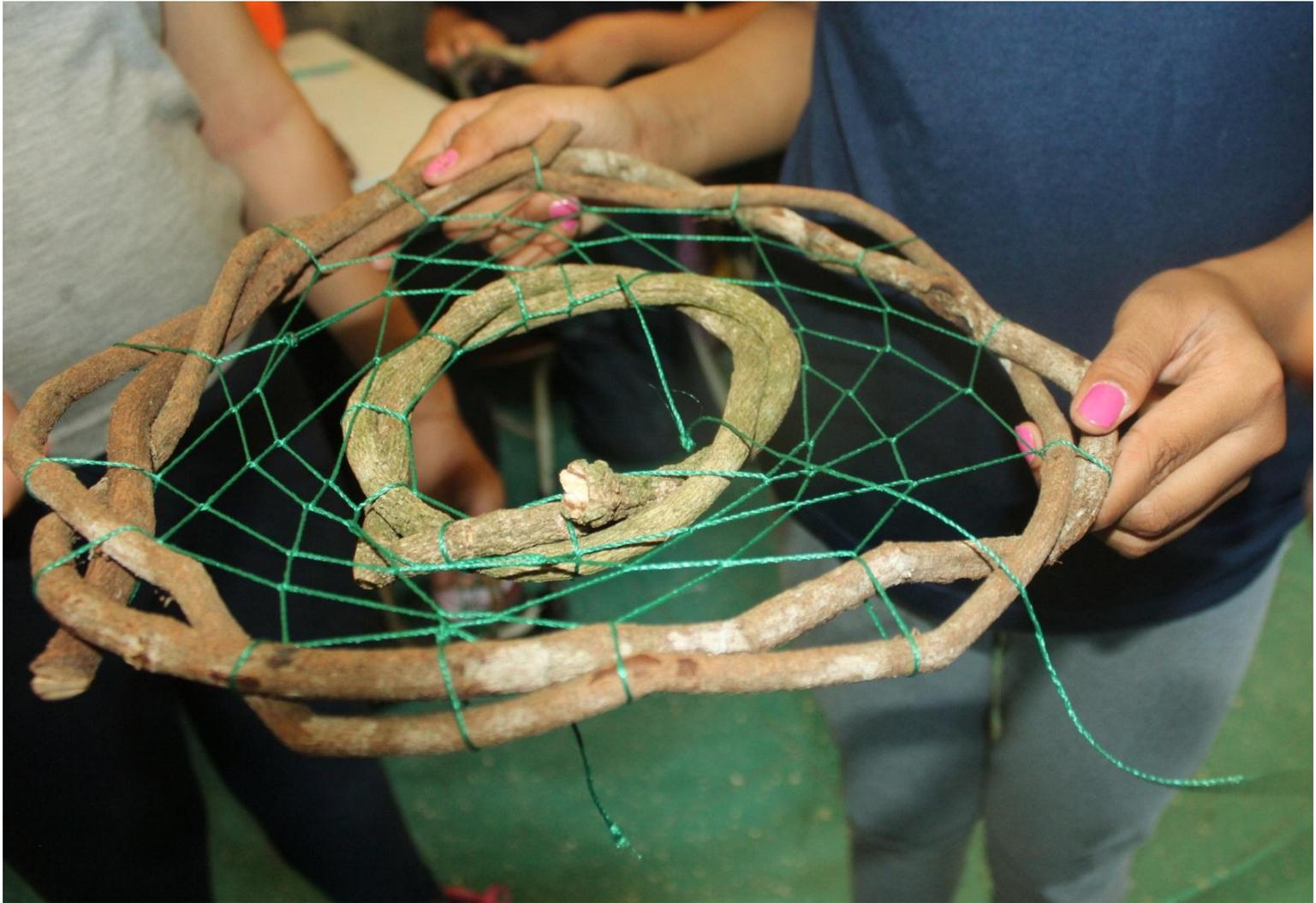
A imaginação e o devaneio, em Bachelard (1985), estão voltados para o futuro, para o sonho acordado. Essa imaginação está ligada a um componente material, na qual “[...] recupera o mundo como provocação concreta e como resistência, a solicitar a intervenção ativa e modificadora do homem: do homem-demiurgo, artesão, manipulador, criador, fenomenotécnico, obreiro [...]” (PESSANHA, 1985, p. 15). Desse modo, “o trabalhador-artista de Bachelard cria a partir de *seus próprios* devaneios, autodeterminados por seus sonhos, por sua vontade de poder” (PESSANHA, 1985, p. 21 – grifos do autor). Nesse sentido, a imaginação, ou devaneio, se projeta em imagens artísticas, na qual o artista cria e experimenta a partir de seus sonhos e suas vontades.

Sou, com efeito, um sonhador de palavras, um sonhador de palavras escritas. Acredito estar lendo. Uma palavra me interrompe. Abandono a página. As sílabas da palavra começam a se agitar. Acentos tônicos começam a inverter-se. A palavra abandona o seu sentido, como uma sobrecarga demasiado pesada que impede o sonhar. As palavras assumem então outros significados, como se tivessem o direito de ser jovens. E as palavras se vão, buscando, nas brenhas do vocabulário, novas companhias, más companhias. Quantos conflitos menores não é necessário resolver quando se passa do devaneio erradio ao vocabulário racional! (BACHELARD, 1988, p. 17).

Sonho também com palavras, e a partir da imaginação e do devaneio, que elas são escritas e vividas neste texto. Assim, o sonho devaneio se apresenta aqui como criação.

Assim, diante desses sonhos que se apresentam como despertar, esperança e devaneio, transito pelo espaço das infâncias que se apresentam em contextos

periféricos e que por sua vez me possibilitam pensar a esperança enquanto forma de resistência e os sonhos como crítica da cultura.



Desvios – percursos metodológicos

O desvio, pela perspectiva benjaminiana, pode ser compreendido como rotas: “O que são desvios para os outros são para mim dados que determinam minha rota” (BENJAMIN, 2006: 499 – N 1,2), ou ainda: “método é caminho indireto, é desvio” (BENJAMIN, 2013b, p. 50). Desviar é tomar um rumo, é método na concepção benjaminiana. O pingo azul de tinta apresentado no segundo fragmento desse texto representa esse desvio e resistência. Resistência dentro de um sistema que muitas vezes nos obriga a seguir apenas um caminho. Desse modo, reflito aqui sobre os percursos metodológicos dessa pesquisa, que se ancora em pressupostos da etnografia.

O processo de pesquisa etnográfico pode ser entendido como a vivência com outros modos de vidas e em outro contexto cultural, fazendo-nos ver a importância de conhecer o “outro”. O processo de “estranhamento” faz parte desse método, que toma a cultura como objeto de indagações (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2003). O método etnográfico consiste em uma interação e participação da pesquisadora/or junto ao grupo pesquisado, priorizando sempre a visão do “outro”. Clifford Geertz (2008), autor clássico do campo antropológico, salienta que “praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (2008, p. 04-05), sendo a etnografia para o autor uma “descrição densa”.

O trabalho etnográfico também visa um envolvimento subjetivo, sensível e de experimentação, como observa James Clifford: “O trabalho de campo etnográfico permanece como um método notavelmente sensível. A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução” (2008, p. 19-20). O autor aponta ainda que a experiência etnográfica está também imersa em um processo de escrita, já que é

através da escrita que poderemos “traduzir” as experiências vividas. No processo de escrita dessa experiência em campo, Clifford, baseado em Bakhtin, aponta para o fato de que esse processo de escrita “[...] repousa nas margens entre o eu e o outro. Metade de uma palavra, na linguagem, pertence a outra pessoa” (CLIFFORD, 2008, p. 42). Assim, a escrita e a linguagem etnográfica são atravessadas por subjetividades específicas. E aqui a polifonia e o respeito com o “outro” se fazem presentes.

Marília Amorim (2004), como já citado anteriormente, salienta que é a partir da alteridade que se tece o trabalho entre pesquisadora/or e pesquisada/o, pois é somente a partir dessa relação com o Outro que o saber vai sendo produzido. Amorim, ao trazer contribuições sobre a questão da alteridade e o campo antropológico, diz que:

É que esta disciplina constitui-se no campo privilegiado de visibilidade da questão da alteridade. Lidando em sua origem diretamente com o *estrangeiro*, o antropólogo é aquele que, até agora, formulou de modo mais sistemático a importância dessa questão para a produção de conhecimentos e para a escrita de pesquisa (AMORIM, 2004, p. 32).

De acordo com Amorim (2004), a polifonia se torna algo fundamental para que se estabeleça esse processo de alteridade, pois nesse encontro com o Outro, aprendemos não somente sobre aquela cultura em que estamos inseridas/os, mas aprendemos também sobre nós e o nosso olhar sobre o Outro. Assim, o processo etnográfico está presente também no processo de escrita de pesquisa, visto que a etnografia, de forma sintética, pode ser compreendida como a descrição cultural presenciada e vivida pelo antropólogo (CLIFFORD, 2008).

Cardoso de Oliveira aponta que a antropologia social ou cultural: “é como uma modalidade de conhecimento que é, para nos interrogarmos quase que exclusivamente sobre os modos de viver, de pensar e de conhecer de outros povos ou de diferentes setores da sociedade a que pertencemos?” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2003, p. 15). Ao olhar para as infâncias, penetro por um mundo de certa forma distante do meu, apesar de ela fazer parte da cultura da qual estou inserida. Há um processo de estranhamento, porque os olhares das infâncias são outros, suas representações são outras.

Ainda sobre a pesquisa etnográfica, Marli Eliza André (2002) apresenta algumas reflexões sobre as pesquisas de “inspiração etnográfica” que vêm sendo utilizadas na área da Educação. A autora salienta que as pesquisas etnográficas na educação são pesquisas de “tipo etnográfico”, considerando que há diferenças entre a etnografia do campo antropológico e os estudos etnográficos que surgem nos estudos da educação. Assim, a autora caracteriza as pesquisas de tipo etnográfico na educação, como aquelas que se utilizam de técnicas como a observação participante, entrevistas, análise de documentos, sempre visando a interação da/o pesquisadora/or com o grupo estudado:

Por meio de técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas, é possível documentar o não-documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-a-dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstituir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico (ANDRÉ, 2002, p. 41).

Sobre a antropologia e o método etnográfico ser usado em pesquisas com crianças e no campo da Educação, Sonia Kramer (2002) elenca algumas contribuições, mostrando como a antropologia pode ajudar na reflexão sobre os estudos com crianças:

A *antropologia* fornece também elementos importantes: enfatizando a dimensão da cultura, a necessidade de pesquisar a diversidade, de estranhar o familiar e de compreender o outro nos seus próprios termos, a antropologia muda radicalmente a reflexão sobre a educação e os estudos da infância em particular. Por outro lado, a pesquisa etnográfica fornece estratégias e procedimentos metodológicos, influenciando estudos do cotidiano escolar, da prática pedagógica e das interações entre as crianças e os adultos. Aliadas à sociologia e a história, a antropologia e a pesquisa etnográfica – exercício de encontro com o outro e, portanto, consigo mesmo – combinam um cuidadoso mergulho crítico no trabalho de campo com um severo questionamento quanto ao processo de pesquisar. Indagando-se sobre o que torna humano o ser humano, a antropologia traz a diversidade à ordem do dia e mostra como diversidade e pluralidade constituem a singularidade dos seres humanos, embora até hoje continuem sendo engendradas formas sutis ou explícitas de tentar eliminar as diferenças (KRAMER, 2002, p. 44-45 – grifos da autora).

A aproximação entre antropologia e educação surge da minha própria formação acadêmica, graduação em Ciências Sociais e mestrado em Antropologia.

Discussões e inquietações que partem desses processos de formação – e que, nesse momento, resultam nesta dissertação – e alguns conceitos antropológicos respingam aqui. A diversidade de linhas teóricas e áreas de conhecimentos para se pensar a infância se fundem, e Kramer (2002) ainda aponta que diversas são as abordagens, metodologias e estratégias para pensar as pesquisas com crianças.

Para que esta pesquisa consiga atingir o lugar ao qual se propõe, penso sobre a necessidade de adentrar e explorar a questão etnográfica, não somente pelo método tradicional do campo antropológico, e nem somente pela proposta de pesquisa do “tipo etnográfico” utilizado na área da educação, mas também através do surrealismo etnográfico.

No surrealismo etnográfico [...] não há distanciamento, neutralidade, diagnóstico ou avaliação de aspectos estranho a si quando se está imerso no processo investigativo. O surrealismo etnográfico [...] se entrega a uma análise que não necessita seguir normas e princípios positivistas de observação da realidade [...] permite que se reflita sobre o assunto de interesse sob pontos de vista que não necessitam estar arraigados dentro das dogmatizações de realidade instituídas como únicas possibilidades [...] além disso, ele permite também que outras linguagens e hibridizações de análises possam dialogar com o intuito de fomentar as discussões e reflexões que estão sendo investigadas (VARGAS, BUSSOLETTI, 2015, p. 314).

O surrealismo etnográfico é proposto por Clifford (2008, p. 134) como “[...] uma construção utópica, uma declaração tanto sobre as possibilidades passadas quando futuras da análise cultural”. O autor utiliza o termo surrealismo em um sentido...

[...] obviamente expandido, para circunscrever uma estética que valoriza fragmentos, coleções curiosas, inesperadas justaposições – que funciona para provocar a manifestação de realidades extraordinárias com base nos domínios do erótico, do exótico e do inconsciente (CLIFFORD, 2008, p. 133).

Clifford ainda nos mostra esse movimento de aproximação entre a etnografia e o surrealismo, como alternativas de pensar a cultura e o estudo do “outro” no contexto do pós-guerra no século XX.

O termo etnografia, tal como estou usando aqui, é diferente, evidentemente, da técnica de pesquisa empírica de uma ciência humana que na França foi chamada de etnologia, na Inglaterra de antropologia social, e na América de antropologia cultural. Estou me referindo a uma predisposição cultural mais geral, que atravessa a antropologia moderna e que esta ciência partilha com a arte e a escrita do século XX. O rótulo etnográfico sugere uma característica atitude de observação participante entre os artefatos de uma realidade cultural tornada estranha. Os surrealistas estavam intensamente interessados em mundos exóticos, entre os quais eles incluíam uma certa Paris. Sua atitude, embora comparável àquela do pesquisador no campo, que tenta tornar compreensível o não-familiar, tendia a trabalhar no sentido inverso, fazendo o familiar se tornar estranho. O contraste é de fato gerado por um jogo contínuo entre o familiar e o estranho, do qual a etnografia e o surrealismo eram dois elementos. Este jogo é constitutivo da moderna situação cultural que estou tomando como base de meu estudo (CLIFFORD, 2008, p. 136-137).

Clifford atenta ainda que a etnografia e “[...] uma atitude etnográfica podiam funcionar a serviço de uma crítica cultural subversiva” (CLIFFORD, 2008, p. 147). Surgido no contexto do pós-guerra, o surrealismo choca e provoca, e pelo o olhar de Clifford (2008), tanto ao surrealista como ao etnógrafo é *permitido chocar*, e a prática etnográfica surrealista “[...] ataca o familiar, provocando a irrupção da alteridade – o inesperado” (CLIFFORD, 2008, p. 167). Clifford aponta ainda que os elementos surrealistas podem ser encontrados nos procedimentos etnográficos, mesmo que não o percebamos...

Os elementos surrealistas da etnografia moderna tendem a passar despercebidos por uma ciência que se vê engajada na redução das incongruências mais do que, simultaneamente, em sua produção. Mas todo etnógrafo não é um pouco surrealista, um reinventor e um “recombinador” de realidades? A etnografia, a ciência do risco cultural, pressupõe um constante desejo de ser surpreendido, de desfazer sínteses interpretativas, e valorizar – quando surge – o inclassificável, o inesperado outro. O surrealismo etnográfico e a etnografia surrealista são construções utópicas; eles misturam e zombam das definições institucionais de arte e ciência. Pensar o surrealismo como etnografia é questionar o papel central do “artista” criativo, o gênio-xamã descobrindo realidades mais profundas do domínio psíquico dos sonhos, mitos, alucinações e escrita automática. Esse papel é bem diferente daquele do analista cultural, interessado em montar e desmontar os códigos e convenções comuns. O surrealismo unido à etnografia resgata sua antiga vocação de política cultural crítica, uma vocação perdida em desenvolvimentos ulteriores [...] (CLIFFORD, 2008, p. 169).

Na concepção de Duarte (2017, p. 69), a etnografia surrealista a partir das infâncias “[...] permite realizar a crítica da cultura, pela desfamiliarização que as

infâncias fazem do mundo adulto, através da resignificação de experiências”. A autora ainda segue e, baseada na perspectiva benjaminiana, aponta que:

[...] o exercício infantil de experimentação do mundo passa, portanto, pela recombinação de fragmentos do mundo adulto – que podemos perceber aqui como elementos da tradição –, dando lugar ao desordenamento da cultura em um movimento despretenso, mas radicalmente surrealista. (DUARTE, 2017, p. 69).

Os caminhos da etnografia surrealista me possibilitam, nesta pesquisa, o desvio, transitando pela experimentação artística, pelos sonhos e pelas infâncias.

Saliento ainda que a análise e o tratamento das representações pretende seguir as reflexões em torno da abordagem da escrita de pesquisa nas infâncias, tal como é abordada por Bussoletti (2007), como um “exercício de alteridade”, através das infâncias e buscando, nesse “Outro” que são as crianças, novas possibilidades de significações ou resignificações da cultura.

Assim, é a partir das oficinas de filtro dos sonhos que busquei uma aproximação com o universo infantil, visando essa vivência e experiência com o Outro na busca do acesso às representações infantis. Passarei agora a tentar mostrar este movimento de pesquisa e os cuidados éticos que foram tomados.

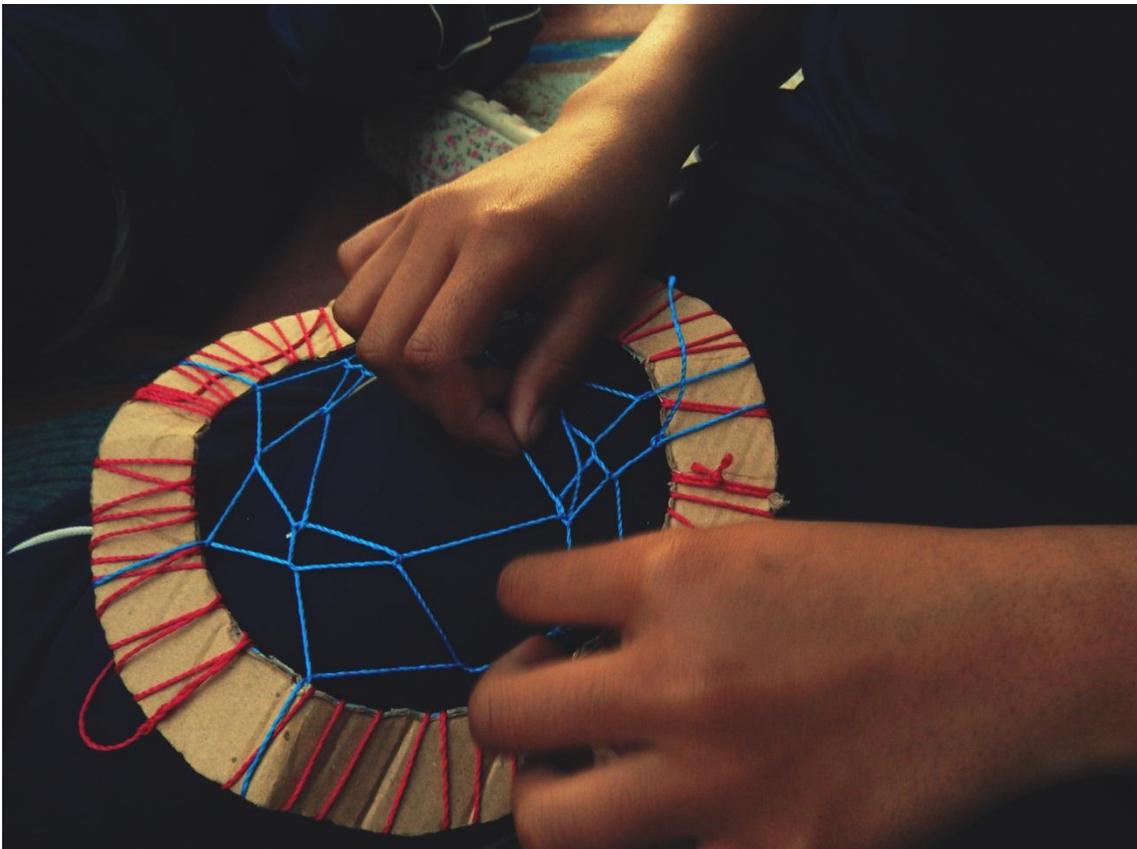
O desenvolvimento da oficina inicia com a narração sobre a origem do filtro dos sonhos. A cada oficina novos elementos e personagens são atribuídos, isso porque, sempre que contamos uma história, ou a mesma história, atribuímos elementos que consideramos importantes para aquela narrativa: “A cada vez que alguém conta uma estória, seleciona, entre eventos e personagens, aquilo que considera prioritário para a compreensão de um conjunto” (GINZBURG, 2012, p. 120). O que importa na narrativa é que a essência da lenda seja mantida. Assim, vou selecionando os personagens e lugares conforme vou lembrando.

A última vez que mencionei a lenda, em uma das oficinas, havia crianças na narrativa. Ouvi ou li alguma vez uma lenda que contava que as crianças de uma comunidade indígena possuíam muitos pesadelos em função da guerra e de conflitos entre os povos indígenas e não-indígenas. Desse modo, o Espírito da Aranha havia pedido ao Xamã da comunidade que tramasse um filtro dos sonhos, com cipó, fio e penas e o colasse na cabeceira da cama das crianças para que seus

sonhos fossem carregados de boas energias, e para que os adultos soubessem interpretar a mensagem que era enviada pelo Grande Espírito do Mundo enquanto dormiam.

Muitas são as narrativas encontradas sobre a origem ou lenda do filtro dos sonhos, assim, em minhas narrativas sobre essa lenda, me permito incorporar elementos, que se misturam e compõem essa história.

É dessa forma que foram desenvolvidas as oficinas. Criamos na liberdade e dialogamos sobre os sonhos. Durante esse momento com as crianças, pretendeu-se a troca de histórias e experiências. Diante das oficinas realizadas, percebo que não tramamos apenas o filtro dos sonhos, nossas próprias histórias se tramam, pelas perdas, pelas angústias, pelos medos e pelos sonhos, trata-se de um momento de troca profunda. Desse modo, utilizo o filtro dos sonhos como forma de acesso às culturas das infâncias e as narrativas que elas apresentaram sobre os sonhos.



As oficinas realizadas para esta pesquisa se deram em um Instituto de meninas, na cidade de Pelotas, descrito brevemente no fragmento anterior, onde ingressei em 2016 como voluntária. Ao acordar a realização da pesquisa com o Instituto, foi disponibilizada uma turma do terceiro ano, com 15 alunas, e outra do quinto ano, também com 15 alunas. As oficinas foram realizadas durante um período de 07 encontros em cada turma, sendo que cada oficina teve a duração de 1 hora e 30 minutos. Todas as alunas dessas turmas foram convidadas e nenhuma foi obrigada a participar desta pesquisa; tiveram, ainda, a liberdade de abandonar ou ingressar na pesquisa a qualquer momento.

Cabe salientar que o registro dessas narrativas que foram tramadas se deu através do registro fotográfico e da gravação de áudio e vídeo. As fotografias feitas no decorrer das oficinas como registro foram e serão utilizadas como forma narrativa junto ao texto, como explicado no primeiro fragmento, da qual foram selecionadas aquelas fotos que não comprometam e nem identifiquem as crianças, preservando suas identidades, mostrando assim, um pouco de como se deu o processo de confecção das oficinas que possibilitou essa aproximação com o universo infantil. As fotos não conterão legendas, como já exposto e como tem aparecido no decorrer do texto, pois busco junto à palavra escrita e às fotografias um exercício de alteridade e polissemia das vozes, que se constrói entre mim e as crianças.

Kramer (2002) aponta algumas reflexões sobre a autoria e autorização em pesquisas realizadas com crianças, refletindo sobre a questão ética. Mesmo concebendo a infância como uma categoria social e histórica, que produz cultura, Kramer (2002) salienta que as crianças também precisam de cuidado e atenção, e que não devemos colocá-las em risco. É visando isso que não só no uso de imagens que esse cuidado foi estabelecido, mas também diante das próprias falas das crianças, das quais foram utilizadas apenas aquelas que não as colocariam em risco ou as identificasse.

A gravação de áudio e vídeo serviram como forma de capturar melhor as narrativas e histórias que as crianças contaram durante as oficinas. Assim, os momentos de oficinas foram gravados em vídeo e áudio com uma câmera fotográfica e posteriormente transcritos e apresentados às crianças; foram utilizadas somente as narrativas autorizadas pelas próprias crianças. Saliento que esse

material não será divulgado a nenhuma outra pessoa, e a identidade das crianças também será preservadas.

Assim, ressalto que nesta pesquisa os procedimentos éticos foram respeitados e o projeto de pesquisa foi aprovado mediante avaliação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)²⁷, submetido através da Plataforma Brasil, regida pela resolução n.º 466 de 12 e dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e pelas determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Considerando que toda pesquisa possui riscos e benefícios, estes foram amplamente esclarecidos junto à Instituição, aos pais ou responsáveis pelas crianças e para as próprias crianças.

Considerou-se como riscos que poderiam ocorrer durante a pesquisa: cansaço ou aborrecimento por parte da criança em participar da atividade proposta; constrangimento ou desconforto diante das gravações de vídeo e áudio e das fotografias; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias; alterações de visões de mundo mediante a proposta da atividade; e por fim, mesmo a pesquisadora garantindo o sigilo da pesquisa, leva-se em consideração o risco de quebra de sigilo que possa ocorrer de forma involuntária. Desse modo, busquei amenizar os possíveis riscos durante a realização da pesquisa.

Submetendo ao Comitê de Ética, ressaltamos como benefícios dessa pesquisa que se verificam no estímulo da interação e da capacidade das crianças para compartilharem e explorarem algo íntimo, como o sonho, além da possibilidade de: desenvolvimento de atividades em grupo; motivação e capacidade de as crianças desenvolverem um trabalho artesanal e artístico; liberdade de criarem seus trabalhos e histórias acerca dos sonhos; momento de reflexão das atividades onde todas possuem espaço para compartilhar seus sentimentos e observações sobre o trabalho realizado; e registro fotográfico realizado durante as oficinas como um instrumento de autoestima quando as crianças entraram em contato com o material produzido.

²⁷ Cabe salientar que o mesmo encontra-se liberado e aprovado, sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 79280017.9.0000.531 e Parecer Consubstanciado do CEP número : 2.403.426.

Para a realização desse estudo, se buscou a autorização por parte do Instituto, através de uma carta de anuência (APÊNDICE 2) e por parte dos pais ou responsáveis pelas alunas, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 3), que foi enviado aos pais ou responsáveis, através das alunas, juntamente com uma carta de apresentação (APÊNDICE 4), visto que nem sempre todos os pais ou responsáveis podem comparecer ao Instituto devido ao trabalho. Foi ainda entregue um pedido de autorização da pesquisa para as crianças, através de um Termo de Assentimento elaborado especificamente para as crianças (APÊNDICE 5), que foi aplicado em grupo na sala de aula, lido e esclarecido junto às crianças.

Ressalto ainda que a identidade das meninas foi preservada, através do sigilo de suas identidades e do anonimato, e isto será retomado no próximo fragmento.

Os dados da pesquisa serão tratados com sigilo, confidencialidade e responsabilidade, sendo utilizados apenas para publicações científicas e mantidos guardados em forma digital e física, conforme orienta a resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, artigo XI.2.f, durante o período de 5 anos após o término da pesquisa, no acervo do Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade, localizado na Faculdade de Educação, rua Alberto Rosa, nº 154, 2º andar, sala 258, Várzea do Porto, Pelotas/RS. Assim, durante e depois das atividades de pesquisa, me coloco à disposição para o esclarecimento e resposta a qualquer pergunta.

Diante esses esclarecimentos, saliento, por fim, que a abordagem de pesquisa neste contexto buscou apreender as representações infantis, através dos sonhos, ancorando-se nos pressupostos da etnografia, que propõe a inserção no universo de estudo e a interação com as crianças.

Nos próximos fragmentos apresento as narrativas das crianças, a inserção e reflexões sobre esse processo de pesquisa. Os dados apresentados seguem a técnica da montagem como elemento estético, valorizando também os fragmentos, pelos quais apresento os olhares das infâncias.

Parto então para a *viagem ao país dos sonhos*... E o que virá a seguir é uma tentativa de mostrar o que pude ver, ouvir, sentir, com, para, por e... quem dera... pelas crianças.



Viagem ao país dos sonhos

Vou aos poucos penetrando por essa viagem ao país dos sonhos. Uma viagem porque nela pude conhecer outros lugares. Pude conhecer sonhos e sobre eles, às vezes, penso: *será que esses sonhos existiriam se alguém nunca os tivesse perguntado?*

Alerto que para poder tratar de todos esses sonhos que surgiram ao longo das oficinas, as vozes dessas meninas assumirão a voz de uma personagem, Helena. Personagem esta baseada nas crônicas de Galeano, no “O Livro dos Abraços” (2013):

Viagem ao país dos sonhos

Helena acudia, em carruagem, ao país onde os sonhos são sonhados. Ao seu lado, também sentada na boleia, ia a cachorrinha Pepa Lumpen. Pepa levava, debaixo do braço, uma galinha que ia atuar em seu sonho. Helena trazia um imenso baú cheio de máscaras e trapos coloridos. O caminho estava muito cheio de gente. Todos iam para o país dos sonhos, e faziam muita confusão e muito ruído ensaiando os sonhos que iam sonhar, e por isso Pepa ia resmungando, porque não a deixavam concentrar-se como se deve. (GALEANO, 2013, p. 43).

Outras crônicas de Galeano (2013), como “Os sonhos de Helena”, “O país dos sonhos”, “Os sonhos esquecidos” e “O adeus dos sonhos” também narram as aventuras de Helena.

Opto pela criação dessa personagem como forma de manter o anonimato em relação aos nomes verdadeiros das crianças. As falas dessas meninas constituem um único texto, que se expressam em protagonismos e pura poética.

A criação de uma personagem que assume a voz das participantes da pesquisa é realizado também por Bussoletti (2010b), e, a partir daí, encontro a

sustentação teórica para me basear na criação de Helena. Ciampa (1987, p. 157) diz que: “identidade é história. Isto permite afirmar que não existe personagem fora de uma história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens”²⁸.

Nesse fragmento, *Viagem ao país dos sonhos*, título tomado emprestado de Galeano (2013), apresento as primeiras impressões dessa imersão, ou viagem. Nos demais fragmentos que seguem, tomo também títulos emprestados desse autor, sendo eles *Os sonhos de Helena*, *O país dos sonhos* e *Nisso ninguém mexe*, na forma de me ajudarem a dizer desses sonhos de Helena. Em cada fragmento, apresento ainda a crônica que faz jus ao título escolhido.

Primeiro apresento Helena, menina que transita entre 9 a 12 anos, negra, moradora da periferia de Pelotas/RS. Helena estuda em um Instituto Católico que funciona como escola das séries iniciais. Para se matricular na escola é necessário que a família esteja cadastrada no Programa do Governo Federal Bolsa Família²⁹. Esta é Helena que por entre Nós e tramas um tanto se mostra.

²⁸ Diante desta perspectiva, Bussoletti cria sua personagem, Margarida, uma mulher sem terra, que na multiplicidade das vozes, assume a identidade dessas mulheres, que vão se constituindo e estabelecendo o universo de significados que as formaram. Ciampa (1987, p. 155) aponta ainda que essa relação é uma construção de “autoria coletiva da história, da qual somos todos co-autores, e de autoria individual, invenção assinada, que é daquele personagem chamado autor e que, de fato, sempre é um narrador, um contador de histórias”. Assim, nesta história a ser contada, as múltiplas vozes se mesclam.

²⁹ O Bolsa Família é um programa do Governo Federal, criado em 2003, que atende famílias em situação de pobreza e extrema pobreza. O programa visa o combate a pobreza e a desigualdade no Brasil. BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social**. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia>>; Acessado em 23 fev. 2018.



A cada encontro nos conhecíamos melhor. Helena, às vezes, me recebia com abraços fortes e ansiosa para saber o que faríamos em aula. Em outras vezes, passava por mim chorando, sem querer compartilhar o que havia acontecido. Helena gostava também de desenhar, brincar e sempre que podia me perguntava se era possível irmos num parque que ficava a algumas quadras da escola. Eu tentava explicar que, por não ser professora titular da escola, não possuía autorização para sair com ela.

Helena me pedia sempre, todos os dias para desenhar no quadro, mesmo sabendo que a direção da escola não gostava, confesso que às vezes a deixa desenhar e escrever. Helena gosta tanto de desenhar que sempre ao final de cada encontro me pedia folhas, não uma ou duas, mas várias. Eu sempre tinha folhas disponíveis. Helena adora pular, gritar, correr, como qualquer criança na sua idade.

Helena, às vezes, se mostrava tão agitada que eu pedia por silêncio, e saia rouca de tanto forçar a voz. Um dia Helena brigou com uma colega de aula, e diante dessa situação eu coloquei duas opções: resolver a situação em aula ou irem as duas para a direção. Perguntei o que preferiam. A resposta veio de imediato... *Brincar!*

Quando levei o filtro dos sonhos para Helena conhecer, o apresentei apenas como objeto e deixei que ela me dissesse o nome ou o que significava...

Helena falava duvidosa... *É um mapa do tesouro? Aquele negócio que coloca em qualquer lugar, até na orelha? Um enfeite?* Em outros momentos, apresentava plena certeza, e afirmava: *É a teia da amizade! É uma teia dos sonhos! Teia de aranha! É legal e elegante! É uma teia de aranha, só que bonita, que pode colocar na parede e na geladeira.*



Narrei para ela a história que conta sobre a origem do filtro dos sonhos. Fui contando como lembrava, que num povo que vivia distante daqui, uma pessoa indígena buscava por inspiração para guiar seu povo, e as perguntas foram surgindo... *O que é povo? Devolvi a pergunta, o que tu achas que é?*

Eu sei, é quando todo mundo se junta, é um povo. É cheio de povo e o líder é o primeiro que nasceu. Por fim conclui: Povo é quando todo mundo se junta pra fazer guerra.

Continuei, perguntei se ela sabia o que era uma pessoa indígena, e que eles faziam parte de um povo...

É índio. É uma obra de arte!

Tentei continuar, mas logo fui interrompida...

Tia, eu já sei como surgiu, eu acho que uma pessoa teve um sonho, só que aí foi o filtro dos sonhos que ela teve, aí, ela lembrou e criou. Eu acho que o primeiro que nasceu era muito inteligente, sempre que ele ia dormir na noite, ele tinha um monte de pesadelos e, de noite, ele saiu para pegar umas coisas e fazer o filtro dos sonhos, e, aí, deu certo. Sabe por que é chamado filtro dos sonhos? É porque ele guarda os pesadelos. A história do filtro dos sonhos é que numa antiga tribo tinha um cacique e eles tinham muita guerra e, para tirar o sonho ruim das pessoas ele pegou e fez um filtro dos sonhos e, quando chegasse o sol ele tirava os pesadelos que ficavam no meio da teia. Tinha uma tribo, aí, um menino pensava muito em guerra e, um dia veio uma aranha e fez uma teia para mostrar que era um filtro dos sonhos, quando amanhecia o filtro levava as coisas ruins, como a guerra, e trazia coisas boas.

Em outro momento, Helena apresenta outra narrativa:

Era uma vez, nos Estados Unidos tinha uma guerra, e as crianças estavam tendo muito pesadelo, e um homem que sonhou com o espírito da aranha pegou um fio e pena e um cipó e transformou em um filtro dos sonhos. Eu vou ensinar como se faz um filtro, primeiro tu tem que pegar um cipó ou um papelão redondo e você pega a lã e dá um nó na ponta que você quer, como a linha é muito grande, tu pode dar pause, né, tia?

Sim! Dei pause!



Por vezes, tentava dar seguimento à atividade proposta. Fui contanto e explicando o filtro dos sonhos e como seriam nossos encontros. Além da confecção do filtro dos sonhos, contei sobre a lenda de origem desse objeto e sempre levava alguma questão a fim de provocá-la, como *de onde vem os sonhos, para onde vão, qual o seu sonho?* Pelo olhar de Helena, vi que o filtro dos sonhos poderia significar muitas coisas...

Um aparador de sonhos, que tira os pesadelos e foi feito há muito tempo. É um modo da gente espantar os nossos sonhos ruins e ter mais sonhos bons para um dia a gente realizar eles, pra a gente dormir melhor, ele acalma e tranquiliza.

O filtro dos sonhos significa algo muito importante para os nosso sonhos, algo que pega as coisas ruins e traz coisas boas, ele é feito talvez, eu não sei, pra trazer energia boa pra dentro da nossa casa, para as pessoas. Significa os nossos sonhos, é uma coisa que tira nossos pesadelos de dentro da gente. Os pesadelos ficam lá dentro, para gente não ter mais pesadelo. Quando a gente tem pesadelo a gente

olha para o filtro dos sonhos e dorme bem, fica com sonhos bons. Ele vem do cipó pra tirar o sonho ruim.

O filtro dos sonhos começa primeiro com o cipó, depois pega a lã e junta. Significa um coletor de sonhos, ele filtra os sonhos, por isso é filtro dos sonhos, ele filtra os sonhos ruins e bota coisas boas, traz mensagens boas. Ele realiza nossos sonhos. Ele guarda os sonhos. Isso daí é nosso segredo.



Durante as oficinas, os segredos foram surgindo e guardados na forma mais fiel possível; e não ousou nem aqui compartilhá-los. Vieram, ao longo dessa intervenção, segredos em forma de sonhos e sonhos em forma de segredos, cochichados ao pé do ouvido por Helena... *eu não gosto de falar dos meus sonhos, eles são ruins.*

Essas confissões me assustavam, não podia protegê-la ou evitar que os sonhos ruins viessem. Por vezes, me perguntava sobre a tamanha confiança que Helena possuía ao me contar coisas tão profundas, sobre situações vivenciadas e medos futuros. Helena tinha medo da mudança, da troca de escola, da perda. Eu

também tinha medos, mas penso que Helena tenha sofrido perdas mais intensas do que eu. Helena me contava sobre as saudades que tinha. Saudade do pai, da avó que a cuidava, da mãe que trabalhava muito. Quando sentia muita saudade, Helena ficava como se só, no seu cantinho.

Mas Helena também é pura alegria. Nunca vi sorriso mais intenso e contagiante. Às vezes, o peso da vida me desmotivava, mas quando eu encontrava com ela, o riso era solto, as coisas ficavam mais leves, mais fáceis de enfrentar, pois a todo tempo ela me mostrava uma força que eu não encontrava em outro lugar. Muitas vezes rimos juntas, e muitas vezes também chorei, pelo simples fato de ela conseguir me mostrar caminhos que eu não pensava serem possíveis e por me mostrar a beleza e a intensa amizade. Foram encontros de muitas trocas, confissões e sonhos que se tramavam. Penso que esse encontro já havia sido tramado, pelas mãos da artesã que tece o ciclo da vida.

Durante as oficinas, deixava Helena livre para participar ou não. Às vezes, ela se interessava pela atividade e ficava concentrada fazendo seu filtro dos sonhos. Mas logo retornava e eram muitas as suas questões e pedidos...

Tia, tia, tia, me ajuda, arruma isso aqui? Deixa eu mostrar meu filtro? Qual o teu sonho, tia?



Às vezes, Helena não parava de falar. E ainda brigava dizendo que o seu sonho não poderia ser sonhado por outra pessoa. E mesmo depois de um tempo, depois de eu já ter explicado para ela o que eu fazia na escola, que meu projeto estava ligado a uma pesquisa, depois mesmo de ter a autorização da escola, dos responsáveis e da própria Helena ter aceitado participar, ela desconfiava do gravador de áudio, dizia: *tu tá gravando pra mostrar pra diretora, porque eu faço muita bagunça, né?* Helena pensava que era uma forma de controle para ver quem se comportava ou não. Eu explicava novamente e falava que se ela não quisesse eu não gravaria, mas que era apenas para eu lembrar do que a gente conversou e fez em aula. Quando expliquei o projeto para ela e falei que precisaria da autorização dela e da/o responsável, Helena logo perguntou se a autorização era para passear... *porque a escola nos pede autorização quando vamos sair da escola.* Helena insistiu até o último dia em que estivemos juntas para que fizéssemos um passeio, mas infelizmente não pude realizar nenhum passeio com ela.

Mas algumas coisas eu pude realizar ao lado de Helena, e ela é também curiosa, perguntava tudo que podia, até mesmo coisas que eu nem sabia como responder...

Professora, tu sempre quis ser isso?

Eu: *isso o quê?*

Isso de sonhar, uma professora dos sonhos!

Naquele momento eu não tinha resposta, mas se ser uma professora dos sonhos representa tudo isso que pude vivenciar com essas meninas e também com esta pesquisa, ousou dizer que sim, sempre *quis ser isso*.



A viagem ao país dos sonhos segue e apresento os sonhos de Helena como se divididos em três, passemos aos sonhos então...



Os sonhos de Helena – os sonhos da princesa

Os sonhos de Helena

Naquela noite, os sonhos faziam fila, querendo ser sonhados, mas Helena não podia sonhá-los todos, não dava. Um dos sonhos, desconhecido se recomendava: - *Sonhe-me, vale a pena. Sonhe-me, que vai gostar.* Faziam fila alguns sonhos novos, jamais sonhados, mas Helena reconhecia o sonho bobo, que sempre voltava, esse chato, e outros sonhos cômicos ou sombrios que eram velhos conhecidos de suas noites voadoras (GALEANO, 2013, p. 42 – grifos do autor).

Helena tem muitos sonhos e eles pulam e brotam, querendo todos serem sonhados, e eu, tentando encontrar algum fio por entre eles, percebo que é como se num primeiro movimento algo de mágico se produzisse. Assim, Helena trama também seus sonhos e sem pestanejar vai se apresentando e dizendo: *Eu sou Helena e eu quero ser princesa!*



Helena conta que seu sonho é *ter uma mansão*, quer ter *uma casa bem linda e bem grande*, ela quer dar uma casa para sua mãe e *dar um milhão, um carro e uma limusine*. Só que a mansão de Helena, cá entre nós, é mesmo *ter uma casa de sorvete*.

Helena gosta de *brincar no parque e sonha em ser pediatra ou médica de adulto, para ajudar as crianças e os adultos a tirar o machucado*. Também sonha em *ser professora, educadora, professora de educação física ou português*. Ela conta que quer *ser pediatra para cuidar das pessoas, receitar remédios*, aliás, ela tem convicção e afirma: *eu vou ser uma ótima pediatra!* Mas ela também diz que poderá *ser modelo, atriz de TV ou bailarina e professora de ballet, cantora e artista*. Ou quem sabe *ser veterinária para ajudar os bichinhos?* Ou ainda *ser engenheira e arquiteta*, mas poderá também *ser policial, para prender os ladrões*, ou ainda *doutora particular. Trabalhar numa pizzeria e tocar piano*, ou ainda, sonha em *ser advogada*; e para ser advogada ela sabe que *precisa estudar muito*, e sabendo disso ela diz então *eu quero estudar*. Helena diz que quer *ser autora de livros* e me

diz que sonha em *ser inteligente e virar professora e se as crianças fizessem bagunça ela deixava sem recreio*. Para alguns minutos e logo diz: *meu sonho mesmo é dormir no colégio...*

Mas no fundo o que ela quer, ela me revela em um quase segredo: *Eu quero mesmo é ir para o Rio de Janeiro ou mesmo até para os Estados Unidos, ir para Orlando. Eu quero mesmo, ela diz, é ir para a Disney. Ou ir para Paris*. Dizendo isso, Helena ri e complementa: *eu nem imagino onde fica, mas sei que vou ir de avião*.

Helena diz que: *Quando a gente dorme a gente sonha, e eu sonho em ser princesa*.



Helena conta que quer *casar e ter filhos*. Melhor, por ela: *eu quero ter filhos e filhas, o quanto Deus me der. Quero ter um marido que me respeite, que me dê privacidade, que respeite minhas decisões, que me ajude e que não me traia*.

Mas antes disso eu quero que meu pai possa comprar um carro. Dizendo isso, ela para e afirma: na verdade meu sonho é ter um pai. Ter um pai e que meu pai fosse bom para mim e para meu irmão, que meus pais não se separassem, porque eu quero ficar junto com eles.

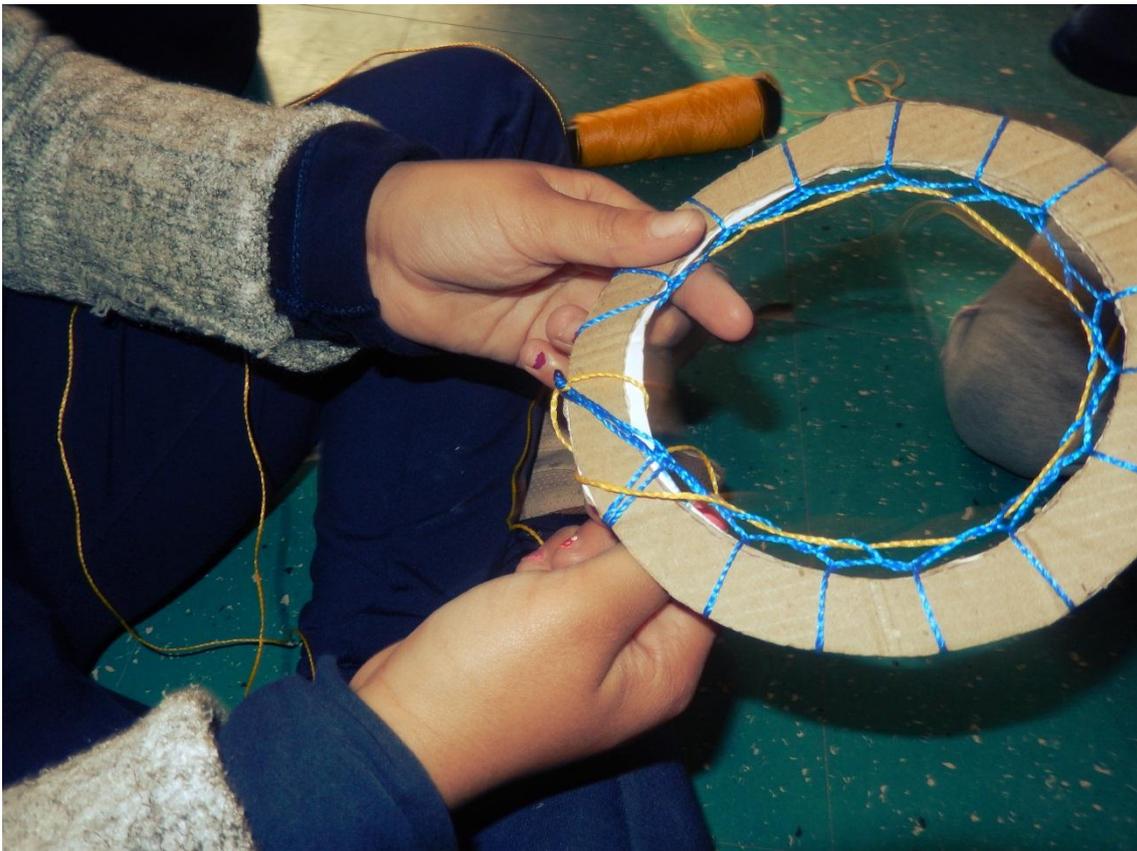
E se nada disso for possível, Helena diz que quer *um skate de guria, uma bicicleta e também uma sala cheia de bonecas*. Ela quer *ter um notebook ou celular*, ou se possível ela quer *ter um canal no Youtube e um Facebook*. Mas Helena diz também que *quer ter mais, quer ter um parque aquático*, porque no fundo, no fundo, ela quer *ser um golfinho*.

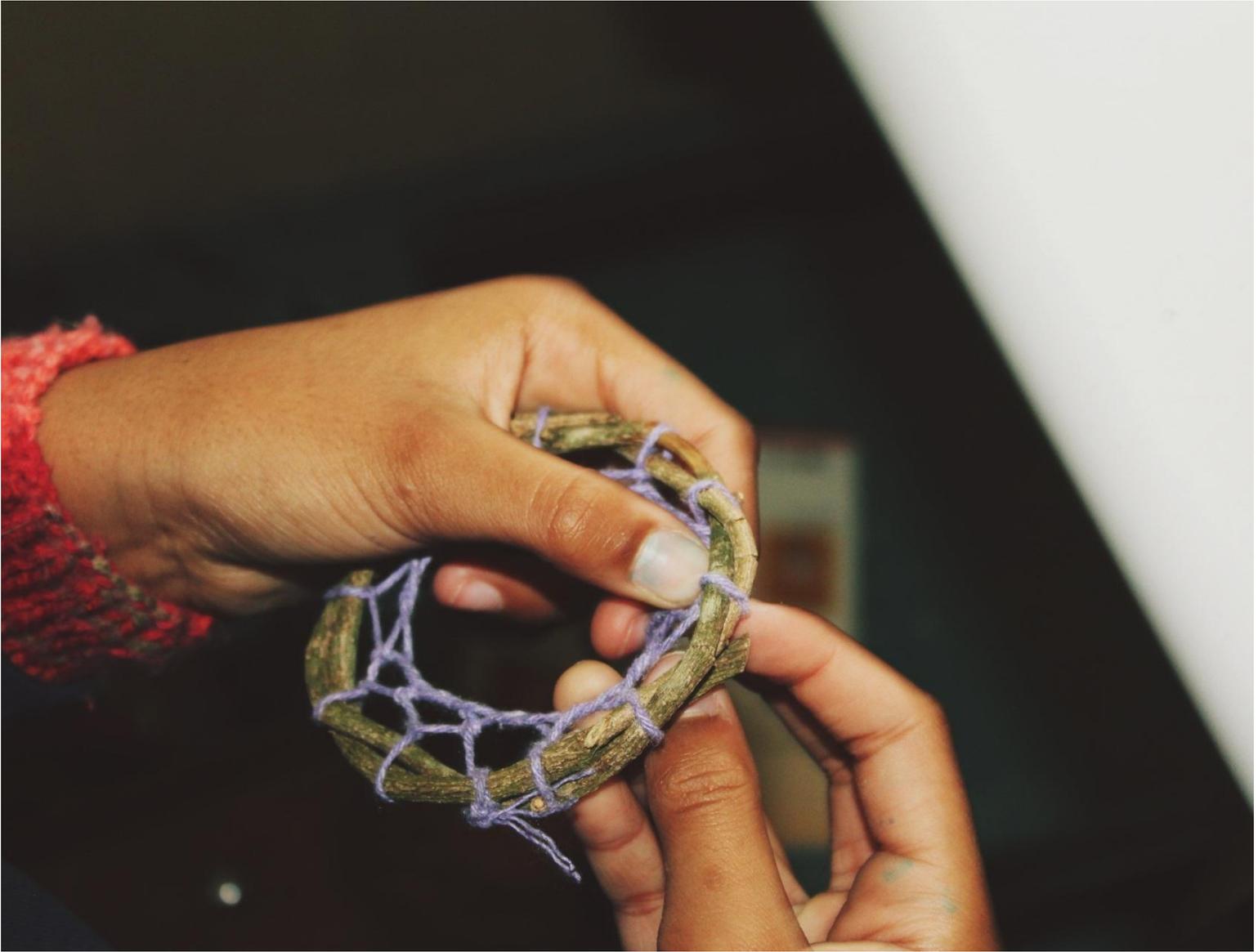
E nisso, de repente, os sonhos de Helena parecem querer um outro tempo e ela me diz que quer *crescer rápido*, e em outros momentos me diz que: *Meu sonho é voltar a ser bebê. Não...não... Meu sonho é pular bem alto e voar.*



Helena conta ainda que em seus meus melhores sonhos, sonha em ter *um diamante de ouro valioso e ser rica*. Mas ela quer mesmo é *ser milionária e ajudar os pobres e os moradores de rua*. Helena diz que: *se pudesse, daria uma casa pra eles e comida e roupa e ia levar no médico*.

E por entre tantos sonhos, assim como nos contos de fadas, Helena princesa pontua dizendo: *Eu quero mesmo é viver feliz para sempre, eu quero ter saúde*.



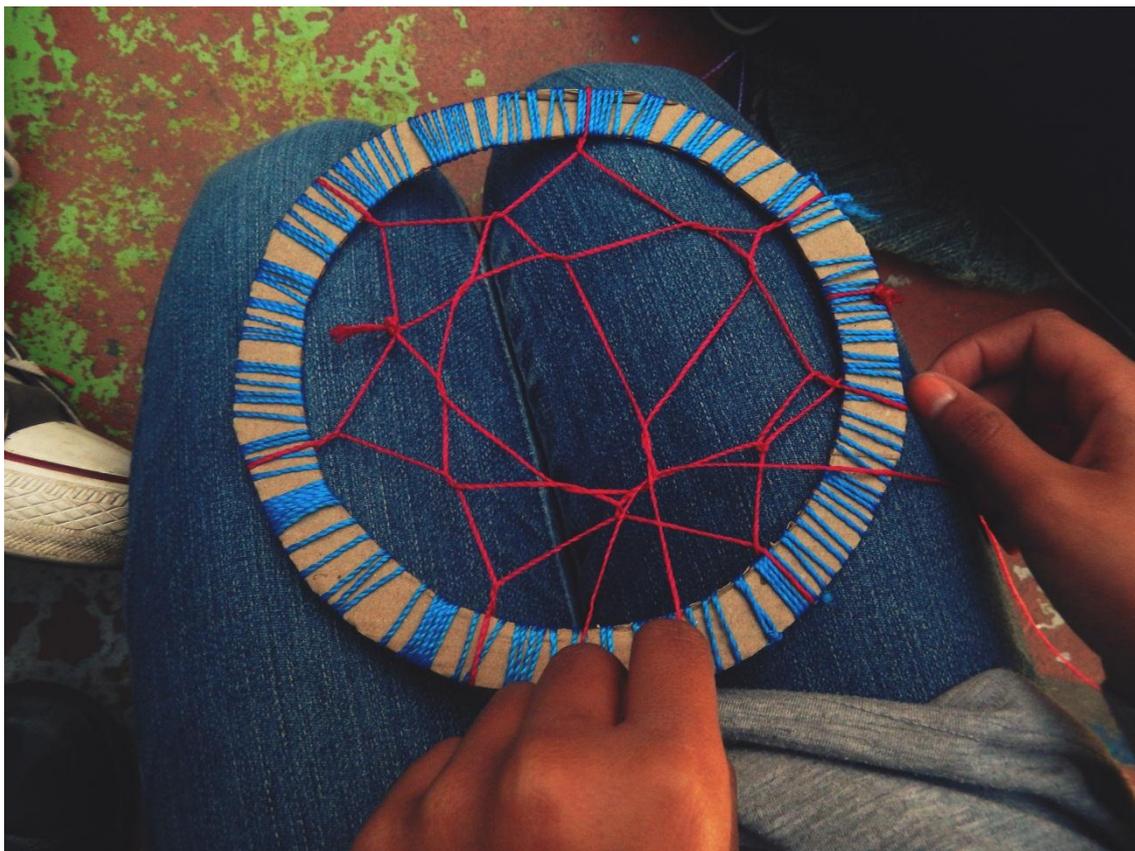


O país dos sonhos – onde Helena solta seus sonhos pelo ar

O país dos sonhos

Era um imenso acampamento ao ar livre. Das cartolas dos magos brotavam alfaces cantoras e pimentões luminosos, e por todas as partes havia gente oferecendo sonhos para trocar. Havia os que queriam trocar um sonho de viagem por um sonho de amores, e havia quem oferecesse um sonho para rir a troco de um sonho para chorar um pranto gostoso. Um senhor andava ao léu buscando os pedacinhos de seu sonho, despedaçado por culpa de alguém que o tinha atropelado: o senhor ia recolhendo os pedacinhos e os colava e com eles fazia um estandarte cheio de cores. O aguadeiro de sonhos levava água aos que sentiam sede enquanto dormiam. Levava a água nas costas, em uma jarra, e a oferecia em taças altas. Sobre uma torre havia uma mulher, de túnica branca, penteando a cabeleira, que chegava aos seus pés. O pente soltava sonhos, com todos seus personagens: os sonhos saíam dos cabelos e iam embora pelo ar (GALEANO, 2013, p. 44).

Nesse momento, Helena que gosta de brincar, corre livre pela imaginação. Vai tecendo sonhos, ousa e cria e vai me contando de onde vem os sonhos, para onde vão e o que é sonhar...



Como quem não quer nada, ela me diz que: *Sonho significa uma coisa que quando a gente tá dormindo, nós sonhamos. Então sonho pra mim é uma coisa que anima o nosso dormir. E essa animação vem do nosso pensamento, eles moram dentro da cabeça.* O sonho vem do pensamento e, às vezes, Helena conta que sonha *com coisa estranha, tipo de terror*, mas que ela não tem medo. Isso porque ela sabe que *esse sonho que vem da cabeça se parecem mesmo é com florzinhas e borboletas.*

Novamente a imagem da princesa surge, e Helena agora rodopia e conta que os seus sonhos *moram dentro do castelo*, mas ela não sabe o que eles fazem lá dentro. Helena acha que os sonhos são *que nem pessoas, adultas, brincam, pulam, dançam.* Ou melhor, ela imagina que *a gente sonha de noite e eles (os sonhos) saem do castelo para nos encontrar e depois eles vão para o cérebro, pra gente não esquecer.*

Impossível esquecer os sonhos de Helena, até porque são sonhos que, segundo ela, *vem de uma casa alegre e são um pensamento bom.* Os sonhos de

Helena *depois de sonhados vão para o jardim e depois para a cabeça de outras crianças para serem sonhados de novo.*

Esses sonhos que vem *de uma casa alegre*, passeiam pelo seu jardim e depois encontram os de outras crianças, seguem todo esse movimento porque são *sonhos que vão pelos olhos, e depois de sonhados eles se realizam.*

Mas para que tudo isso aconteça, Helena esclarece que *quando a gente dorme o sonho vem, mas tem que estar com a mente descansada.* Só assim poderemos reconhecer que *os sonhos vivem em um deserto cor de rosa e numa montanha cor de arco-íris.*

Mas ela diz também que *os sonhos são nossa imaginação que vemos dia a dia na hora de dormir.* *Se acordar não tem mais, e assim, se dormir de novo pode continuar ou não.* Mais uma vez ela orienta: *primeiro não se esqueça de almoçar, escovar os dentes e depois dormir.* E dizendo isso pontua: *o sonho é uma realidade para mim.*



Num determinado momento, Helena me pergunta: *Tu queres que eu te conte um sonho?* E sem dar tempo para que eu responda, prossegue:

Um sonho começa assim, com uma imaginação incrível, que invade as coisas mais lindas até as mais terríveis. Uma vez uma menina de 15 anos não acreditava em sonhos por um trauma de infância. Algum tempo depois, a menina foi dormir e ela teve um sonho com um amigo verdadeiro do mundo. Quando ela acordou para ir para a escola, ela percebeu que sonhou e depois disso ela começou a acreditar nos seus sonhos. Ela ficava sozinha na sala, no pátio e em casa. A vida para ela não fazia mais sentido. Quando voltou para casa, ela sentiu uma vontade de dormir e sonhar. Agora a menina vive mais feliz por um tempo. Ela sonhou com o mais terrível e tenebroso do mundo. Ela era tão feliz no sonho, mas de repente apareceu seu irmão que faleceu e ela, no sonho, era o anjo que se sentiu culpado por não salvar. Enquanto ela sonhava, sua mãe não estava em casa, estava no trabalho. Ela queria voltar no tempo para sair daquela angústia. Sentiu um aperto no coração e se acordou.



Dizendo isso Helena, ficou um tempo em silêncio e depois retomou como que concluindo e me dizendo: *O sonho é xadrez. E na verdade sonho não vem da nossa mente, da cabeça, não, ela agora sabe que, o sonho vem do desejo.*

Inquieta, segue em perguntas: *Ou será que o sonho vem do travesseiro? Da nossa criatividade? Não, não quando a gente dorme e tem um sonho esse sonho vem do nosso pensamento. O sonho vem do nosso sonho. O sonho vem do filtro dos sonhos.*

Mas isso ainda não satisfaz Helena, e ela diz: *quando a gente quer alguma coisa ou quando a gente sonha com algo, esse algo vai acontecer no futuro.* Outra pausa e em outra pontuação precisa ela diz: *eu acho que o sonho vem do sonho mesmo!*

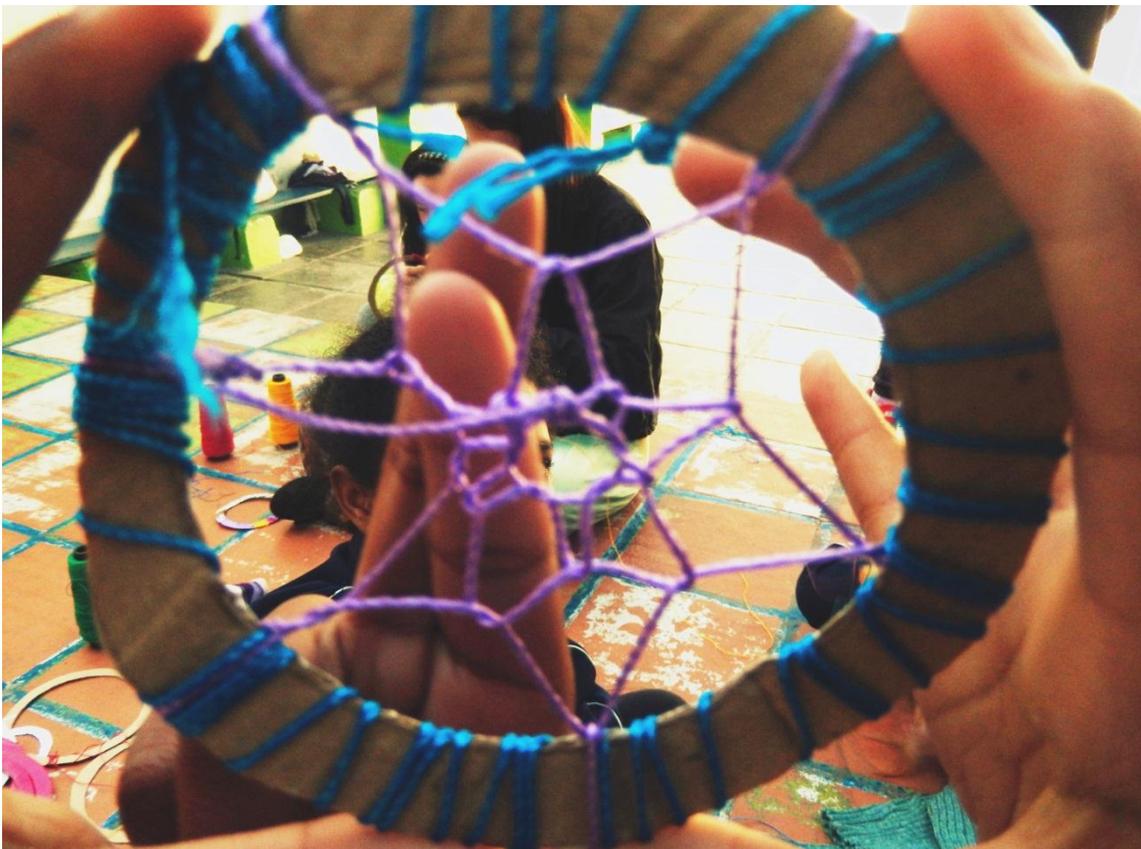


Helena sorri e se anima e grita: *O sonho vem das nossas realizações e conquistas.*

Helena diz que sonha coisas boas e, às vezes, coisas ruins, e no mesmo momento me pergunta: *e você é assim?*

São tantos os sonhos de Helena que por vezes confundo, em um deles ela conta que estava em baixo da cama dela, porque ela *estava fugindo de um monstro*. Em outro ela disse que era *uma heroína*, que salvava a cidade, pois tinha *um grupo de super-heróis*.

Um dia, Helena brincou até de noite e se cansou demais e dormiu *na barraca do quintalzinho*. Ela disse que nesse dia teve *medo*, mas logo adormeceu e teve *um sonho*, nesse sonho ela, princesa, era *a rainha das fadas* e sua mãe estava lhe abraçando bem apertado e dando-lhe beijos.



Mas o melhor, o melhor dos seus sonhos Helena lembra que foi quando ela sonhou que a sua vó tinha lhe dado *uma bola de cem reais*.

Esse e outros sonhos bonitos são os sonhos que *vem do pôr-do-sol, vem do coração e do amor das pessoas*. Afinal, ela sabe e reafirma que *o sonho é muito importante para as crianças e também para as pessoas*.

É importante e deve ser cultivado como se os sonhos surgissem, defende ela agora, *de uma fazenda, depois de uma colheita*. E nesta colheita são colhidos pela ordem: *cebola, carinho e sonhos, afinal colhem os sonhos na fazenda com amor*.



Ninguém sabe, só Helena, que no país dos sonhos tem uma *touca de sorvete*, *chuva de cupcake*, *nuvem de marshmallow* e *árvores de pirulitos*. Esse país é tão interessante que tem ainda *uma árvore que dá dinheiro* e *uma cachoeira que em vez de água sai notas de cem reais*.

Mas esse país dos sonhos só é possível de ser encontrado quando a gente tá feliz, porque se a gente estiver triste, não vem os sonhos, vem os pesadelos.

E depois? Depois ela diz que *quando os sonhos já foram entregues eles vão para o céu*.

Olhando para o céu, Helena conclui: *A borboleta é uma ótima sonhadora, porque quando ela é uma lagarta ela sonha que vai virar borboleta.*



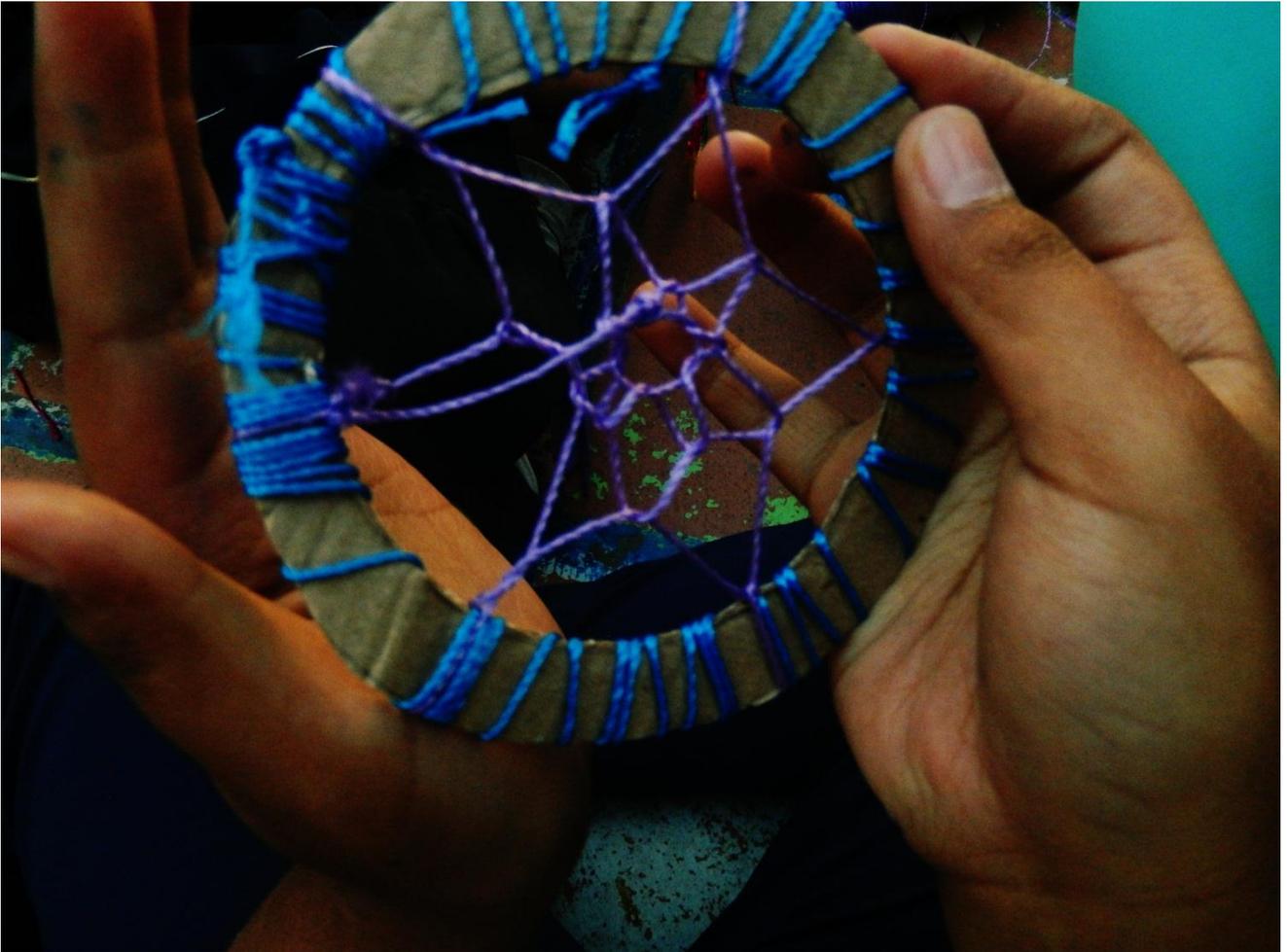


Nisso ninguém mexe!

Helena sonhou que deixava os sonhos esquecidos numa ilha. Claribel Alegria recolhia os sonhos, os amarava com uma fita e os guardava bem guardados. Mas as crianças da casa descobriram o esconderijo e queriam vestir os sonhos de Helena, e Claribel, zangada, dizia a eles: - *Nisso ninguém mexe*. Então Claribel telefonava para Helena e perguntava: - *O que faço com os seus sonhos?* (GALEANO, 2013, p. 45).

Nisso ninguém mexe! Grita por fim Helena, tentando ainda proteger alguns sonhos profundos, que resistem. Mas, no final, sabemos que a decisão não será de Helena, que junta aquilo que pode tentando fugir desse ato final.

Helena agarra seu sonho cuidadosamente e com todas as suas forças....



E me conta que seu medo maior é de se separar da sua família. Ela quer estar com a sua família. E ela não quer também nunca perder seus amigos. Helena diz: *quero ajudar minha mãe e meu pai, ajudar o próximo e os pobres.*

Mas também Helena me confessa que quer *conhecer uma cachoeira, brincar na praça da avenida.* Helena quer ter *um amor de verdade.*

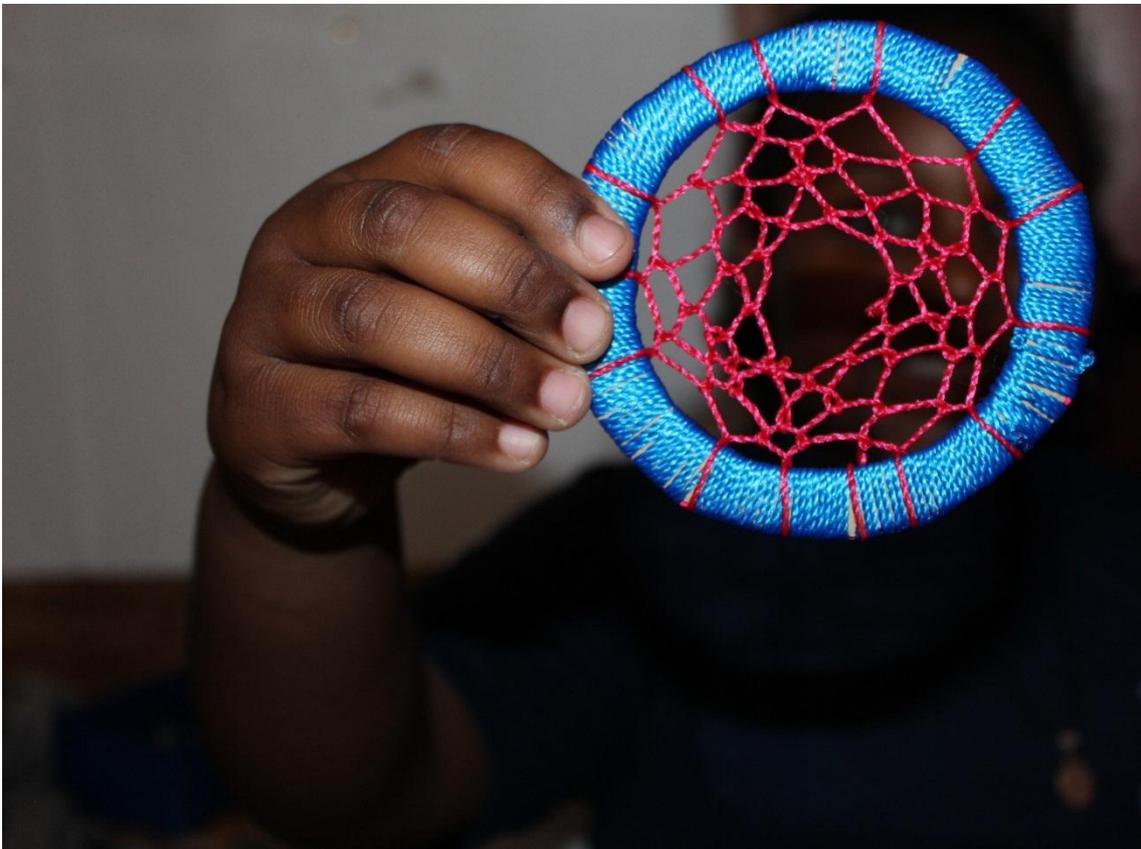
E ela sonha mais, sonha em *ajudar os meninos e as meninas do mundo.*

Helena quer que tudo dê certo na sua vida.

Quer que tudo dê certo e que no futuro ela tenha *o amor das pessoas* e possa *ser feliz.*

Se encaminhando para o final de nossa conversa, mais uma vez Helena pergunta: *Afinal o que é sonhar?* Ela mesmo responde: *Sonhar é tentar realizar seus sonhos e achar que pode conquistá-los com todas suas forças e saber o momento certo para conquistá-los. Eu sonho com vontade e tento realizar com a ajuda dos meus amigos.*

Realizar os sonhos é importante, diz Helena, pois *o sonho vem do que a gente fala e depois eles se realizam e, se a gente acreditar, ele se realiza.*



Dizendo isso, Helena, como que num desespero último, me diz: *Tia, de noite eu, às vezes, não sonho, mas ninguém vai tirar o meu sonho. Talvez o meu sonho nunca vire realidade.*

E assim Helena me deixa com mais umas de suas tantas perguntas sem sentidos:

– Como eu posso fazer? A tia já acabou? Sim! Então corta!



Era uma vez uma outra vez...

A trama chega ao final. Precisa ser cortada. Tanto o fio que segue por essa escrita, como o fio que tece o sonho.

Mergulhando pelo devaneio, articulando escrita e imaginação criadora, seguindo pelo desvio e a fluidez do pensamento, procurei nos fragmentos anteriores, pela trama do filtro dos sonhos, a busca de uma infância que pelo sonho se revelasse. E assim era uma vez uma outra vez...

Essa história não começa com o *era uma vez* clássico dos contos de fadas, não se trata de um tempo passado, mas sim o tempo presente.

Helena me fez viajar por um país cheio de possibilidades. Helena me contou sobre seus sonhos. Através de seu olhar, espio por esses lugares. Helena me apresenta um rosto, o rosto de seus sonhos. Sonhos simples. Ela sonha com tantas coisas. Os sonhos pulam querendo todos serem sonhados. Sonhos de uma vida melhor, de uma profissão, sonho de viajar por lugares que ela não conhece, sonho de tomar um sorvete e brincar na praça. Sonhos sobre casa, família, pai e mãe. Sonhos de riqueza, para construir uma vida melhor para ela, para sua mãe e as pessoas que necessitam. Sonha que seus pais possam ficar juntos. Sonha que a respeitem.

Se os sonhos são algo que desejamos no futuro, algo talvez longe da nossa realidade, Helena então aponta para a realidade em que está inserida.

As infâncias e seus sonhos, tomados como uma forma reflexiva, me jogam para esse caminho indireto e me conduzem a uma reflexão sobre o mal-estar cultural e social que vivemos hoje.

Helena escolhe seus sonhos. Pode sonhar quantos sonhos couberem dentro de si. E desses pequenos fragmentos, para os quais quase ninguém olha, Helena constrói sua história. Uma história que se apresenta a partir dos retalhos, do lixo...

E a criança também escolhe os seus brinquedos por conta própria, não raramente entre os objetos que os adultos jogaram fora. As crianças “fazem história a partir do lixo da história”. É o que as aproxima dos “inúteis”, dos “inadaptados” e dos marginalizados (BOLLE, 1984, p. 14).

A partir de Benjamin (2013b), podemos também perceber o quanto as crianças se interessam por esses “desperdícios”...

As crianças gostam muito particularmente de procurar aqueles lugares de trabalho onde visivelmente se manipulam coisas. Sentem-se irresistivelmente atraídas pelos desperdícios que ficam do trabalho da construção, da jardinagem ou das tarefas domésticas, da costura ou da marcenaria. Nesses desperdícios reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta para elas, precisamente e apenas para elas. Com eles, não imitam as obras dos adultos, antes criam novas e súbitas relações entre materiais de tipos muito diversos, por meio daquilo que, brincando, com eles constroem. Com isso, as crianças criam elas mesmas o seu mundo de coisas, um pequeno mundo dentro do grande (BENJAMIN, 2013b, p. 16).

Diante dos “desperdícios”, a criança vê um “rosto”, o rosto da modernidade, o “rosto do mundo das coisas”, e através deles, decifra esse rosto, cria significados, reinventa coisas.

Sobre o “rosto do mundo das coisas”, Bussoletti (2010a, p. 01) ressalta que “A fisionomia pode ser compreendida assim, como uma representação da história, ou ainda a possibilidade de conferir-lhe um determinado “rosto”. Duarte, em sua tese, aponta que:

No pensamento benjaminiano, a história é traçada (ou pensada) a partir das imagens. A fisionomia é para Benjamin, o fragmento que compõe o rosto de toda uma época. A partir da ideia das imagens dialéticas ou “semelhanças não sensíveis”, Benjamin busca refletir sobre a práxis a partir da linguagem imagética, na perspectiva de uma história aberta, onde as imagens se relacionam e se encontram, formando constelações que, num relampejo, revelam a dinâmica da história de forma crítica. Benjamin investiga o contexto alegórico que a arte barroca oferece quando expõe, de forma escatológica, cadáveres e ossadas humanas. Na impossibilidade de outra significação que a caveira oferece, reside a afirmação da tese que é

negada pela ideia da desolação da existência humana. (DUARTE, 2017, p. 48).

Sigo e olho atentamente para as narrativas de Helena, que apresentam e re-apresentam um olhar sobre o mundo, e retorno a Moscovici (1978):

As representações individuais e sociais fazem com que o mundo seja o que pensamos que ele é ou deve ser. Mostram-nos que, a todo instante, alguma coisa ausente se lhe adiciona e alguma coisa presente se modifica. Mas essa dialética, o seu jogo reveste-se de um significado maior. Se algo de ausente nos impressiona e deflagra todo um trabalho do pensamento e do grupo, não é nessa condição, mas porque, em primeiro lugar, é algo de estranho e, depois, está fora do nosso universo habitual. Com efeito a distância tem para nós a surpresa de que somos tomados e a tensão que a caracteriza (MOSCOVICI, 1978, p. 59).

Assim, ao trazer presentes as coisas ausentes, ao catar os fragmentos, resíduos, o lixo da história, apresento aos poucos as representações de Helena, que afirma: *quero ser princesa!*

Mas Helena ser princesa é um sonho possível? Por que quer ser princesa? Mas qual princesa?

A partir desse fio narrativo, do sonho em ser princesa, transitarei por algumas representações que foram surgindo ao longo das narrativas de Helena, as quais me possibilitaram ver a cultura e a sociedade pelo seu olhar.

Helena quer acima de tudo ser princesa, mas reitero novamente: qual princesa? Aquela representada nos contos de fadas clássicos? Reafirmo que a infância não é um lugar doce e romantizado como nos contos de fadas, por isso penso que Helena, que sonha e resiste, não é princesa!

Talvez Helena se aproxime mais de uma antiprincesa, que denuncia, através do rosto de seus sonhos, o real e o agora.

A ideia de uma antiprincesa surge a partir da coleção infantil Antiprincesas da escritora argentina Nadia Fink (2015), que apresenta histórias de mulheres latinas

como Frida Khalo³⁰, Violeta Parra³¹, Juana Azurdy³², entre outras. A Coleção Antiprincesas mostra a história, luta, desafios, amores e obras de mulheres reais, assim como Helena, que através de seus sonhos, mostra os desafios que tem enfrentado e que irá continuar enfrentado. Essas histórias me ajudaram a pensar no cenário em que Helena está inserida e desmitificar a ideia de princesa “clássica”, que fica à espera de alguém que a salve ou mude seu destino.

Helena se torna antiprincesa ao mostrar que ela mesma é *heroína* em suas narrativas e não necessita de um “príncipe” para salvá-la, ela mesma é capaz de enfrentar *monstros e pesadelos*. Mesmo com medo, Helena sabe que em sonho ela é a rainha das fadas e no beijo e abraço de sua mãe enfrenta qualquer batalha.

Helena, como mulher, enfrenta o peso da sociedade atual. Ela enfrenta e enfrentará desafios que nós mulheres enfrentamos dia a dia, assim como as antiprincesas da escritora Nádia Fink (2015). Essas mulheres, apresentadas na coleção infantil como antiprincesas, nos mostram a força e a luta diária de mulheres que enfrentaram o peso da sociedade em que estavam inseridas, de mulheres que sonharam e hoje inspiram tantas outras pessoas através do legado e da arte que deixaram.

As relações de gênero³³ que aparecem aqui representam também as relações de poder e a forma institucionalizada de como um corpo feminino deveria se portar, isso porque as formas de se fazer mulher ou homem dentro da sociedade são reguladas e muitas vezes condenadas (LOURO, 2010).

³⁰ Frida Khalo é uma artista mexicana, que nasceu em *Coyoacán*, em 6 de julho de 1907. É considerada uma artista que fez parte do surrealismo (FINK, 2015a).

³¹ Violeta Parra é uma cantora chilena, que nasceu em 4 de outubro de 1917, em *San Fábian de Alico*, um povoado do Chile. Violeta percorreu vários povoados chilenos em busca de canções da cultura popular (FINK, 2015c).

³² Juana Azurdy foi uma guerreira que lutou pela libertação da América Latina, sua história é mesclada com o real e o mito, e dizem que nasceu em 12 de julho de 1780 na Bolívia (FINK, 2015b).

³³ Joan Scott visa o termo gênero como uma construção social, indicando “[...] uma rejeição do determinismo biológico” e estando relacionado com as “construções culturais [...] sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”, e ainda como “uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado” (SCOTT, 1995, p. 72-75).

Helena, menina, criança, que quer ser princesa, diz que sonha em ter um *skate*, mas tem que ser de *guria*³⁴. Quer ainda uma *bola de futebol e uma bicicleta*. Quando afirma que o *skate* tem que ser de *guria* o que ela quer nos dizer a partir disso? O que implicaria e como que seria um *skate* de *guria*? Se daria pela cor, desenho e detalhes? Se fosse um *skate* de *guri* ela não poderia andar? A bola e a bicicleta teriam que também ser de *guria*? Ficam essas reflexões sobre o gênero colocado sobre os brinquedos e em como as relações de gênero se fazem presentes no dia a dia das crianças.

Ao pensar sobre essas representações, Bíscaro (2009, p. 06) fala sobre a construção das identidades de gênero na educação infantil a partir das “[...] discriminações causadas por uma educação sexista, onde se atribuem às meninas a sensibilidade, fragilidade e aos meninos a brutalidade e força”. A escola, o espaço de educação em si, nos constrói enquanto sujeitos femininos ou masculinos, nos atribuindo “marcas” e educando nosso corpo de acordo com as normas impostas, tidas como naturais. Ao fazer aqui a relação com as Antiprincesas, busco quebrar justamente essas “marcas”, pois Helena, apesar de ser sensível, traz também a força dentro de si.

Refletir sobre gênero a partir dessas representações narradas por Helena é também problematizar sobre essas “marcas” corporais que imprimimos nas crianças e em suas identidades sociais, pois a discriminação e a educação sexista parte de nós, enquanto educadoras/es e atores sociais, tendo-se como base aquilo que empregamos como “natural” aos corpos, que ganham sentido socialmente no contexto de uma determinada cultura (LOURO, 2010).

Refletir sobre o lugar das mulheres na sociedade leva a questionar o fundamento da própria sociedade, e essa indagação é marcada pelo conceito altamente carregado de patriarcado. As convenções sociais são vistas como muito impregnadas pelos valores apropriados e criados mais propriamente por um sexo que pelo outro, revelando uma dupla arbitrariedade: a sociedade é convenção, e é convencional que os homens nela sejam proeminentes (STRATHERN, 2006, p. 70).

³⁴ Dentro do vocabulário gaúcho *guria* é um terno para se referir a menina, sendo seu masculino *guri*. Usarei no texto a mesma expressão dita por Helena em suas narrativas.

Strathern, nesse sentido, me ajuda a refletir sobre esse “lugar” imposto às mulheres. Se nós mulheres seguissemos o que a sociedade (patriarcal) impõe, continuaríamos sendo associadas apenas ao trabalho doméstico e ao cuidado com as/os filhas/os? Não que isso seja errado, mas quantas mulheres guerreiras, cientistas, escritoras, artistas, entre tantas outras profissões, conhecemos e nos inspiram? Quais são as mulheres reais que deixaram legados na sociedade? Quem são as (anti)princesas da atualidade?

Adrienne Rich (2010), poeta e escritora feminista, que se posiciona politicamente através de seus poemas, salienta que:

[...] a autonomia e a igualdade das mulheres ameaçam a família, a religião e o Estado. As instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear, a heterossexualidade compulsória – têm sido fortalecidas através da legislação, como um *fiat* religioso³⁵, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura (RICH, 2010, p. 19 – grifo da autora).

Desse modo, ao longo da história, as mulheres têm sido submetidas a papéis que as colocam ligadas ao cuidado da família e do lar, e uma vida fora desses parâmetros seria – e ainda é, em muitos setores da sociedade – vista como uma ameaça.

Helena sonha também em casar, ter filhos, constituir uma família, e mesmo criança, Helena sabe sobre a sociedade em que vivemos, sabe o que acontece, sabe sobre a violência doméstica e a vida dura das mulheres. Por isso Helena grita: quer um marido que a respeite, que a dê privacidade e que não a traía. Helena quer viver seus sonhos, quer constituir uma família e quer também uma profissão. Dentre elas, Helena sonha em ser tantas coisas: professora, modelo, atriz, bailarina, cantora e também em ser médica, pediatra, veterinária, engenheira, arquiteta, advogada e policial. E nesses sonhos, sonha que uma escolha não seja o impedimento da outra.

Com uma boa profissão, Helena deseja ter dinheiro, construir uma vida melhor, quer ser *milionária* e ainda ter um diamante e ouro. E com isso, quer ajudar os pobres e moradores de rua, ajudar meninas e meninos.

³⁵ A autora utiliza a palavra *fiat* no sentido de ordem ou decreto.

Os sonhos de riqueza de Helena me levam a pensar sobre a sociedade de classes e as profundas marcas deixadas pelo capitalismo. Helena demonstra através de suas narrativas o sonho em ajudar os mais pobres, que não possuem acesso aos bens de consumo e, muitas vezes, nem mesmo possuem acesso aos serviços básicos como saúde e educação. Helena quer mudar a realidade em que vive, e sonha com uma vida melhor.

Através dos sonhos de Helena, podemos olhar de forma crítica para a sociedade capitalista, na qual a burguesia (classe capitalista, que possui os meios de produção) acumula seu capital sobre o trabalho do proletário (classe de operários, que não possuindo os meios de produção vende sua força de trabalho à classe burguesa), em forma de exploração (MARX; ENGELS, 2014). Helena sabe dessas contradições econômicas e sociais, e no sonho de riqueza, ela constrói a representação da realidade em que vive.

No sistema capitalista de produção, a divisão do trabalho, a propriedade privada e a troca capitalista se interpõem entre o homem e sua atividade, entre o homem e a natureza, entre o homem e o homem. O homem é confrontado de modo hostil pela natureza por meio da troca e pelo homem por meio do antagonismo capital e trabalho. Nesse sentido, o trabalho deixa de ser manifestação da vida, para se transformar em alienação da vida; trabalhar para viver, imposição de uma necessidade externa, que torna o homem desumanizado. Quando a atividade vital do homem é apenas um meio para um fim, não se pode falar de liberdade, porque a capacidade humana que se manifesta nesse tipo de atividade é dominada por uma necessidade exterior (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 37).

Dentro do modo de vida capitalista, Jobim e Souza (2009) enfatiza que cada vez mais se faz presente a privacidade e o individualismo, e demonstra que as crianças mostram ter consciências das contradições da sociedade de classes. As crianças também são alvo da sociedade capitalista, produzem e reproduzem seus valores, interiorizando seus princípios. O sonho de consumo, gerado pelo capitalismo, se expressa também nos sonhos de Helena, que quer ter um celular e um *notebook*.

A criança está sempre pronta para criar outros sentidos para os objetos que possuem significados fixados pela cultura dominante, ultrapassando o sentido único que as coisas *novas* tendem a adquirir. Sendo capaz de denunciar o *novo no contexto do sempre igual*, ela desmascara o fetiche das relações de produção e consumo. A criança conhece o mundo enquanto o cria e, ao criar o mundo, ela nos revela a *verdade* sempre

provisória da realidade em que se encontra (JOBIM E SOUZA, 2009, p. 160 – grifos da autora).

Assim, revelando verdades, desmascarando e denunciando, Helena segue, e diz agora que quer então *tomar sorvete e brincar na praça*. Mas essa realidade, tão comum a alguns, também é negada à Helena. Aqui, como salienta Jobim e Souza (2009, p. 27), “a infância se coloca como um método para uma discussão crítica do conceito de *modernidade* em relação à dimensão da cultura e do progresso”. Löwy (2015) se refere à modernidade enquanto um projeto civilizatório capitalista e burguês. O capitalismo, junto às promessas da modernidade, anunciou um “novo tempo” e, com o avanço do progresso, se colocou como uma nova forma de barbárie, isto porque as promessas outrora anunciadas se cumprem hoje em barbárie. Diante desse cenário colocado, sonhos e desejos tão simples, como os citados acima, me rasgam por dentro. O anúncio de progresso e o projeto da modernidade e a sociedade capitalista não permitem que Helena e tantas outras crianças possam brincar no parque e tomar um sorvete, e a promessa anunciada se cumpre.

Mas Helena sem saber ao certo dessas promessas continua, e sonha em viajar, quer conhecer lugares, países, cidades como Paris, Rio de Janeiro e Orlando, quer ir para a Disney. Os lugares de Helena são demarcados geograficamente, mas se revelam também como lugares outros, quando ela solta sua imaginação.

Helena cria um país dos sonhos possíveis, com *borboletas e florzinhas*, onde os sonhos são cultivados em uma fazenda, *colhem os sonhos na fazenda com amor*. Seu sonho de viagem também impera pelo devaneio e sua criação, e lá, seu sonho de riqueza se torna possível quando vê uma árvore que em vez de folhas dá *dinheiro* e uma cachoeira que em vez de água sai *notas de cem reais*. Lá, no país dos sonhos tem sorvete, *cupcake* e tantas outras gostosuras. Nesse outro lugar, Helena brinca, corre, dança e sabe que lá poderá enfim, *conhecer uma cachoeira* e ter *um amor de verdade*, e como se fosse um lugar de redenção, Helena alerta: *mas esse país dos sonhos só é possível de ser encontrado quando a gente tá feliz, porque se a gente estiver triste, não vêem os sonhos, vêem os pesadelos*.

Helena me mostra a beleza de um outro lugar possível, mas ao acordar, não somente do sonho, mas ao abrir os olhos para a realidade, ao despertar, assim

como propõe Benjamin (2006), vejo que a barbárie está posta e instalada em nossos dias. Diante disso, me pergunto se Helena poderá acessar os lugares que almeja conhecer ou se um lugar outro seria possível? E, assim, reitero novamente a pergunta: *Que lugares as infâncias ocupam na modernidade?* Um lugar de exclusão social? De barbárie? Um lugar em que não há sonhos?

Através das representações de Helena, sonhos de riqueza, conquistas, profissões e viagens apontam para a reflexão sobre o lugar em que Helena realmente ocupa na sociedade, e o projeto que se instaura na modernidade empurra Helena, e mesmo que ela vista as asas do anjo da história³⁶, como colocado por Pereira e Jobim e Souza (1998, p. 32), “as asas abertas talvez não signifiquem promessas de vôo”.

E se lugares outros não se tornarão possíveis, Helena aponta ainda para um outro tempo possível. Um tempo em que pudesse crescer rápido, talvez porque pense que a vida adulta seja mais fácil, talvez para ter sua liberdade e seu trabalho ou sua independência. Mas nesse outro tempo, às vezes, quer voltar a ser bebê, pois sabe que assim não precisará se preocupar com nada, nem com escola, nem com as dificuldades, que mesmo criança, Helena encontra no seu dia a dia.

Há um desassossego no ar. Temos a sensação de estar na orla do tempo, entre um presente quase a terminar e um futuro que ainda não nasceu. O desassossego resulta de uma experiência paradoxal: a vivência simultânea de excessos de determinismo e de excessos de indeterminismos. Os primeiros residem na aceleração da rotina. As continuidades acumulam-se, a repetição acelera-se. A vivência da vertigem coexiste com a de bloqueamento. A vertigem da aceleração é também uma etapa vertiginosa. Os excessos de indeterminismo residem na desestabilização das expectativas. A eventualidade das catástrofes pessoais e colectivas parece cada vez mais provável. A ocorrência de rupturas e de descontinuidades na vida e nos projectos de vida é o correlato da experiência de acumulação de riscos inseguráveis. A coexistência destes excessos confere ao nosso tempo um perfil especial, o tempo caótico onde ordem e desordem se misturam em combinações turbulentas. Os dois excessos suscitam polarizações extremas que, paradoxalmente, se tocam. As rupturas e as

³⁶ O anjo da história é referido por Benjamin (1994) em suas teses sobre o conceito de história: “Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso” (BENJAMIN, 1994, p. 226).

descontinuidades, de tão freqüentes, tornam-se rotina e rotina, por sua vez, torna-se catastrófica (SANTOS, 2005, p. 42).

Nessa orla do tempo, nesse desassossego de Helena – que não sabe se quer crescer ou ser bebê –, percebo um tempo que se apresenta como passagem, um tempo indefinido e descontínuo. Diante disso, Larrosa (2015) diz que:

[...] a infância entendida como o que nasce é a salvaguarda da renovação do mundo e da descontinuidade do tempo. Desse ponto de vista, o nascimento constitui um verdadeiro acontecimento que não se deixa inserir na ideia de temporalidade à qual nos habituamos as ciências modernas: aquela em que o tempo não é senão o quadro vazio e homogêneo em que se sucedem os fatos, segundo certas leis de causa-e-efeito ou de condição-consequência. Se aquele que nasce pudesse se inserir nesse tipo de temporalidade contínua e linear, o nascimento não seria, absolutamente, a aparição de algo novo nem, naturalmente, a promoção de um futuro indefinido, aberto e radicalmente desconhecido. O nascimento nos introduz, melhor dizendo, num tempo em que o futuro não é a consequência do passado e em que o que vem ao mundo não é dedutível do que já existe no mundo. Pelo fato de que constantemente nascem seres humanos no mundo, o tempo está sempre aberto a um novo começo: ao aparecimento de algo novo que o mundo deve ser capaz de receber, ainda que, para recebê-lo, tenha que ser capaz de se renovar; à vinda de algo novo ao qual tem de ser capaz de responder, ainda que, para responder, deva ser capaz de se colocar em questão (LARROSA, 2015, p. 189).

Helena que busca um outro tempo, busca-o para um novo começo e renovação? Esse outro tempo não é nem o passado nem o futuro, pode ser, quem sabe, “um tempo de um outro presente” (BUSSOLETTI, 2007, p. 79). Sobre esse outro tempo, Bussoletti segue:

Um tempo interrompido no espaço. Um tempo em que o presente trama-se com o relevante do passado e o futuro anuncia sua proximidade. Um tempo benjaminiano anunciado, como aquele que distingue o tempo controlado pelos relógios do “tempo homogêneo e vazio”; neste, os acontecimentos caem dentro dele, do tempo pontuado pelo calendário, onde os “dias de recordação” as coisas são lembradas e tornadas atuais. Esse é o tempo da história, não o das “badaladas indiferentes e regulares do relógio”, mas antes o tempo da pausa, momento em que o passado como interpretação é construído e a história é o presente, o agora (BUSSOLETTI, 2007, p. 79).

Nesse tempo que se faz no agora, busco pela rememoração, uma escrita da infância e a transformação do presente. A partir de Gagnebin, podemos compreender melhor o conceito de rememoração:

Tal rememoração implica uma certa ascese da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos

buracos, ao esquecido, ao recalçado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança, nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2006, p. 55).

E tentando dizer aquilo que ainda não pode ser dito, aquilo que se passa no presente, sigo refletindo sobre os sonhos de Helena, que sonha com uma casa, para ali fazer morada e habitar. Sonha com uma casa *bem linda e bem grande*, com uma *mansão e castelos*. Sonha incessantemente em dar uma casa para sua mãe. Ao observar atentamente, sabemos que casas grandes e mansões não condizem com a realidade de Helena. Como colocado anteriormente, Helena e sua família são beneficiadas pelo Programa Bolsa Família, o que me leva a visualizar uma realidade e vida simples, que habitam as zonas periféricas da cidade de Pelotas. Helena nunca me contou sobre sua real casa, mas em rápidas conversas, deixava escapar que dividia seu quarto com as/os demais irmãs/ões, às vezes, 3 ou 5. Às vezes, dizia que dormia no mesmo quarto que sua mãe, e sua casa possuía mais uma peça que faziam de cozinha e sala. Não é uma casa espaçosa como Helena deseja e sonha.

Mas quais são os significados para pensarmos sobre casa? A partir de Bachelard (1993), podemos buscar algumas pistas possíveis. O autor expõe que os valores atribuídos à casa se tornam complexos e uma série de imagens e significados particulares são atribuídos a essa categoria:

Através das lembranças de todas as casas em que encontramos abrigo, além de todas as casas que sonhamos habitar, é possível isolar uma essência íntima e concreta que seja uma justificação do valor singular de todas as nossas imagens de intimidade protegida? (BACHELARD, 1993, p. 23).

Bachelard expõe essa questão como uma problemática, pois considera que casa não é apenas um objeto, e não se trata apenas de descrever e analisar a casa enquanto um lugar material. A partir da fenomenologia, o autor busca compreender a questão do habitar: “[...] é preciso dizer como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos, dia a dia, num “canto do mundo”” (BACHELARD, 1993, p. 24). O autor segue, e diz que: “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (BACHELARD, 1993, p. 25).

Esse espaço habitado, na visão de Bachelard (1993), não é apenas um espaço geométrico.

Tentando penetrar pelas representações de Helena, que pelo sonho busca uma casa, penso que o plano possível para essa reflexão não cabe apenas no espaço geográfico, e faço minhas as palavras de Bussoletti (2007, p. 60): “[...] a infância não só habita no devaneio, mas é através dela, em imaginação ou memória, que a adultez feita pesquisa busca encontrar as chaves que permitem habitá-la, preservando a poesia”. Nessa busca pela morada e pelo habitar, Bachelard ainda diz:

O excesso de pitoresco de uma morada pode ocultar a sua intimidade. Isso é verdade na vida; e mais ainda no devaneio. As verdadeiras casas da lembrança, as casas onde nossos sonhos nos conduzem, as casas ricas de um fiel onirismo, rejeitam qualquer descrição. Descrivê-la seria mandar visitá-las. [...] Posso esperar que minha página contenha algumas sonoridades verdadeiras, ou seja, uma voz tão longínqua em mim mesmo que será a voz que todos ouvem quando escutam o fundo da memória, o limite da memória, além talvez da memória no campo do imemorial. O que comunicamos aos outros não passa de uma orientação para o segredo, sem, contudo, jamais poder dizê-lo objetivamente. O segredo nunca tem uma objetividade total. Nesse caminho, orientamos o onirismo, mas não o concluímos (BACHELARD, 1993, p. 32).

Helena faz da casa e do habitar um lugar que pela memória e pelo devaneio pude transitar e conhecer. Helena habita seus sonhos e só ela o pode fazer de tal maneira, na casa do devaneio, seus sonhos são possíveis e encontram-se protegidos. Helena sente-se protegida perto de sua mãe, faz dela também morada, onde sabe que está segura. E me deixando conduzir pelos sonhos de casa, a Helena princesa reaparece e me fala sobre os sonhos que moram em um castelo.

Caso algo venha a assustar Helena, ela conhece bem os refúgios e esconderijos possíveis, pois quando sonha com algo de *terror*, tenta logo lembrar que o *sonho vem da cabeça*, e o transforma em borboletas e flores, e guarda os pesadelos no filtro dos sonhos.

Helena, também possui seus esconderijos, e quando precisa fugir de algum mostro, se esconde em baixo da cama.

A imagem do esconderijo também se destaca, e de quais monstros e pesadelos Helena foge? A partir das representações de Helena, vejo que assim

como a casa, o esconderijo também se faz um lugar de segurança e um lugar de morada quando o medo aparece.

Esconderijos. Eu conhecia todos os esconderijos de casa, e voltava a eles como a uma morada onde sabemos que iremos encontrar tudo no seu lugar. O coração palpita-me, prendia a respiração. Aqui, estava encerrado no mundo da matéria. Este tornava-se-me extremamente nítido, aproximava-se de mim sem uma palavra. Como um enforcado, que só então toma plena consciência do que são a corda e a madeira. A criança escondida atrás das cortinas torna-se ela própria algo de esvoaçante e branco, um fantasma. A mesa da sala de jantar, debaixo da qual se acocorou, transforma-a em ídolo num templo em que as pernas torneadas são as quatro colunas. E atrás de uma porta ela própria é porta, recoberta por ela, máscara pesada, mago que enfeitiçará todos os que entrarem desprevenidos. Por nada deste mundo pode ser descoberta. Quando faz caretas, dizem-lhe que se o relógio bater ela ficará assim para sempre. No meu esconderijo, eu descobri o que há de verdade nisso. Quem me descobrisse poderia fazer-me ficar petrificado, um ídolo debaixo da mesa, enredar-me para sempre, como fantasma, nas cortinas, mandar-me para o resto da vida para dentro da pesada porta. Por isso, eu expulsava com um grande grito o espírito demoníaco que assim me transformava quando quem me procurava me apanhava – nem sequer esperava por esse momento, antecipava-me com um grito de libertação. Por isso não me cansava desta luta com o demônio. Nela, a casa era o arsenal de máscaras. Mas uma vez no ano, em lugares secretos, nas suas órbitas vazias, na sua boca aberta, havia presentes. A experiência mágica tornava-se uma ciência. E eu, seu engenheiro desenfeitiçava a sombria casa dos pais e procurava os ovos de Páscoa (BENJAMIN, 2013a, p. 102-103).

Nesse fragmento de Benjamin, podemos perceber o mistério e a magia da infância. Benjamin faz de seu esconderijo também morada, mas penso o que faz com que ele e Helena pensem que não serão descobertos? No fragmento, Benjamin não esperava ser surpreendido pelos demônios, os espantava antes que o descobrissem. Helena, agora heroína, também grita: “*Nisso ninguém mexe! Ninguém vai tirar o meu sonho!*”.

Tentando fugir do ato final, Helena agarra tudo o que tem e se esconde em baixo da cama ou onde conseguir. Tenta fugir da tempestade, do “terror cinza” que se aproxima. Mesmo com medo, Helena enfrenta esse monstro, o pesadelo, que vem tirar seu sonho bom.

Helena faz do filtro dos sonhos uma espécie de escudo, diz que ele *tira nossos pesadelos*, leva as coisas ruins, como a guerra e as brigas, e ficam presas no *meio da teia*. Além de tirar as coisas ruins, Helena ainda revela outro poder que atribuiu ao filtro dos sonhos, ele também transforma as coisas ruins em coisas boas. E assim, mais um poder se revela... *ele realiza nossos sonhos*.

Desse modo, Helena, que espera, que sonha, acredita profundamente e diz: *se a gente acreditar ele se realiza.*

Cabe ainda pensar sobre o monstro que Helena enfrenta. Ela não revela seu rosto, mas diz que já sonhou com o *mais terrível e tenebroso do mundo*. Me questiono se esse monstro é o inimigo do qual Benjamin (1994) se refere, que nunca deixou de vencer? É a sociedade capitalista que avança e engole tudo e todos? Ou esse monstro somos nós, que sem perceber cortamos o fio que tece o sonho?

Só Helena poderá dizer ao certo quem é esse monstro do qual ela foge e qual a sua face. Por enquanto, através de suas representações, Helena me dá pistas possíveis, mas não uma conclusão.

Mas Helena que quer ser princesa, sabe que nos contos de fadas o final é feliz para sempre, e assim também sonha... *eu quero mesmo é viver feliz para sempre!*

E num último suspiro, Helena ainda diz: *talvez o meu sonho nunca vire realidade.*

E pela porta entreaberta, chamada esperança, Helena espera, pelo temido ou pelo esperado. E nessa espera de um sonho possível, Helena habita o lugar da esperança (BLOCH, 2005), e seus sonhos resistem e lutam, para um possível final feliz...



O último Nó é só mais um Nó...

Na busca dos olhares das infâncias, que se desviam das linhas retas e que operam pela trama do filtro dos sonhos, na qual cada Nó me levou a mais um Nó, anuncio que a trama tecida aqui, com palavras, necessita de uma pausa. Pausa porque penso que ainda não é um ponto final, pois alguns elementos e questões que surgiram nesta pesquisa apontam para reflexões futuras, como a possibilidade de pensar em Outras pedagogias possíveis, possuindo o filtro dos sonhos como elemento para pensar a complexidade das infâncias que se apresentam na contemporaneidade e a ainda reafirmar uma re-escrita da história através dos sonhos, e assim, o último Nó dentro da trama pode se configurar como um Nó possível para outras tramas.

Por ora, traço aqui algumas considerações deste movimento que buscou pensar e refletir sobre as representações oníricas infantis e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo.

Narrar essa história que transitou pelos sonhos, se mostrou uma aventura, algo mágico que foi se desvendando e se articulando na busca de representações que possam contribuir na perspectiva dessa escrita ou re-escrita da história, como propõe Benjamin, tendo o sonho como fio narrativo e assim, olhar através das infâncias para este momento cultural e social no qual estamos inseridas/os.

Esta escrita de pesquisa nas infâncias, que buscou por uma pesquisa em Educação que se aproxime dos marcos de uma educação sensível, voltada para a diversidade cultural e social, e ainda, para a troca de conhecimentos, aponta para novas possibilidades de se pensar e articular a produção de conhecimento e a experimentação artística, que aqui se mostrou através da pesquisa e da extensão, e se reafirma a partir dos pressupostos defendidos pelo grupo de pesquisa GIPNALS. A partir desses pressupostos, pude adentrar pelas culturas das infâncias e, nessa

tentativa, romper com o tradicionalmente estabelecido para as pesquisas acadêmicas. Esse movimento pode ser observado nesse texto a partir da abordagem de pesquisa e a partir do filtro dos sonhos, que se estabeleceu como um elemento de aproximação para a reflexão sobre os sonhos e as infâncias, e ainda, na busca de uma ciência crítica que transite pela experimentação e pela arte. Nesse sentido, aponto para uma pesquisa que se consolidou a partir da troca de saberes, afirmando um processo de construção de conhecimento que buscou e busca se afirmar a partir do Outro, evidenciando o processo de alteridade.

Os pressupostos da estética surrealista e do surrealismo etnográfico me possibilitaram também transitar pela arte e pela ciência, e através da montagem do texto, a magia, a revolta, o sonho, a utopia e o mito, de alguma forma se fizeram presentes. O surrealismo, que se mostra como uma realidade cultural tornada estranha, aponta para novas ressignificações através dos olhares de Helena, que re-encantam, mas que também despertam e apontam para o mal-estar que estamos vivendo.

Ressalto que os sonhos e a esperança, para além dos autores que foram abordados neste texto, são também pensados por Paulo Freire em *Pedagogia dos sonhos possíveis* (2001) e *Pedagogia da esperança* (2011). Embora citados, reconheço que estas obras não foram tão aprofundadas devido a outras escolhas teóricas que se deram neste caminho. Reconheço também a força e a importância de Freire no campo da Educação, e suas obras reavivam o sonho de mudança, o sonho utópico, muitas vezes deixado de lado, os sonhos que parecem impossíveis diante do contexto social em que vivemos. Como educadora, sonho junto com Freire, sonho um mundo mais justo, igualitário, sem opressões, um sonho livre de amarras e preconceitos. Sonho com um mundo mais humano, sem nuvens cinzas, e uma educação e pesquisa que posam se constituir nos caminhos da liberdade e do senso crítico. Como diz Freire (2001, p. 35) “é impossível viver sem sonhos”.

E por meio de seus sonhos, Helena se expressa, transmite verdades que se apresentam como testemunhos de uma cultura, em que não somente Helena vive, mas milhares de crianças, que sonham... com uma vida melhor, com uma casa, com uma família, com outros lugares e tempos, com brinquedos e castelos. Essas crianças, que se expressam através da voz de Helena, mostram e denunciam os

acontecimentos que presenciam. E, através daquilo que se apresentou como ficção, mostram sua face de realidade.

Helena, na figura que se constituiu como uma antiprincesa, me mostra o rosto de seus sonhos, o rosto da realidade em que está inserida. As representações de Helena apontam para um misto entre o sonho e o real, e Helena apresenta seu mundo, entre como ela gostaria que fosse e como sabemos que ele realmente é.

Helena me reencanta com seus sonhos, seus lugares possíveis, me traz esperança... mas também me força a olhar o que, muitas vezes, nós adultos, não queremos olhar. Helena não me abre os olhos de forma delicada, ela me empurra e me obriga a ver. E o sonho nesse contexto, apreendido como um olhar futuro, para o despertar, me lança na direção de uma criança que espera, e espera incessantemente pelo seu sonho, como pela espera de uma redenção.

Contar uma história sobre os sonhos nesse contexto da contemporaneidade me permitiu, pela rememoração, olhar para o testemunho de uma cultura que se apresenta no agora. E pelos sonhos enquanto um despertar, através de Helena, olho para a sociedade capitalista e suas mais diversas formas de exploração. Olho para uma modernidade lançada de promessas, mas que nega à Helena um passeio e um sorvete. Olho para a sociedade em que vivemos, e que há tempos luta pela igualdade de gênero e contra a violência contra a mulher, mas mesmo assim, Helena ainda criança, já grita, quer respeito. Pelo sonho devaneio, olho para lugares e tempos outros, um país dos sonhos possíveis. E no sonho esperança, Helena resiste, foge e enfrenta aqueles que insistem em retirar o seu sonho, e nessa espera, Helena habita a esperança.

Os sonhos de Helena serão um dia possíveis? Ou já são uma morte anunciada? Não me cabe aqui responder, nem possuo resposta possível a essas perguntas. Os sonhos aqui representados são uma promessa, só nos resta saber se uma promessa que irá ou não se cumprir.

Por ora, fico – ficamos – na busca de um desvio possível, para que o sonho e a esperança possam continuar fazendo parte desse repertório...

Referências

ALMEIDA, Lígia Rodrigues de. **Estar em movimento é estar vivo**: territorialidade, pessoa e sonho entre famílias tupi guarani. 2016. 248f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, 2016.

ALVES, Aline Neves Rodrigues. **Juventude quilombola**: projetos de vida, sonhos comunitários e luta por reconhecimento. 2015. 207f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Federal de Minas Gerais, 2015.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ANDRADE, Daniela B. S. Freire. A infância como objeto de representações e as crianças como sujeitos que elaboram novos sentidos sobre a realidade: sutilezas de um debate. In: CHAMONA, Edna Maria Querido de Oiveira; GUARESCHI, Pedrinho Arcides; CAMPOS, Pedro Humberto Faria. (orgs). **Textos e debates em representação social**. Porto Alegre, ABRAPSO, 2014.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia na prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 2002, 8ª ed.

APPOLARI, Vinicius Andre da Silva. **Pinturas e sonhos do videogame**: o surrealismo no processo criativo e apreciação de pintura inspirada em jogos eletrônicos. 2015. 165f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade Estadual de Campinas, 2015.

ARENHART, Deise. **Infância, Educação e MST**: quando as crianças ocupam a cena. Chapecó: Argos, 2007.

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF, 1988.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **O direito de sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1985.

BELOTTI, Adília. O que é um filtro de sonhos?. In: **Todos somos um**. Disponível em: <<http://somostodosum.ig.com.br/conteudo/c.asp?id=05394>>; Acesso em: 15 ago. 2016.

BENJAMIN, Walter. **Haxixe**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

_____. **Origem do drama trágico alemão**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a.

_____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

_____. **Rua de mão única – Infância berlinense: 1900**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BÍSCARO, Claudia Regina Renda. **A construção das identidades de gênero na educação infantil**. Campo Grande, 2009. 138 p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005. V.I.

BOLLE, Willi. Walter Benjamin e a cultura da criança. In: BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança o brinquedo a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde, Brasil**. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Brasília: Ministério da saúde, 2012.

BRASIL. **Ministério do Desenvolvimento Social**. Disponível em: <<http://mds.gov.br/assuntos/bolsa-familia>>; Acesso em 23 fev. 2018.

BRETAS, Aléxia. **A constelação do sonho em Walter Benjamin**. São Paulo: Humanitas, 2008.

BUSSOLETTI, Denise Marcos. À deriva: infância, escrita e pesquisa. **Polêm!ca Revista Eletrônica**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 278-287, 2011.

_____. Fisiognomias: Walter Benjamin e a escrita da história através de imagens. **Estudios Historicos** – CDHRP- Año II, Nº 5 – ISSN: 1688 – 5317, Uruguay, 2010a. Disponível em: <<http://www.estudioshistoricos.org/edicion5/0509Fisiognomias.pdf>>; Acesso em: 05 mar. 2018.

_____. **Infâncias Monotônicas - Uma rapsódia da Esperança**: Estudo psicossocial cultural crítico sobre as representações do outro na escrita de pesquisa. Porto Alegre, 2007. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007.

_____. **Margaridas sem Terra**: identidade em representação. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2010b.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Infâncias Monotônicas: representações da alteridade na escrita de pesquisa. In: **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 303 – 313, 2011.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. Por entre fronteiras de uma pedagogia que pauta a educação pelas artes gingando saberes e práticas populares. **Extraprensa**, São Paulo, ano 8, nº 4, p. 41–48, 2014.

CANAL, Carlos Yáñez. El pluralismo de las ciencias sociales: Hacia la construcción de una trama de tramas. In: BUSSOLETTI, D. M.; CANAL, C. Y.; GUEVARA, A. E.; LANDÍN, D. M. (orgs). **Pluralismo nas Ciências Sociais**: da multiplicidade à diferença. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Sobre o pensamento antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 3º ed., 2003.

CARVALHO, Rogerio Teixeira Cathala de. **Sonho dentro de um sonho**: estudo de estruturas narrativas oníricas para o desenvolvimento do roteiro de um videogame. 2014. 153f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Artes) - Universidade de São Paulo, 2014.

CIAMPA, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina**: um ensaio em Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CORRÊA, Eliane Godinho. **O “artesanato de si” de mulheres assentadas do MST**: um processo político pedagógico feminista pelo viés da Educação Popular. 2017. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2017.

CORSARO, William A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

COSTA, Cléber José Silveira da. **Seu Paulo – a escrita no barro**: um Outro Sujeito, um Sujeito Outro, uma Pedagogia Outra, uma Outra Pedagogia. Pelotas, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, 2014.

DICIONÁRIO DE SIMBOLOS. Filtro dos sonhos. In: **Dicionário de símbolos**. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/filtro-sonhos/>>; Acesso em: 16 jan. 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUARTE, Krischna Silveira. **Educação desordeira**: poéticas das infâncias em vídeoarte. 2017. 141f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

FINK, Nadia. **Frida Khalo para chicas y chicos**. Colección Antiprincesas. Buenos Aires: Chirimbote, 2015a.

_____. **Juana Azurdy para chicas y chicos**. Colección Antiprincesas. Buenos Aires: Chirimbote, 2015b.

_____. **Violeta Parra para chicas y chicos**. Colección Antiprincesas. Buenos Aires: Chirimbote, 2015c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire - organizadora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. Prefácio – Pedagogia dos sonhos possíveis: a arte de tornar possível i impossível. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Ana Maria Araújo Freire - organizadora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** – Volume 1. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FURTER, Pierre. **Dialética da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GINZBURG, Jaime. A interpretação do rasto em Walter Benjamin. In: SEDLMAYER, Sabrina; GINZBURG, Jaime (Orgs.). **Walter Benjamin**: rasto, aura e história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GOMES, Debir Soares. **Tecendo sonhos com fios de resistência**: o caso das mulheres rendeiras do Assentamento Maceió – Itapipoca/CE. 2014. 256f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Ceará, 2014.

GRUPO SURREALISTA. Abaixo as ordens de prisão! Abaixo o terror cinza!. In: **BRETON-TROTSKI**: por uma arte revolucionária independente. Valentim Faccioli (Org). São Paulo: Paz e Terra, 1985.

GUI, Roque Tadeu; COELHO, Vera Lúcia Decnop. O Sonhar social: uma experiência no Brasil. **Psicologia**: teoria e pesquisa, Vol. 29 n. 4, pp. 459-468, Out-Dez 2013.

HAERTER, Leandro. **Narrativas quilombolas**: outras histórias e pedagogias. 2017. 204p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

IRMANDADE NATUREZA DIVINA. O filtro dos sonhos. In: **Irmandade Natureza Divina**. Disponível em: <<http://naturezadivina.org.br/textos/cultura-indigena/o-filtro-dos-sonhos/>>; Acesso em: 16 jan. 2017.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e linguagem**: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas, SP: Papirus, 2009.

_____. **Subjetividade em questão**: a infância como crítica da cultura. São Paulo: 7 Letras, 2000.

JODELET, Denise. **Loucura e representações Sociais**. Petrópolis: Vozes 2005.

_____. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: D. Jodelet (Ed.) **Les représentations sociales**. Paris: PUF, 1989, pp. 31-61. Tradução: Tarso Bonilha Mazzotti. Revisão Técnica: Alda Judith AlvesMazzotti. UFRJ- Faculdade de Educação, dez. 1993.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41-59, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

LISBOA, Mariana Mendonça. **Quando o esporte-da-mídia vende sonhos e desejos**: publicidade e infância na Copa do Mundo da FIFA. 2016. 225f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

LÖWY, Michael. **A estrela da manhã**: surrealismo e marxismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **A jaula de aço**: Max Weber e o marxismo weberiano. São Paulo: Boitempo, 2014.

_____. Prefácio - Walter Benjamin, crítico da civilização. In: Walter Benjamin. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. **Revolta e melancolia**: o romantismo na contracorrente da modernidade. São Paulo: Boitempo, 2015.

MACHADO, Ana Maria. O Tao da teia – sobre textos e têxteis. In: **Estudos Avançados**, 17 (49), 2003.

MARTINS, Felipe da Silva. **É pela arte toda, pela história de vida**: as representações da música nas Vivências Griô, da Mestra Sirley Amaro. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

MARK, Karl; ENGLER, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

MENDONÇA, Janiclei Aparecida. **Caleidoscópio de sonhos, memórias, sentidos**: vivos olhares em Hoje é dia de Maria. 2014. 176f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2014.

MINILUA. A lenda do filtro de sonhos. In: **Minilua**. Disponível em: <<https://minilua.com/misticismo-filtro-sonhos/>>; Acesso em: 16 jan. 2017.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOTTA, Aline Villela de Mello; LIMA, Antonio Henrique Maia. Sonhos e desejos da infância Guarani do Pico do Jaraguá, São Paulo. **Interações**, v. 17, n. 4, p. 781-796, out./dez. 2016.

NARANJO, Javier. **Casa das estrelas**: o universo contado pelas crianças. Rio de Janeiro: Foz Editora, 2013.

_____. **Los niños piensan la paz**. Bogotá: Banco de la República, 2015.

NASCIMENTO, Mariane Benetti do. **Sonhos roubados**: o drama da realidade de crianças, adolescentes e jovens à mercê das vulnerabilidades sociais. 2016. 102f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Centro Universitário de Bauru, 2016.

ONUBR – Nações Unidas no Brasil. ONU: após uma década de queda, fome volta a crescer no mundo. In: **ONUBR – Nações Unidas no Brasil**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-apos-uma-decada-de-queda-fome-volta-a-crescer-no-mundo/>>; Acesso em: 28 jan. 2018.

PARENTE, Alessandra Affortunati Martins. A encenação dos sonhos: imagens de Freud e de Benjamin. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XVII n. 1, pp.9-25, jan/jun 2014.

PEREIRA de SÁ, Celso. O conceito e o Estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane (org.). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; JOBIM E SOUZA, Solange. Infância, conhecimento e contemporaneidade. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (orgs.). **Infância e produção cultural**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

PESSANHA, José Américo Motta. Introdução – Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: DIFEL, 1985.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL - PET FRONTEIRAS: Saberes e Práticas Populares, Universidade de Federal de Pelotas, 2012. Disponível em: <<http://pet-saberes-e-praticaspopulares1.webnode.com/projeto-pet-fronteiras/>>; Acesso em: 12 out. 2017.

REFATTI, Denize. **Os sonhos e os caminhos do NHE'E**: uma etnografia da experiência onírica como fonte de conhecimento entre os AVA-GUARANI de OCOY. 2015. 169f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas**, nº 5, 2010.

ROSSI, Marina. 2017: o ano do maior aumento de bilionários da história. In: **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/17/economia/1516220669_272331.html>; Acesso em: 28 jan. 2018.

ROUANET, Sérgio Paulo. Apresentação. In: Benjamin, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Édipo e o Anjo**: itinerários freudianos em Walter Benjamin. 3ªed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

RUDGE, Ana Maria. Sonhos traumáticos na clínica psicanalítica. **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, 19(4), 603-615, dez. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. São Paulo: Cortez, 2005.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: Sarmento, M. e Cerisara, A. **Crianças e Miúdos**: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: Edições ASA, 2004.

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, 2005.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, V.20, n.2. Porto Alegre, p.71-99, 1995.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O Testemunho: entre a ficção e o “real”. In: **História, memória, literatura**: o testemunho na era das catástrofes. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SOARES, Marcos Rogerio. **Juventude e vulnerabilidade social**. 2016. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Salesiano de São Paulo, 2016.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

SOUZA, Nina De Paula Martins Monteiro de. **Mulheres da EJA**: entre sonhos e desafios da continuidade na escolarização de alunas da rede municipal de Seropédica- RJ. 2015. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015.

SPINK, Mary Jane. **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2006.

UNICEF. **Situação Mundial da Infância 2016**: Oportunidades justas para cada criança. 2016. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/SOWC2016_ResumoExecutivo.pdf>; Acesso em: 20 jul. 2018.

VARGAS, Vagner; BUSSOLETTI, Denise Marcos. Surrealismo Etnográfico: Base epistemológica para a pesquisa em artes cênicas. **Revista Boitatá** - GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL, Londrina, n. 20, p. 301-316, Julho 2015. Disponível em: <https://www.academia.edu/22835922/Surrealismo_etnogr%C3%A1fico_Base_epistemol%C3%B3gica_para_a_pesquisa_em_artes_c%C3%AAnicas>. Acesso em: 30 out. 2017.

APÊNDICES

Apêndice 1

Sistematização de dissertações, teses e artigos pesquisado no banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), entre os anos de 2013 e 2017. Foi utilizada a categoria “sonho” para essa sistematização, e selecionados alguns trabalhos que indicam o que se tem pesquisado sobre essa temática no Brasil.

Título da pesquisa	Autora/or	Características	Tipo de publicação/ Ano	Área	Universidade
Os sonhos e os caminhos do Nhe'e: Uma etnografia da experiência onírica como fonte de conhecimento entre os Ava-Guarani de Ocoy	REFATTI, Denize.	Experiência onírica. Processo de transmissão de saberes. Relações existentes entre os sonhos e os Ava-guarani da aldeia indígena Ocoy.	Dissertação / 2015	Antropologia Social	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Estar em movimento é estar vivo. Territorialidade, pessoa e <i>sonho</i> entre famílias tupi guarani	ALMEIDA, Lígia Rodrigues de.	Etnografia que aborda o sonho como dimensão do cosmos e mensagens divinas nas relações de famílias tupi guarani.	Tese/ 2016	Antropologia Social	Universidade de São Paulo
Tecendo sonhos com fios de resistência: O caso das mulheres rendeiras do Assentamento Maceió – Itapipoca/CE	GOMES, Debir Soares.	Relações de gênero. Produção sustentável. Cultura da renda.	Dissertação / 2014	Desenvolvimento e Meio Ambiente	Universidade Federal do Ceará
Caleidoscópio de sonhos, memórias, sentidos: Vivos olhares em Hoje é Dia de Maria	MENDONÇA, Janiclei Aparecida.	Análise da manifestação alegórica na composição audiovisual da série televisiva Hoje é Dia de Maria.	Dissertação / 2014	Letras	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Sonhos roubados: O drama da realidade de	NASCIMENTO, Mariane Benetti do.	Vulnerabilidade social. Práticas de atos	Dissertação / 2016	Direito	Centro Universitário

crianças, adolescentes e jovens à mercê das vulnerabilidades sociais		infracionais. Crianças e jovens em conflitos com a lei.			de Bauru
Pinturas e sonhos do videogame: O surrealismo no processo criativo e apreciação de pintura inspirada em jogos eletrônicos	APPOLARI, Vinicius Andre da Silva.	Processo criativo que consiste em identificar imagens de jogos eletrônicos em sonhos. Hipótese que os sonhos sofrem influências das imagens geradas pelo videogame.	Dissertação / 2015	Artes Visuais	Universidade Estadual de Campinas
Juventude Quilombola: Projetos de vida, sonhos comunitários e luta por reconhecimento	ALVES, Aline Neves Rodrigues.	Compreender as mudanças oriundas do reconhecimento identitário. Jovens-adolescentes quilombolas.	Dissertação / 2015	Educação	Universidade Federal de Minas Gerais
Quando o esporte-damídia vende sonhos e desejos: Publicidade e infância na Copa do Mundo da FIFA	LISBOA, Mariana Mendonça.	Discurso publicitário relacionado à infância. (Re)significações na cultura esportiva das crianças e possíveis implicações para a educação física escolar.	Tese/ 2016	Educação Física	Universidade Federal de Santa Catarina
Mulheres da EJA: Entre sonhos e desafios da continuidade na escolarização de alunas da rede municipal de Seropédica- RJ	SOUZA, Nina De Paula Martins Monteiro de.	Escolarização de mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Relações de gênero.	Dissertação / 2015	Educação	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Sonho dentro de um sonho: estudo de estruturas narrativas oníricas para o desenvolvimento do roteiro de um videogame	CARVALHO, Rogerio Teixeira Cathala de.	Estudo de estruturas narrativas no cinema e nos games construídas a partir do elemento onírico.	Dissertação / 2014	Comunicação e Artes	Universidade de São Paulo
Juventude e Vulnerabilidade Social	SOARES, Marcos Rogerio.	Vulnerabilidade social da juventude e sua relação com a educação. Objetivo de compreender os anseios, expectativas, sonhos e visão de futuro dos adolescentes inseridos no Programa de Bolsas de Estudo.	Dissertação / 2015	Educação	Centro Universitário Salesiano de São Paulo

Sonhos e desejos da infância Guarani do Pico do Jaraguá, São Paulo	MOTTA, Aline Villela de Mello; LIMA, Antonio Henrique Maia.	A partir do convívio com crianças nascidas no Tekoa Pyau, aldeia Guarani, surgiu a necessidade de conhecê-las melhor e pedir-lhes que contassem seus sonhos na forma de desenhos livres.	Artigo/2016	Antropologia Social	<i>Laureate International Education</i> - Universidade Potiguar
A encenação dos sonhos: imagens de Freud e de Benjamin	PARENTE, Alessandra Affortunati Martins	Formação dos sonhos para a psicanálise freudiana e a maneira pela qual o trabalho com cinema se processa na visão de Walter Benjamin.	Artigo/2014	Psicologia	Universidade de São Paulo
O Sonhar social: uma experiência no Brasil	GUI, Roque Tadeu; COELHO, Vera Lúcia Decnop.	Significado social dos sonhos. Potencialidades em processos de intervenção psicológica.	Artigo/2013	Psicologia	Universidade de Brasília
Sonhos traumáticos na clínica psicanalítica	RUDGE, Ana Maria.	Papel dos sonhos como operativos na elaboração dos traumas. Sonhos traumáticos no processo psicanalítico.	Artigo/2016	Psicologia	Universidade Veiga de Almeida

Apêndice 2



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CARTA DE ANUÊNCIA

Ilmo(a) Sr.(a) Diretor(a) _____

Escola _____

Solicito autorização institucional para a realização do projeto intitulado: “Tramando sonhos: representações das infâncias”, a ser realizada na Escola _____, por mim, Tatiani Müller Kohls, aluna de mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Denise Marcos Bussoletti, com o seguinte objetivo: Realizar oficinas de filtro dos sonhos, buscando acessar e permitir a reflexão sobre as representações oníricas infantis, e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo. Bem como, ampliar nossos conhecimentos sobre o universo de significados e representações infantis, focando-se nos sonhos e no princípio de esperança; Dialogar com os estudos culturais críticos, visando o lugar de infância enquanto uma crítica da cultura; Pensar a escrita de pesquisa na infância enquanto um exercício de alteridade.

A partir desse estudo, pretendemos que nossa pesquisa possa contribuir para a compreensão sobre a infância, os sonhos e as representações das crianças. Necessitamos, portanto, ter acesso à escola e a uma turma de educação básica com crianças. Ao mesmo tempo, pedimos autorização para que o nome da escola, fotos e vídeos feitos durante as oficinas possam constar no relatório final bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que os dados coletados bem como os nomes dos/as alunos/as serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados serão utilizados tão somente para realização deste estudo.

Atenciosamente,

Pelotas, __ de novembro de 2017.

Tatiani Müller Kohls – Autora da Pesquisa

() Concordamos com a solicitação () Não concordamos com a solicitação

Diretor(a) _____ RG: _____

Apêndice 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) para participar como voluntário(a) em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que será em duas vias. Uma delas é sua e a outra da pesquisadora responsável.

INFORMAÇÃO SOBRE A PESQUISA

Título da Pesquisa: “Tramando sonhos: representações e infâncias”
 Pesquisadora Responsável: Tatiani Müller Kohls
 Telefone: xxxxxxxxxx E-mail: tatianimuller@gmail.com
 Instituição: Universidade Federal de Pelotas
 Unidade: Faculdade de Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação
 Endereço: Rua Alberto Rosa, nº 154, 2º andar, Várzea do Porto, Pelotas/RS

JUSTIFICATIVA, OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS

A pesquisa objetiva: Acessar e permitir a reflexão sobre as representações oníricas infantis, e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo. Ampliar nossos conhecimentos sobre o universo de significados e representações infantis, focando-se nos sonhos e no princípio de esperança; Dialogar com os estudos culturais críticos, visando o lugar de infância enquanto uma crítica da cultura; Pensar a escrita de pesquisa na infância enquanto um exercício de alteridade. A partir desse estudo, justificamos que nossa pesquisa possa contribuir para a compreensão sobre a infância, os sonhos e as representações das crianças.

A pesquisa será feita na escola, onde as crianças participarão de oficinas de filtro dos sonhos como forma de aproximação do universo infantil. Para isso, as oficinas serão gravadas em áudio e vídeo e fotografadas para a coleta de narrativas sobre os sonhos.

A participação no estudo não acarretará custos para você e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

DECLARAÇÃO DO(A) PARTICIPANTE OU DO(A) RESPONSÁVEL PELO(A) PARTICIPANTE

Eu, _____, abaixo assinado, responsável pela aluna _____, autorizo que ela participe da pesquisa: “Tramando sonhos: representações e infâncias”. Fui informado(a) pela pesquisadora Tatiani Müller Kohls os objetivos da pesquisa e procedimentos, esclareci minhas dúvidas e recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido. Fui também informado sobre os riscos e benefícios desta pesquisa que consistem em: **Riscos:** cansaço ou aborrecimento por parte da criança em participar da atividade proposta; constrangimento ou desconforto diante das gravações de vídeo e áudio e das fotografias; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias; alterações de visões de mundo mediante a proposta da atividade; e por fim, mesmo o pesquisador garantindo o sigilo da pesquisa, leva-se em consideração o risco de quebra de sigilo que possa ocorrer de forma involuntária. **Benefícios:** interação e capacidade das crianças compartilharem e explorarem algo íntimo, como o sonho. Outras questões que se configuram como benefícios: o desenvolvimento de atividades em grupo; a motivação e capacidade das crianças desenvolverem um trabalho artesanal e artístico; a liberdade de criarem seus trabalhos e histórias acerca dos sonhos; o momento de reflexão das atividades onde todas possuem espaço para compartilhar seus sentimentos e observações sobre o trabalho realizado; e o registro

fotográfico realizado durante as oficinas como um instrumento de auto estima quando as crianças entram em contato com o material produzido.

Foi-me garantido a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, a garantia da privacidade de identidade através do sigilo e anonimato, a garantia de que caso haja algum dano os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável, e a garantia de que os dados da pesquisa serão tratados com confidencialidade e responsabilidade por parte da pesquisadora, sendo utilizados apenas para publicações científicas e mantidos guardados no acervo do Núcleo de Arte, Linguagem e Subjetividade, sendo utilizados apenas para este estudo.

Local e data: Pelotas, _____ de _____ de _____.

Nome: _____

Assinatura do sujeito(a) responsável: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

Apêndice 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CARTA INFORMATIVA SOBRE PESQUISA

Senhores pais ou responsáveis, venho, por meio desta, manifestar interesse em realizar uma pesquisa proveniente do Mestrado em Educação da UFPel, na turma de seu(s)/sua(s) filho(s)/filha(s). Nossa temática de pesquisa centra-se nos sonhos. Buscamos com esse trabalho ampliar nosso conhecimento sociológico e educacional acerca das representações infantis através dos sonhos.

É importante destacar aos pais ou responsáveis que as crianças possuem liberdade para participarem ou não da pesquisa. A pesquisa acontecerá seguindo suas vontades. Mesmo após ser iniciada, a criança pode desistir da participação. Seus nomes serão confidenciais. As identidades das crianças serão preservadas. A única coisa da qual utilizaremos deliberadamente são suas narrativas e desenhos sobre os sonhos para fins de pesquisas e publicações científicas.

Nosso contato com os pais através desta carta apenas se deu após a autorização da Direção da Escola. O trabalho de pesquisa passa por um rigoroso comitê de ética para que a pesquisa não apresente riscos a nenhum dos envolvidos. As suas participações são voluntárias, ou seja, não receberão nenhuma remuneração por isto. Esperamos contar com o apoio de vocês.

Estou à disposição para qualquer dúvida. As formas de contato estão no termo de consentimento enviado junto a esta carta e que deve vir assinada para a escola.

Desde já, agradeço a sua atenção.

Tatiani Müller Kohls

Mestranda em Educação – UFPel

Apêndice 5



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “Tramando sonhos: representações e infâncias”. Seus pais ou responsáveis permitiram que você participe.

Queremos refletir sobre as representações oníricas infantis, e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo, ampliando nossos conhecimentos sobre o universo de significados e representações infantis, focando-se nos sonhos e no princípio de esperança; Buscamos também dialogar com os estudos culturais críticos, visando o lugar de infância enquanto uma crítica da cultura e pensar a escrita de pesquisa na infância enquanto um exercício de alteridade.

As crianças que irão participar dessa pesquisa têm de 09 a 12 anos de idade. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu, não terá nenhum problema se desistir.

A pesquisa será feita no Instituto São Benedito, onde as crianças participarão de oficinas de filtro dos sonhos como forma de aproximação do universo infantil. Para isso, as oficinas serão gravadas em áudio e vídeo e fotografadas para a coleta de narrativas sobre os sonhos. O uso do material coletado, fotografias, áudio e vídeo são considerados seguros, mas é possível ocorrer **riscos**, como: cansaço ou aborrecimento por parte da criança em participar da atividade proposta; constrangimento ou desconforto diante das gravações de vídeo e áudio e das fotografias; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias; alterações de visões de mundo mediante a proposta da atividade; e por fim, mesmo o pesquisador garantindo o sigilo da pesquisa, leva-se em consideração o risco de quebra de sigilo que possa ocorrer de forma involuntária.

Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones xxxxxxxxxx da pesquisadora Tatiani Müller Kohls.

Mas há **coisas boas** que podem acontecer como: interação e capacidade das crianças compartilharem e explorarem algo íntimo, como o sonho. Outras questões que se configuram como benefícios: o desenvolvimento de atividades em grupo; a motivação e capacidade das crianças desenvolverem um trabalho artesanal e artístico; a liberdade de criarem seus trabalhos e histórias acerca dos sonhos; o momento de reflexão das atividades onde todas possuem espaço para compartilhar seus sentimentos e observações sobre o trabalho realizado; e o registro fotográfico realizado durante as oficinas como um instrumento de auto estima quando as crianças entram em contato com o material produzido.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos a pesquisa iremos divulgá-la na escola, através de uma exposição com as narrativas e fotos das oficinas, mas sem identificar as crianças que participaram.

Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar. Eu escrevi os telefones na parte de cima desse texto.

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Tramando sonhos: representações e infâncias”, que tem o objetivo refletir sobre as representações oníricas infantis, e as múltiplas formas que as crianças possuem de ver e entender o mundo. Entendi as coisas

ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar furioso. Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Pelotas, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor: _____

Assinatura da pesquisadora: _____